

Sanádia Gama dos Santos
Graciele Oliveira Faustino
Amanda Cavalcante de Macêdo
Orgs.

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA UNIVERSIDADE:

IMPACTOS PARA O FORTALECIMENTO
DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO
NO TERRITÓRIO ALAGOANO

Sanadia Gama dos Santos
Graciele Oliveira Faustino
Amanda Cavalcante de Macêdo
(Org.)

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA UNIVERSIDADE: IMPACTOS PARA O FORTALECIMENTO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO TERRITÓRIO ALAGOANO



Arapiraca/AL
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Reitor: Odilon Máximo de Moraes

Vice-Reitor: Anderson de Almeida Barros

Diretor da Eduneal: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

CONSELHO EDITORIAL DA EDUNEAL

Presidente: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

Titulares

Professores:

José Lidemberg de Sousa Lopes

João Ferreira da Silva Neto

Luciano Henrique Gonçalves da Silva

Natan Messias de Almeida

Maria Francisca Oliveira Santos

Márcia Janaína Lima de Souza - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Suplentes

José Adelson Lopes Peixoto

Edel Guilherme Silva Pontes

Maryny Dyellen Barbosa Alves Brandão

Ariane Loudemila Silva de Albuquerque

Ahiranie Sales dos Santos Manzoni

Elisângela Dias de Carvalho Marques - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Planejamento do Projeto gráfico e diagramação

Mariana Lessa de Santana

Capa

Amanda Cavalcante de Macêdo e Renildo Ribeiro-de-Siqueira

Revisão

Sanadia Gama dos Santos

Formatação

Ricardo Santos de Almeida

Catálogo na Fonte

-
- A185 Ações extensionistas na universidade : impactos para o fortalecimento da curricularização da extensão no território alagoano / Sanadia Gama dos Santos, Graciele Oliveira Faustino, Amanda Cavalcante de Macêdo (Org.). – Arapiraca : Eduneal, 2025.
310 p. il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-6061-055-2.

1. Extensão - Programas. 2. Pesquisa. 3. Ensino. 4. Universidade Estadual de Alagoas. 5. Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas. I. Santos, Sanadia Gama dos, org. II. Faustino, Graciele Oliveira, org. III. Macêdo, Amanda Cavalcante de, org.

CDU: 378(813.5)

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

Boaventura de Sousa Santos (2000, p. 119) argumenta que a Universidade

[...] sempre esteve comprometida socialmente com alguém. Na medida em que entendemos que a Universidade é uma instituição social, torna-se ilógico tentar tratá-la de forma dicotômica, como se Universidade e Sociedade fossem entidades autônomas. O contexto socioeconômico, político e cultural que circunscreve a academia também a perpassa, portanto, Universidade e Sociedade evoluem, conjuntamente, em relações recíprocas e de maneira dialética.



SUMÁRIO

PREFÁCIO _____ 11

Maria Anezilany Gomes do Nascimento

APRESENTAÇÃO _____ 21

As organizadoras

**1. EXTENSÃO, TEATRO E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA
EM SAÚDE: DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS
PARA ALÉM DA TÉCNICA** _____ 23

Amanda Cavalcante de Macêdo

Elisangela Francisca Silva de Melo

**2. AÇÕES EM TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL
NA ESCOLA PÚBLICA: INTEGRANDO ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO** _____ 37

Waldez Cavalcante Bezerra

Lucas Gomes de Lima

Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva

**3. CORO UNCISAL: A EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA
OBTIDA ATRAVÉS DA INTEGRAÇÃO ENTRE A PRÁTICA
DO CANTO CORAL E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL
NO CONTEXTO DA EXTENSÃO** _____ 55

Rodrigo Andrade Teixeira

Mirela Rocha Pinto



4. DESAFIOS DA EXTENSÃO NAS COMUNIDADES EM SITUAÇÃO DE FRAGILIDADE SOCIOECONÔMICA: SEGURANÇA NO TRABALHO PARA MULHERES NO CICLO PRODUTIVO DO SURURU EM MACEIÓ, ALAGOAS __ 69

Ewerton Amorim dos Santos
Karina Rossana Menezes Schüssler
Joseilda Belarmino da Silva

5. PROMOÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR VOCAL DOCENTE – PROVOZ _____ 89

Edna Pereira Gomes de Morais
Vanessa Fernandes de Almeida Porto
Marília Gabriela Correia Serafim

6. RELATOS E REFLEXÕES DE UMA AÇÃO DIGITAL COM IDOSOS POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS _____ 107

Cynara Maria da Silva Santos
Railma Barbosa Silva
Julyana de Araújo Rodrigues

7. PENSAMENTO COMPUTACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O USO DO SCRATCH NO ENSINO FUNDAMENTAL II _____ 123

Alex Melo da Silva
Paulo Marinho Gomes
Nilton Marques da Silva

8. A FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO DO PRÉ-ENEM VOLUNTÁRIO DA UNCISAL _____ 139

Marily Oliveira Barbosa
Alessandro de Melo Omena
Alfredo Augusto Fernandes dos Santos

**9. DISSEMINANDO O CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS
MEDICINAIS POR MEIO DA LUDICIDADE ENTRE
JOVENS DO ENSINO PÚBLICO _____ 159**

*Vitória Josefa Queiroz de Macedo
José Cicero Oliveira da Silva
Taline Cristina da Silva*

**10. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O ENSINO DE
LÍNGUA ESPANHOLA NA UNEAL _____ 179**

*Janiele Delmiro da Silva
Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima*

**11. OS FÓRUNS DE EXTENSÃO COMO FERRAMENTA
DE ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL:
UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE ALAGOAS _____ 199**

*Graciele Oliveira Faustino
Sanádia Gama dos Santos*

**12. TRAJETÓRIA INTERINSTITUCIONAL DE
IMPLANTAÇÃO DA FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOBRE EQUIDADE NO TRABALHO EM SAÚDE _____ 217**

*Ana Lydia Vasco de Albuquerque Peixoto
Maria Lucélia da Hora Sales
Maria Margareth Ferreira Tavares*

**13. DIÁLOGOS QUE TRANSFORMAM: A EXPERIÊNCIA
DE CRESCIMENTO PESSOAL NO GRUPO REFLEXIVO
INCONFORMADES _____ 235**

*Augusto Ferreira Ramos Filho
Roberta Aguiar dos Santos
José França de Lima Neto*

**14. UM FUTURO SUSTENTÁVEL É POSSÍVEL?
IMPLANTAÇÃO DE COMPOSTEIRAS A PARTIR DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL, NA ESCOLA MUNICIPAL
PROFESSORA MARINETE NEVES EM PALMEIRA
DOS ÍNDIOS/AL _____ 251**

*Phaallomma Vhaallercya Kennya Santos de Mascarenhas
Rousy Clarice Bezerra dos Santos Lima
Taline Cristina da Silva*

**15. A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DA CRIAÇÃO,
IMPLEMENTAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS AQUALTUNE
NO CAMPUS V - UNIÃO DOS PALMARES/AL DA UNEAL __ 271**

*Adriana Rocely Viana da Rocha
Dariana Nunes dos Santos*

**16. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PALMEIRA
DOS ÍNDIOS: CULTURA, TRADIÇÕES E SABERES
DO LUGAR NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL
NOÉ SIMPLÍCIO _____ 293**

Ana Cristina de Lima Moreira



PREFÁCIO

Quem colhe os frutos da extensão que aproxima o povo de nossas instituições? Quem ganha com uma extensão que democratiza a educação superior, promove a igualdade de oportunidades e considera as exigências da realidade na produção e partilha de conhecimentos?

Este livro compartilha experiências de projetos e programas que contribuíram na formação das comunidades acadêmicas na Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e na Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). São relatos de ações interdisciplinares que expressam a concepção de extensão consolidada pela Política Nacional de Extensão, a começar pelo exercício da autotransformação que a via de mão-dupla entre academia e sociedade permite, na práxis do conhecimento acadêmico. Mais do que aplicar e transferir conhecimento, as experiências relatadas pelos projetos apresentadas, ao passo que aproximam as universidades alagoanas de seus territórios, aproximam essas universidades de suas missões precípuas: tornarem-se universidades do povo. Já dizia Freire: para ser popular, ela (a universidade) precisa deixar de excluir os filhos do povo.

Por meio da extensão, olha-se nesta obra para uma Uneal e uma Uncisal que fortalecem os vínculos com as demandas locais, com as comunidades, por uma filosofia da ação científica que incorpora saberes, ideias e experiên-



cias para repertoriar novos conhecimentos. Nos trabalhos a seguir, observa-se a sistematização de ações das diversas áreas de Extensão correspondentes a grandes focos de política social.

A transição do paradigma tecnicista para uma abordagem humanizada e holística na formação em saúde é abordada no capítulo EXTENSÃO, TEATRO E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM SAÚDE: DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA ALÉM DA TÉCNICA, de Amanda de Macêdo e Elisângela de Melo. Aproximar os estudantes da realidade dos pacientes e dos contextos comunitários é o foco dessa abordagem. Utilizando as metodologias ativas e o teatro, as autoras confrontam a formação biologicista e fragmentada na profissionalização em saúde, pela qual o corpo humano se concebe como máquina e o foco da atenção é a doença. Abordando o avanço das diretrizes educacionais, que reconhecem as dimensões humana e social do cuidado na formação em saúde, as autoras evidenciam estratégias pedagógicas de fortalecimento da empatia, da ética e da comunicação e socializam a experiência das oficinas de teatro realizadas no Projeto de Extensão Saber + Saúde da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal).

No capítulo AÇÕES EM TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NA ESCOLA PÚBLICA: INTEGRANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO os autores Waldez Bezerra, Lucas Lima e Rodrigo da Silva apresentam o projeto de extensão ATOS: Ações em Terapia Ocupacional Social, que se alicerça na terapia ocupacional social com foco nas juventudes



pobres. O projeto articula universidade e escola, desenvolvendo atualmente ações de formação dos docentes e gestores da escola, acompanhamento de estudantes na disciplina Projeto de Vida no Ensino Fundamental II e apoio na estruturação, funcionamento e manutenção dos clubes juvenis do Ensino Médio. A contribuição para a formação teórico-prática e sócio-referencial dos estudantes de terapia ocupacional da Uncisal é o centro da reflexão, que destaca o papel ético, técnico e político da terapia ocupacional e suas contribuições no enfrentamento das expressões da questão social contemporânea.

A prática do canto coral e sua contribuição para a educação interprofissional na área da saúde é o foco do capítulo CORO UNCISAL: A EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA OBTIDA ATRAVÉS DA INTEGRAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DO CANTO CORAL E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO CONTEXTO DA EXTENSÃO, dos autores Mirela Rocha e Rodrigo Teixeira. Ao considerar o fazer extensão por meio da arte e da interação, o texto reforça a contribuição do canto coral não apenas em habilidades, como desenvolvimento vocal, mas também na difusão de etnias e culturas, integração e inclusão social, reforço das relações interpessoais e responsabilidade compartilhada.

A experiência do projeto de extensão “Mulheres Guerreiras”, da UNCISAL foi uma parceria entre a comunidade acadêmica dos cursos de Tecnologia em Segurança no Trabalho e Alimentos e um grupo de mulheres envolvidas na extração e beneficiamento do sururu, nas favelas Sururu de Capote e Mundaú, em Maceió, Alagoas. Esta ex-



periência é relatada no capítulo DESAFIOS DA EXTENSÃO NAS COMUNIDADES EM SITUAÇÃO DE FRAGILIDADE SOCIOECONÔMICA: SEGURANÇA NO TRABALHO PARA MULHERES NO CICLO PRODUTIVO DO SURURU EM MACEIÓ, ALAGOAS, de Ewerton dos Santos, Karina Schüssler e Joseilda da Silva. O capítulo destaca a mariscagem como atividade informal, os desafios para a aplicação da legislação trabalhista e, em decorrência, os riscos à saúde e segurança das marisqueiras, as ações de promoção da segurança no trabalho implementadas pelo projeto e uma avaliação da adesão das mulheres às propostas. O capítulo reforça o papel da extensão no apoio à inserção sócio-produtiva e o fortalecimento de coletivos auto-gestionários, em meio aos inúmeros desafios que enfrentam esses coletivos.

A parceria entre a UNCISAL e outras instituições de ensino para a promoção da saúde e do bem-estar vocal de docentes é abordada no capítulo PROMOÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR VOCAL DOCENTE - PROVOZ, das autoras Edna de Moraes, Vanessa Porto e Marília Serafim. Elas apresentam o projeto de extensão PROVOZ e as ações de promoção de práticas saudáveis e prevenção de condições vocais prejudiciais, envolvendo também gestores no debate da saúde como bem-estar integral.

O uso de ferramentas de comunicação pela internet, com foco no público de idosos, em Maceió, é tratado no capítulo RELATOS E REFLEXÕES DE UMA AÇÃO DIGITAL COM IDOSOS POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, de Cynara Santos, Margareth Tavares e Railma Silva. Pela experiência de extensão relatada, que perpassa o debate sobre



a pedagogia do multiletramento, podemos refletir sobre o papel da extensão no contexto da sociedade técnico-científico-informacional cujas velozes transformações geram contingentes de excluídos digital e socialmente, universo em que se destaca a população idosa. A inclusão digital de idosos e a integração intergeracional entre este público e os estudantes extensionistas são destacadas como contributos para a autonomia digital no desenvolvimento de atividades cotidianas.

Nesta mesma perspectiva de acesso e inclusão digital, no contexto de evolução das TIC, entretanto, com foco na educação formal, em uma escola de Alagoas, os autores Alex da Silva, Paulo Gomes e Nilton da Silva apresentam o capítulo PENSAMENTO COMPUTACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O USO DO SCRATCH NO ENSINO FUNDAMENTAL II. Abordam um projeto de extensão com foco no pensamento computacional, realizado no ano de 2023, envolvendo estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental, discentes de Enfermagem da UNCISAL, tecnólogo em sistemas para internet, gestores e docentes de uma Escola Estadual de Maceió. Como no capítulo anterior, destaca-se a importância do letramento tecnológico avançado, neste caso, para a construção de sujeitos que são produtores de tecnologia e não apenas consumidores passivos.

No capítulo A FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO DO PRÉ-ENEM VOLUNTÁRIO DA UNCISAL, dos autores Marily Barbosa, Alessandro Omena e Alfredo dos Santos, destaca-se o papel da extensão para a democratização do acesso



da população vulnerável ao ensino superior. No capítulo, os autores destacam o apoio de profissionais em formação das áreas de Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Medicina, Matemática e Física em diferentes atividades, desde a formação para a monitoria dos estudantes universitários, a seleção de membros da comunidade externa e o planejamento e execução das lecionações. Destaca-se a parceria com outras universidades alagoanas nesta ação.

A experiência de compartilhar histórias e construir um espaço seguro em um grupo reflexivo é abordada no capítulo DIÁLOGOS QUE TRANSFORMAM: A EXPERIÊNCIA DE CRESCIMENTO PESSOAL NO GRUPO REFLEXIVO INCONFORMADES, dos autores Augusto Ramos Filho, Roberta dos Santos e José França de Lima Neto. O texto apresenta a difusão e o crescimento dos grupos reflexivos como estratégia de combate à violência de gênero, promoção da equidade de gênero e contribuição para a autodescoberta e acolhimento. Os autores destacam a pluralidade de identidades e de vivências individuais que perpassam as instituições, o que pressupõe a promoção destes espaços como seguros e acolhedores, de modo que se possa garantir a existência de forma livre e respeitosa, parâmetros de uma sociedade mais justa e democrática.

Outra importante experiência de extensão realizada em instituição de educação básica buscou aproximar a comunidade escolar do conhecimento científico sobre as propriedades terapêuticas das plantas, envolvendo atividades práticas em laboratório, intervenções lúdicas e



artísticas, como a arte botânica e o eco-printing. No capítulo DISSEMINANDO O CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS POR MEIO DA LUDICIDADE ENTRE JOVENS DO ENSINO PÚBLICO, os autores Vitória de Macedo, José Cicero da Silva e Taline da Silva conectam a saúde e bem-estar com valorização dos saberes tradicionais para fortalecimento da identidade cultural e do conhecimento historicamente acumulado. Entre as ações relatadas, destaca-se a criação de horta medicinal, práticas laboratoriais, rodas de conversa, produção de mudas, coleta seletiva e compostagem, com estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental.

No capítulo A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA UNEAL, de Janiele da Silva e Jeylla Salomé Lima, as autoras destacam a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, por meio da pesquisa-ação, para apoiar o acesso à língua estrangeira e o ingresso à Educação Superior, pelo ENEM.

O papel das pró-reitorias de extensão como bússolas para a efetivação de uma educação superior mais popular, emancipatória, atuante em áreas de relevância social e propulsora de metodologias ativas, dialógicas e construídas horizontalmente, pode ser vista no capítulo OS FÓRUNS DE EXTENSÃO COMO FERRAMENTA DE ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS, produzido por Sanadia Santos e Graciele Faustino. O trabalho apresenta a realização de fóruns de extensão realizados em 2023, como instâncias privilegiadas de articulação, mobilização social para a promoção da participação social e de interlocução



entre a universidade, segmentos sociais e poder público. Com a experiência da PROEXT UNEAL, reforça-se o exercício de diálogo com as demandas comunitárias e territoriais.

A parceria entre a UNCISAL e a UNEAL a partir do PET Saúde Equidade é ressaltada no capítulo TRAJETÓRIA INTERINSTITUCIONAL DE IMPLANTAÇÃO DA FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR SOBRE EQUIDADE NO TRABALHO EM SAÚDE, das autoras Ana Lydia Peixoto, Lucélia Sales e Margaret Tavares. O trabalho destaca a dimensão interdisciplinar entre os cursos da saúde e das ciências sociais aplicadas, em articulação com as questões de gênero, sexualidade, etnia, as deficiências e as interseccionalidades no trabalho em saúde, no âmbito da saúde mental e das violências que perpassam a maternagem e o acolhimento de mulheres homens trans e outras pessoas que gestam. A curricularização dessas temáticas e a adoção de uma linguagem no ambiente do ensino e do serviço são tratadas no capítulo.

No capítulo UM FUTURO SUSTENTÁVEL E POSSÍVEL? IMPLANTAÇÃO DE COMPOTEIRA A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, O EXEMPLO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA MARINETE NEVES EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS/ALAGOAS, de Kenny Santos Mascarenhas, Rousy Clarice Bezerra dos Santos Lima e Taline Cristina da Silva. O projeto se alicerça no chão da escola de um município do agreste de Alagoas a partir das marcas ambientais e sustentáveis, a partir de um trabalho com materiais orgânicos e com envolvimento da escola e Universidade contribuindo na conscientização e educação ambiental de forma crítica e promovendo a consciência sustentável



As autoras Adriana Rocha e Dariana Santos apresentam uma experiência curricular de extensão com foco na efetivação das diretrizes para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História e da cultura afro-brasileira, conforme as Leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008. No capítulo A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DA CRIAÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS, APRESENTAM O NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – NEAB AQUALTUNE/UNEAL, apresentam o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Alagoas – NEAB AQUALTUNE/UNEAL, como unidade acadêmica interdisciplinar, com atividades que reforçam a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão no tratamento das questões étnico-raciais e de gênero no Brasil. Trata-se de um chamado à formação antirracista de futuros docentes, perpassando o debate sobre: enfrentamento ao feminicídio e a homofobia, com um olhar sobre a realidade da população negra do estado de Alagoas; as comunidades quilombolas; a mulher alagoana, sobretudo a mulher negra e a existência e resistência da população lgbtqiapn+ local.

A vertente humanístico-cultural da Geografia e as dimensões do lugar, das memórias, dos ritos e da religiosidade popular no cotidiano são o mote para o projeto de extensão que Ana Cristina Moreira de Lima apresenta no capítulo EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS: CULTURA, TRADIÇÕES E SABERES DO LUGAR NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL NOÉ SIMPLÍCIO. Compreendendo a escola como espaço primordial de de-



envolvimento da comunicação, da oralidade, da escrita e da vivacidade dos hábitos e costumes de um povo, a autora lança mão da contação de histórias no Ensino fundamental para resgatar tradições, como a cavalhada e a banda de pífano, presentes nas procissões de Santos das festas dos padroeiros, uma tradição desde a época do Brasil Colônia. O texto nos convida a um exercício interdisciplinar que aproxima geografia, história e artes na ressignificação de tradições culturais na contemporaneidade.

Convidamos você, leitor, a refletir, por meio destas experiências, sobre como ganhamos todos e colhemos todos os frutos de uma formação que incorpora a dimensão sócio-relacional e que amplia o eixo científico-pedagógico professor-estudante ao incorporar a comunidade no processo formativo, na produção do conhecimento e na (auto) transformação. Que este livro inspire novas ideias, experiências e recrudesça nosso compromisso com a sociedade.

Maria Anezilany Gomes do Nascimento

Pró-Reitora de Extensão da Universidade Estadual do Ceará e
Presidente do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições
Públicas de Educação Superior Brasileiras





APRESENTAÇÃO

Este livro reúne experiências na modalidade de projetos e programas de extensão, com uma diversidade de ações de natureza interdisciplinar, no âmbito da Universidade Estadual de Alagoas – Uneal e da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas - Uncisal. A proposta tem o interesse de dar visibilidade à relevância do trabalho realizado pelas duas universidades do Estado de Alagoas, sob a coordenação das pró-reitorias de extensão, no intuito de fortalecimento da extensão, sob a Resolução Normativa CNE 07/2018.

A proposta também possui uma natureza do exercício do trabalho em redes, compreendendo que a extensão tem uma visão além-fronteiras dos muros da Universidade, e neste exercício, a Uneal e a Uncisal, duas universidades estaduais no estado de Alagoas, compreendem a importância do verdadeiro trabalho colaborativo e participativo com vistas a dar respostas de impacto social nos territórios alagoanos, em suas mais diversas áreas do conhecimento, entrelaçando as demandas sociais locais, de maneira dialógica e participativa.

Este livro organizado demonstra ser possível e de grande importância sistematizar a extensão associada ao




fazer pesquisa, como elementos fundamentais ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Desejamos que este livro também sirva de referência e de contribuições para novos projetos no âmbito da extensão, como também sirva de material complementar para pesquisas e desdobramentos no trabalho acadêmico e na inserção curricular.

Ótima leitura com tons de cores em suas diversas nuances da vida!

As organizadoras





1. EXTENSÃO, TEATRO E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM SAÚDE: DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA ALÉM DA TÉCNICA

Amanda Cavalcante de Macêdo

<https://orcid.org/0000-0002-4630-2771>

E-mail: amanda.macedo@uncisal.edu.br

Elisangela Francisca Silva de Melo

<https://orcid.org/0000-0003-0804-6903>

Email: elisangela.melo@uncisal.edu.br



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O teatro sempre teve um papel transformador, seja como forma de expressão artística, ferramenta pedagógica ou até mesmo espaço para reflexão social. Mas o que acontece quando o incorporamos à formação em saúde? É possível ir além da técnica e alcançar competências mais profundas, que tocam as dimensões humanas e relacionais do cuidado?

Ao pensar na formação universitária em saúde, a imagem que frequentemente nos vem à mente é de currículos densos, repletos de conteúdos técnicos e científicos. No entanto, a prática de saúde exige algo mais: empatia, comunicação eficaz, trabalho em equipe, criatividade, resiliência.

Essas são habilidades que nem sempre encontram espaço nos currículos tradicionais, mas que são fundamentais para um cuidado humanizado. É nesse contexto que o teatro entra em cena.

Experiências teatrais têm se mostrado poderosas para ajudar estudantes a desenvolver habilidades socioemocionais, como empatia e autocontrole (Gilbert et al., 2023). Mais do que isso, o teatro proporciona um ambiente seguro e criativo para experimentar, errar e crescer. Ao explorar diferentes papéis e situações, os participantes aprendem sobre si mesmos e sobre o outro, aprimorando sua capacidade de se comunicar e compreender perspectivas diversas.

No contexto da extensão universitária, o teatro ganha ainda mais força. A extensão é, por essência, uma ponte entre o saber acadêmico e as realidades comunitárias. Quando usamos o teatro como uma ferramenta dentro dessa prática, criamos um espaço dinâmico e inovador em que os estudantes podem se preparar para lidar com situações imprevisíveis e complexas (uma realidade comum no trabalho em saúde) (Merhy, 1997).

Neste artigo, apresentaremos a evolução da formação em saúde, destacando a transição do paradigma biologicista e fragmentado para uma abordagem mais humanizada e holística. Além disso, compartilharemos a experiência das oficinas de teatro realizadas no Projeto de Extensão Saber + Saúde da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), para evidenciar como essas atividades contribuíram para o desenvolvimento de competências essenciais nos estudantes e como o teatro pode ser uma es-



estratégia pedagógica inovadora na formação de profissionais de saúde alinhados a esse novo paradigma.

EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO EM SAÚDE: DO PARADIGMA BIOLOGICISTA À ABORDAGEM HUMANIZADA

Historicamente, a formação em saúde esteve ancorada em uma perspectiva tecnicista e biologicista, fruto da consolidação de avanços científicos e tecnológicos entre os séculos XIX e XX. Nesse modelo, o corpo humano era tratado como uma máquina, e a doença, como um defeito a ser corrigido por meio de intervenções técnicas.

As instituições de ensino priorizavam a formação de profissionais com habilidades mecânicas e específicas para diagnóstico e tratamento, negligenciando aspectos emocionais, culturais e sociais do cuidado. Essa abordagem fragmentada, ainda que eficiente para lidar com condições agudas, falhava em reconhecer o ser humano como um todo integrado. Essa limitação reforça a importância de estratégias pedagógicas que abordem a complexidade das relações humanas e favoreçam o desenvolvimento de competências, como a empatia e a escuta ativa.

No decorrer do século XX, cresceu a insatisfação com o modelo biologicista, incapaz de responder adequadamente às demandas geradas por doenças crônicas, transtornos mentais e desigualdades sociais. Pesquisadores começaram a propor modelos educacionais mais inclusivos, que reconhecessem os determinantes sociais da saúde. A indiferença



para com os aspectos subjetivos e culturais do adoecimento tornava o cuidado pouco acolhedor e ineficaz.

Nesse contexto, o uso de metodologias ativas, como o teatro, surgiu como uma ferramenta valiosa para ressignificar a formação em saúde. O teatro estimula os futuros profissionais a refletirem sobre suas práticas, explorarem emoções e experimentarem o ponto de vista do paciente, promovendo uma abordagem que vai além da técnica e considera a integralidade do ser humano.

A partir das décadas de 1970 e 1980, movimentos sociais e reformas educacionais começaram a questionar o modelo tradicional e a defender uma formação mais alinhada às necessidades reais das populações, tendo algumas delas uma teoria educacional de cunho emancipatório (Freire, 2019). A Declaração de Alma-Ata (1978) salientou a atenção primária à saúde e a promoção da saúde como estratégias centrais para alcançar “saúde para todos”.

No Brasil, a Reforma Sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) impulsionaram mudanças nos currículos das profissões da saúde, orientando-os para a integralidade e a humanização do cuidado. Nesse cenário, o teatro e outras práticas artísticas ganharam destaque como ferramentas pedagógicas.

Com a adoção de novas diretrizes educacionais, a formação em saúde passou a incorporar disciplinas que valorizam as dimensões humana e social do cuidado, promovendo a empatia, a ética e a comunicação (Ceccim; Feuerwerker, 2004; Morin, 2001). As metodologias ativas,



como a problematização e o uso do teatro, transformaram as práticas pedagógicas, aproximando os estudantes da realidade dos pacientes e dos contextos comunitários.

Ressaltamos, nesse ínterim, que o teatro, ao criar situações simuladas e dramáticas, estimula habilidades interpessoais, promove a reflexão crítica sobre a prática profissional e fortalece o vínculo entre os futuros profissionais e as comunidades atendidas. Esse movimento representa uma ruptura com a fragmentação biologicista, favorecendo uma abordagem integral que coloca o paciente como sujeito ativo no processo de cuidado.

Embora a formação em saúde tenha avançado em direção a uma visão mais integral e humanizada, ainda enfrenta desafios significativos. A resistência a mudanças, a fragmentação disciplinar e a sobrecarga nos serviços de saúde dificultam a implementação plena de um modelo holístico. No entanto, práticas pedagógicas inovadoras, oferecem caminhos promissores para superar essas barreiras. Ao proporcionar vivências que aproximam os estudantes das realidades emocionais e sociais dos pacientes, o teatro não apenas “humaniza” a formação, mas também prepara os profissionais para lidarem com a complexidade das relações interpessoais e com os desafios do cuidado em um sistema de saúde comprometido com a equidade e com a dignidade humana.



HABILIDADES DESENVOLVIDAS A PARTIR DO TEATRO

A experiência que estaremos relatando foi construída a partir de cinco oficinas de teatro realizadas ao longo de maio de 2024 na Uncisal, em Maceió, Alagoas. As oficinas foram conduzidas por Naeliton Santos, ator, diretor e professor de teatro, e contaram com a participação de 22 estudantes de diferentes cursos, como Enfermagem, Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Radiologia. Esses momentos fizeram parte da trilha formativa dos estudantes extensionistas do Projeto de Extensão Saber + Saúde da Uncisal que tem como objetivo disseminar informações seguras sobre saúde e combater a desinformação.

Durante essas atividades, exploramos dinâmicas de expressão corporal, jogos teatrais e técnicas de improvisação. A ideia central era preparar os extensionistas para o contato com a comunidade, promovendo o desenvolvimento de competências como empatia, comunicação, criatividade, trabalho em equipe e autoconfiança. Além das observações durante as oficinas, utilizamos registros em diários de campo e relatos dos participantes para compreender os impactos dessa vivência em suas formações.

As oficinas de teatro desempenharam um papel crucial no aprimoramento da comunicação eficaz dos estudantes, o que é especialmente relevante no contexto da saúde. Segundo Spolin (2000), o teatro oferece um ambiente em que os indivíduos podem explorar e aprimorar suas capacidades de comunicação de maneira segura e criativa. No campo da saúde, essas habilidades são essenciais, pois



a clareza na comunicação pode influenciar diretamente a qualidade do atendimento prestado aos pacientes (Lewandowska; Weźiak-Białowolska, 2022). Observamos uma melhoria expressiva na capacidade de comunicação, com os participantes relatando maior clareza e segurança ao se expressarem em público.

A empatia, considerada essencial na prática de saúde (Muller et al., 2024), foi amplamente mencionada pelos participantes como uma habilidade reforçada pelas dinâmicas teatrais, que permitiram vivenciar diferentes perspectivas e compreender melhor as emoções alheias. O teatro é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da empatia, uma competência fundamental na formação de profissionais de saúde.

De acordo com Boal (1992), o teatro permite que os participantes se coloquem no lugar do outro, vivenciando diferentes perspectivas e emoções. Esse processo de “subjetivação compartilhada” é crucial para a prática clínica, na qual a compreensão das necessidades e dos sentimentos do paciente é fundamental para a prestação de um cuidado eficaz e humanizado (Moudatsou et al., 2020).

Adicionalmente, as oficinas promoveram o fortalecimento do trabalho em equipe através de atividades que exigiam cooperação e confiança mútua, aspectos essenciais no contexto de saúde (Araújo; Rocha, 2007). A partir do teatro, os participantes aprendem a confiar uns nos outros e a trabalhar em conjunto para alcançar um objetivo comum. Autores apontam que a prática teatral pode fortalecer a coesão do grupo e melhorar a eficácia das equipes, o que é



diretamente aplicável ao trabalho em ambientes de saúde, onde a interdependência e a colaboração são fundamentais para o sucesso (Cowperthwait et al., 2015).

A criatividade e a flexibilidade dos participantes também foram estimuladas, refletindo-se em uma maior capacidade de lidar com situações inesperadas, habilidade crucial em ambientes de saúde, onde a imprevisibilidade é uma constante (Hainselin; Aubry; Bourdin, 2018).

As atividades teatrais incentivam os participantes a pensar “fora da caixa” e a se adaptar rapidamente a novas situações, habilidades que são particularmente valiosas em contextos de constante mudança (Goyal et al., 2024). Segundo Johnstone (2007), a improvisação no teatro desenvolve a capacidade de adaptação e a prontidão, características que podem ser transferidas para o atendimento ao paciente e a resolução de problemas no dia a dia clínico.

Participar de atividades teatrais também contribuiu para o aumento da autoconfiança dos estudantes. O processo de se apresentar diante de outros e explorar diferentes papéis pode ajudar a construir a confiança necessária para enfrentar desafios profissionais e tomar decisões assertivas. De acordo com Stevenson et al. (2021), o teatro pode ser uma ferramenta eficaz para aumentar a confiança em habilidades interpessoais e de comunicação, que são fundamentais na prática clínica.



POTENCIAL EDUCATIVO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

O teatro se mostrou uma ferramenta inovadora na formação dos estudantes de saúde da Uncisal, proporcionando-lhes uma experiência formativa que vai além dos currículos tradicionais. A utilização de metodologias ativas, como o teatro, alinha-se às diretrizes da extensão universitária, que busca uma formação crítica, reflexiva e humanizadora dos estudantes (Brasil, 2018; Santos et al., 2021).

Vale destacar que incorporar o teatro na formação em saúde através da extensão representa uma abordagem interdisciplinar que valoriza a formação integral dos estudantes. Isso reflete uma tendência crescente na educação em saúde de integrar artes e humanidades para promover uma educação mais holística e centrada no ser humano. De acordo com Gao e colaboradores (2015), a integração de disciplinas como o teatro na formação de profissionais de saúde pode levar a uma maior empatia e compreensão, promovendo uma prática mais ética e humanizada.

Também é possível apontar o teatro como uma prática que tem o potencial de contribuir diretamente para a humanização do cuidado em saúde, capacitando futuros profissionais a oferecerem um atendimento mais próximo e sensível às realidades dos pacientes. A humanização é um aspecto central da prática de saúde contemporânea, e o teatro pode ser um veículo para promover a sensibilidade e a empatia necessárias para um cuidado centrado no paciente (Brown; Ross, 2012).



Ao incluir oficinas de teatro na formação de seus extensionistas, a Uncisal demonstra pioneirismo na integração de técnicas artísticas para o desenvolvimento de competências socioemocionais. Essas competências, como empatia, comunicação e trabalho em equipe, são cada vez mais reconhecidas como essenciais na formação de profissionais de saúde (Moudatosu et al., 2020).

Considera-se, portanto, que o teatro colabora para a preparação dos estudantes para enfrentar os desafios contemporâneos da comunicação em saúde, especialmente em um contexto de desinformação crescente. Embora tenhamos apontado o grande potencial que o teatro tem para contribuir na formação em saúde, ainda são poucos os estudos brasileiros que tiveram como foco a sua utilização no ensino superior, o que aponta para a necessidade de aproximar a universidade brasileira desta ferramenta que pode ser fundamental para os profissionais da área da saúde ao ajudar a desenvolver essas competências socio relacionais de forma eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro emerge como uma ferramenta transformadora na formação de profissionais de saúde, contribuindo para superar as limitações do paradigma biologicista e fragmentado que marcou a educação em saúde por décadas. Ao oferecer um espaço seguro para experimentação, reflexão e desenvolvimento pessoal, as oficinas teatrais realizadas no âmbito do Projeto de Extensão Saber + Saúde mostraram



sua capacidade de promover competências essenciais para um cuidado humanizado, tais como empatia, comunicação eficaz, criatividade, trabalho em equipe e autoconfiança.

O impacto do teatro na formação desses estudantes transcende o desenvolvimento técnico, proporcionando uma abordagem mais holística e alinhada às necessidades da prática profissional contemporânea. Em um contexto de crescente complexidade no cuidado em saúde, incluindo desafios como a desinformação e a fragmentação dos serviços, a integração de metodologias ativas, como o teatro, mostra-se fundamental para a formação de profissionais mais preparados e sensíveis às realidades sociais e emocionais de seus pacientes.

Além disso, as oficinas teatrais ilustram o potencial inovador da extensão universitária como um espaço de articulação entre o saber acadêmico e as demandas comunitárias. Na Uncisal, essa prática interdisciplinar evidencia o compromisso com a formação integral dos estudantes, reforçando a humanização como um valor central para o cuidado em saúde e para a promoção da equidade e da dignidade humana.

Desse modo, o teatro não apenas enriquece a formação dos futuros profissionais de saúde, mas também se apresenta como uma estratégia pedagógica que fortalece os pilares de uma educação comprometida com a transformação social. Assim, esperamos que essa experiência inspire outras iniciativas semelhantes, ampliando o uso das artes como aliadas na formação de profissionais capazes de



oferecer um cuidado que verdadeiramente considere o ser humano em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.B. de S.; ROCHA, P. de M. Trabalho em equipe: um desafio para a consolidação da estratégia de saúde da família. **Ciênc saúde coletiva** [Internet]. 2007, Mar;12(2):455–64. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200022>

BOAL, A. **Theatre of the Oppressed**. Pluto Press, 1992.

BRASIL. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BROWN, J.; ROSS, M. **Theatre for Change**: Education, Social Action, Therapy. Routledge, 2012.

CAMPOS, G. W. de S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde COLETIVA**, V. 14, N. 1, P. 41-65, 2004.

COWPERTHWAIT, A. et al. Healthcare Theatre and Simulation: Maximizing Interprofessional Partnerships. **Clinical Simulation in Nursing**, 11, 411-420, 2015. Available from: <https://doi.org/10.1016/J.ECNS.2015.05.005>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.



GAO, L. et al. (2018). The role of “improv” in health professional learning: A scoping review. **Medical Teacher**, 41, 561 – 568, 2018. Available from: <https://doi.org/10.1080/0142159X.2018.1505033>.

GILBERT, K. et al. Say Something, Do Something: Evaluating a Forum Theater Production to Activate Youth Violence Prevention Strategies in Schools. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 21, 2023. Available from: <https://doi.org/10.3390/ijerph21010039>.

GOYAL, D. et al. The Role of Drama Participation in the Development of Creative Imagination Capabilities. **Evolutionary Studies In Imaginative Culture**. 2024. Available from: <https://doi.org/10.70082/esiculture.vi.1189>.

HAINSELIN, M.; AUBRY, A.; BOURDIN, B. Improving Teenagers’ Divergent Thinking With Improvisational Theater. **Frontiers in Psychology**, 9. 2018. Available from: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01759>.

JOHNSTONE, K. Impro: Improvisation and the Theatre. **Methuen Drama**, 2007.

LEWANDOWSKA, K.; WĘZIAK-BIAŁOWOLSKA, D. The impact of theatre on social competencies: a meta-analytic evaluation. **Arts & Health**, 15, 306 – 337, 2022. Available from: <https://doi.org/10.1080/17533015.2022.2130947>.

MOUDATSOU M, et al. The Role of Empathy in Health and Social Care Professionals. *Healthcare (Basel)*. 2020 Jan 30;8(1):26. Available from: doi: 10.3390/healthcare8010026.

MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. *In: MERHY, E. E.; ONOCKO, R. (Orgs.)*.



Agir em saúde: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 1997., p. 71-112.


MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2001.

MULLER, A. M. et al. Developing empathy in healthcare professions students: protocol of a mixed-methods non-controlled longitudinal intervention study. **Front. Med.**, v. 11, September 2024. Available from: <https://doi.org/10.3389/fmed.2024.1452516>.

SPOLIN, V. **Improvisation for the Theater:** A Handbook of Teaching and Directing Techniques. Northwestern University Press, 1999.

STEVENSON, L. et al. The use of drama and theatre in enhancing communication skills of psychiatry trainees: a pilot study. **BJPsych Open**, 7, S158 - S159. 2021. Available from: <https://doi.org/10.1192/bjo.2021.441>.





2. AÇÕES EM TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NA ESCOLA PÚBLICA: INTEGRANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Waldez Cavalcante Bezerra

<https://orcid.org/0000-0001-7178-4074>

E-mail: waldez.bezerra@uncisal.edu.br

Lucas Gomes de Lima

<https://orcid.org/0009-0005-3314-5681>

E-mail: lucas.gomes@academico.uncisal.edu.br



Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0299-6203>

E-mail: gilbef@gmail.com

INTRODUÇÃO

A experiência apresentada neste capítulo discute as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão *ATOS: Ações em Terapia Ocupacional Social*, criado em 2019, que integra as atividades do Laboratório Metuia do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). A contextualização desta experiência requer, mesmo que brevemente, uma explicação sobre a te-

rapia ocupacional social, referencial teórico-metodológico que tem fundamentado as ações do projeto.

No Brasil, a terapia ocupacional se desenvolveu com particularidades que a projetaram para além do setor saúde e das questões que envolvem as pessoas com deficiência ou sofrimento mental, consolidando-se como uma profissão dos campos da saúde, educação e social (Bezerra; Reis; Lopes, 2024). O trabalho em instituições fora do setor saúde e com grupos populacionais que não traziam como primeira demanda para o terapeuta ocupacional questões relacionadas aos processos de saúde-adoecimento iniciou no país na década de 1970. Esse movimento demarcou o surgimento de um campo social de intervenção na profissão, que passou a exigir da categoria perspectivas teóricas e metodológicas próprias ao trabalho social, com vistas a lidar e responder às demandas advindas da questão social (Galheigo, 2023).

Esse contexto, seguido pelos processos de redemocratização do país e pela ampliação dos direitos assegurados pela Constituição de 1988, levou os terapeutas ocupacionais a orientarem suas ações pela lógica do exercício de cidadania e dos direitos sociais conquistados. O foco passou a ser a atuação em diferentes políticas públicas (assistência social, educação, cultura, sociojurídico, dentre outras) (Lopes, 2023). Essas proposições deram início à conformação de uma perspectiva teórico-metodológica denominada terapia ocupacional social, que passou a fundamentar as práticas dos terapeutas ocupacionais no campo social.

Assim, a terapia ocupacional social pode ser definida como um campo de reflexão e de intervenção, caracteriza-



do sociologicamente a partir da atenção a grupos sociais em situação de fragilidade ou ruptura das redes sociais de suporte, em decorrência de condições socioeconômicas, políticas e/ou culturais. Esse campo busca nexos capazes de dar conta de uma terapia ocupacional que se constitui fora do eixo estruturador saúde-doença (Barros; Ghirard; Lopes, 2002).

Esse referencial tem produzido, discutido e apresentado tecnologias sociais que fomentam novas possibilidades de atuação em terapia ocupacional, integrando e articulando ações de abrangência macro e microsocial, individual e coletiva, tais como: *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos; Acompanhamentos Singulares e Territoriais; Articulação de Recursos no Campo Social; e Dinamização da Rede de Serviços* (Lopes et al., 2014). Dentre essas iniciativas, destacam-se aqui as *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos* como uma metodologia de trabalho coletivo que, por meio do uso de recursos diversos, possibilita a criação de espaços de experimentação, aprendizagem e trocas relacionais. Nesse contexto, cada participante é concebido como um ser ativo no processo de construção de subjetividade, um ser da práxis, da ação e da reflexão (Lopes et al., 2014).

A terapia ocupacional social foi fruto da criação do Projeto Metuia, em 1998, atualmente conhecido como *Rede Metuia - Terapia Ocupacional Social*. A proposta central dessa Rede tem sido desenvolver projetos nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão em terapia ocupacional social, promovendo a articulação entre docentes, estudantes de graduação e pós-graduação em diferentes



universidades do país e do exterior. Atualmente, no Brasil, a Rede conta com sete núcleos em atividade, sediados nas seguintes instituições: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal).

O núcleo Uncisal iniciou suas atividades em 2019 de forma interinstitucional, por meio de um acordo de cooperação técnica firmado com a UFPB (Pereira *et al.*, 2021). Em 2023, tornou-se um núcleo independente, momento em que foi criado o Laboratório Metuia Uncisal, que busca articular o ensino, a pesquisa e a extensão, fortalecendo a formação em terapia ocupacional voltada ao campo social na Uncisal. Além disso, abriga o grupo de pesquisa *Mediações: Terapia Ocupacional, Fundamentos e Atuação Social*, cadastrado no CNPq, e o projeto de extensão ATOS.

O projeto ATOS visa desenvolver ações que promovam a inserção e a participação social de pessoas e/ou grupos cujos cotidianos são impactados pela vulnerabilidade social decorrente de diferentes atravessamentos (classe, gênero, sexualidade, raça, etc.). As ações do projeto se fundamentam na terapia ocupacional social e estão calcadas na defesa dos direitos e da cidadania e no diálogo com os técnicos e instituições, a fim de oferecer respostas às demandas individuais e coletivas dos sujeitos acompanhados.

Ao longo de sua existência, o projeto tomou como foco o trabalho junto às juventudes pobres, especificamen-



te aquelas inseridas em equipamentos sociais das áreas da educação e da assistência social. Neste texto, serão relatadas as experiências mais recentes do projeto, desenvolvidas entre 2022 e 2024, com a Escola Estadual Tarcísio de Jesus, uma instituição em tempo integral da rede pública estadual de ensino de Alagoas, localizada no bairro Trapiche da Barra, em Maceió, na qual o Laboratório Metuia tem realizado práticas de extensão, ensino e pesquisa.

Em 2022, após a pandemia, a gestão da escola, parceira do projeto desde sua criação, solicitou apoio para lidar com as demandas geradas pela adesão ao Programa Alagoano de Ensino Integral (pALei), que estabelece uma jornada diária de no mínimo 9 horas e no máximo 11 horas, com intervalos de almoço entre 1 hora e 1 hora e 30 minutos. A implementação do pALei impôs uma nova dinâmica de funcionamento, exigindo a oferta de atividades curriculares flexíveis no contraturno das disciplinas tradicionais (Almeida *et al.*, 2024).

Nos últimos anos, o ATOS vem atuando em três frentes de trabalho na escola: 1) no auxílio e qualificação dos professores e gestores da escola para a implementação das disciplinas Projeto de Vida; 2) no apoio e acompanhamento da disciplina Projeto de Vida no Ensino Fundamental II; e 3) no auxílio à estruturação, ao funcionamento e à manutenção dos Clubes Juvenis do Ensino Médio. Inserindo-se nos espaços e atividades que integram o cotidiano dos estudantes e da escola de modo geral, o projeto tem desenvolvido essas ações a partir das metodologias propostas pela terapia ocupacional social, com ênfase nas Oficinas de Atividades,



Dinâmicas e Projetos, visando contribuir com as respostas às demandas escolares.

As ações foram executadas por estudantes de graduação do curso de terapia ocupacional da Uncisal, que participavam como extensionistas ou que estavam em aula prática da disciplina *Terapia Ocupacional no Campo Social*, juntamente com dois terapeutas ocupacionais e o docente responsável pelo projeto e pela disciplina. A seguir, apresenta-se uma síntese das atividades realizadas no decorrer desses últimos três anos de atuação na escola.

AÇÕES COM OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA: CONSTRUINDO COM O PROFESSOR MENTOR

Diante das novas exigências nacionais para a educação básica e da escola em tempo integral, o estado de Alagoas, no âmbito da Secretaria Estadual de Educação, criou, em 2022, o programa *Professor Mentor, Meu Projeto de Vida*, no qual um professor fica responsável por acompanhar uma turma e circunscrever ações que orientem os estudantes quanto à retomada do ensino presencial pós-pandemia, com vistas a identificar prejuízos relacionados à aprendizagem e aos processos educacionais. Cada professor mentor é responsável pelo acompanhamento, orientação e apoio aos estudantes na construção do projeto de vida, zelando pelo seu desenvolvimento e formação, com base em alguns instrumentos de mapeamento do programa.

No entanto, a implantação do programa em 2022 se deu sem a devida capacitação dos professores da Escola



Estadual Tarcísio de Jesus para assumirem o papel de mentores, o que gerou angústia, insegurança e frequentes questionamentos acerca do que seria a disciplina Projeto de Vida e como aplicá-la junto aos alunos. Considerando esse cenário e a solicitação de apoio da gestão escolar para lidar com essa demanda dos professores, o ATOS planejou cinco oficinas de atividades com o objetivo de formar os 13 professores mentores da escola. As oficinas ocorreram no período de 19 de janeiro a 16 de fevereiro de 2022, uma vez por semana, com duração de 4 horas cada, em horário específico para as reuniões dos mentores.

Cada oficina foi previamente planejada pelos membros do projeto, com objetivos flexíveis que podiam ser ajustados conforme as necessidades apresentadas pelos professores. Durante as oficinas, foram realizadas atividades, dinâmicas e projetos que permitiram discutir diversos temas, como as expectativas e os desejos dos professores ao participarem do programa; sua compreensão sobre o projeto de vida; a análise do perfil da escola e das condições socioeconômicas dos alunos e como esses fatores se relacionavam com as possibilidades de pensar projetos de vida; também foram abordados os sonhos e projetos de futuro dos próprios professores, entre outros tópicos.

As ações permitiram que os professores deslocassem os seus entendimentos sobre o que são projetos de vida de uma concepção restrita à profissionalização para o reconhecimento de que projetar a vida envolve dimensões pessoal, profissional e social. Utilizando diferentes recursos e linguagens, nos encontros foram construídos *body maps* e



mapas mentais sobre o tema projeto de vida, elencando-se várias temáticas relevantes para a discussão com os estudantes, contemplando as três dimensões mencionadas.

Esse exercício permitiu, em seguida, que os professores elaborassem planos de trabalho separados por temáticas de possível interesse da faixa etária dos alunos, de acordo com suas respectivas séries, para a estruturação dos conteúdos das disciplinas Projeto de Vida, que seriam ofertadas do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio.

Nos encontros, percebeu-se que os professores se apropriaram teoricamente das discussões que envolviam a temática projeto de vida e sua relação com a escola e a educação. E conseqüentemente, tornaram-se mais seguros para assumir o papel de professores mentores, mostrando-se motivados em participar de cada oficina proposta pelo ATOS, ressaltando a importância da parceria universidade-escola, que permitia construir relações e conhecimentos horizontalizados.

Como desdobramento dessa prática e ante a impossibilidade de acompanhar todas as turmas da disciplina Projeto de Vida, os professores e gestores da escola sugeriram que o projeto acompanhasse mais de perto a turma do 6º ano do Ensino Fundamental, considerada por eles como uma turma difícil. A experiência com essa turma é o foco do próximo item.



AÇÕES COM O ENSINO FUNDAMENTAL NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA

O Ensino Fundamental, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96), passou a ser denominado dessa forma para integrar, juntamente com a Educação Infantil e o Ensino Médio, as etapas da educação básica no Brasil (Brasil, 1996). Contudo, a implementação dessa educação enfrenta desafios, especialmente nas escolas públicas.

A realidade de muitas dessas instituições, tal qual a escola aqui relatada, é caracterizada por contextos diversos e complexos, com estudantes que vivenciam a infância ou a juventude em situações de precarização e marginalização, influenciadas por questões de classe social, raça, sexualidade e gênero (Souza, 2006; Teodoro; Oliveira; Santos, 2023). Esses elementos contribuem para um cenário de vulnerabilidade social que dificulta o processo de inserção e participação tanto no contexto escolar quanto na sociedade de modo geral.

O 6º ano do Ensino Fundamental marca uma etapa de transição escolar na qual muitos alunos começam a enfrentar desafios relacionados ao seu desenvolvimento emocional e social. Questões como desrespeito às normas escolares e dificuldades nas relações interpessoais tornam-se frequentes, impactando diretamente o processo de permanência e aprendizagem escolar. Devido às várias queixas de professores e da direção da escola sobre situações de violência e de desrespeito nessa turma, que dificultavam o processo de



ensino, as oficinas realizadas pelo *ATOS* deram ênfase na abordagem de temas relacionados às dimensões pessoal e social da temática projeto de vida, tais como empatia, convivência, respeito, comunicação não-violenta, cuidado de si, do outro e da escola, dentre outros.

O trabalho com essa turma buscou alinhar as ações em terapia ocupacional com as atividades pedagógicas já existentes, sempre mantendo um diálogo próximo com a professora da disciplina Projeto de Vida no momento da seleção e do planejamento das oficinas de atividades, realizadas semanalmente, às quartas-feiras, no turno da tarde, com duração de 2 horas cada encontro.

As oficinas do *ATOS* proporcionaram momentos de escuta e troca de experiências e aprendizados, possibilitando múltiplas formas de expressão e a reflexão sobre si e sobre a escola, desenvolvendo um senso de pertencimento e responsabilidade nos alunos. Por meio dessa metodologia, foi possível promover debates e reflexões que geraram aprendizados sobre os temas abordados e proporcionar trocas de experiências e processos de subjetivação, contribuindo para melhorar o convívio na escola e minimizar as queixas da equipe escolar sobre a turma.

Percebeu-se que o domínio de terapeutas ocupacionais sobre o uso da atividade como mediadora de processos relacionais e de aprendizagem foi fundamental no auxílio à professora na condução da disciplina Projeto de Vida, tornando-a mais dinâmica e atrativa para os estudantes, facilitando o envolvimento destes com as propostas desenvolvidas. O uso do referencial teórico-metodológico da



terapia ocupacional social em diálogo com a noção de projeto de vida foi importante na produção de possibilidades criativas de conviver e lidar com os conflitos na escola, proporcionando espaços de escuta, acolhimento, aprendizado e a construção de relações respeitadas.

AÇÕES COM OS CLUBES JUVENIS DO ENSINO MÉDIO: ENTRE POTÊNCIAS E DESAFIOS

A terceira frente de trabalho do *ATOS* na Escola Estadual Tarcísio de Jesus tem sido o apoio à estruturação e funcionamento dos chamados Clubes Juvenis, atividade obrigatória para os estudantes do Ensino Médio. Esses clubes podem ser definidos como

[...] um espaço criado com caráter de empoderamento do protagonismo juvenil, espaço e tempo no qual os jovens estudantes são convocados a participarem, apresentando, nessa atividade pedagógica, seus interesses e escolhas de vida, não apenas acadêmica, mas sobretudo emocional, cultural, esportiva e artística, ou seja, um momento de estar junto aos seus pares e criar e desenvolver ações importantes para o desenvolvimento da cultura juvenil tão necessária em nossas escolas e comunidades (Santos; Oliveira, 2019, p. 1).

Nesse sentido, os Clubes Juvenis da educação básica são espaços de práticas e vivências juvenis que buscam promover a autonomia e o protagonismo dos jovens na escola. Criados e geridos pelos estudantes a partir dos seus



interesses, os clubes podem tornar o tempo na escola mais significativo, pois os estudantes são responsáveis por todas as atividades, desde o planejamento até a execução. As propostas dos clubes dialogam com os interesses da terapia ocupacional social no setor da educação, os quais envolvem o desenvolvimento de ações e estratégias voltadas a promover a autonomia e o protagonismo juvenil, visando ampliar a participação social dos jovens na escola, considerando suas particularidades pessoais e contextuais.

Destaca-se que o terapeuta ocupacional possui domínio para a identificação de necessidades dos sujeitos, bem como para realizar a análise do cotidiano e promover atividades significativas para estes em seus espaços de vida, incluindo a escola (Folha; Monteiro, 2017).

Com essa perspectiva, o ATOS tem atuado junto a quatro clubes juvenis na Escola Estadual Tarcísio de Jesus, criados a partir dos interesses e demandas dos próprios estudantes, de forma espontânea: Clube de Esportes; Clube de Revitalização da Escola; Clube de Artes; e Clube de Entretenimento. Todos eles compostos por jovens da 1^a a 3^a séries do Ensino Médio. Cada clube apresenta especificidades e estão em distintas etapas de desenvolvimento, alguns com mais protagonismo e autonomia e outros com menos, de modo que as necessidades de suporte por parte do ATOS é variável.

Assim como descrito nas práticas anteriores, também nos Clubes Juvenis as ações ocorrem por meio das Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos. Com o intuito de ampliar os aprendizados e relações entre os estudantes,



as oficinas de atividades são planejadas sempre buscando relacionar os interesses inerentes às temáticas dos clubes com outros temas que se colocam como importantes para as juventudes e que se conectam com a vida na e fora da escola, tais como: sentidos da escola, ensino integral, violência e convivência escolar, território e circulação pela cidade, redes de apoio, futuro, direitos e deveres, trabalho em equipe, respeito e diversidade, dentre outros.

A realização das oficinas de atividades e a aproximação entre os membros do *ATOS* e os estudantes têm possibilitado a criação de um ambiente favorável à expressão de diferentes opiniões, de acolhimento e de descobertas, sempre prezando pelo exercício da autonomia dentro dos recursos propiciados pelo ambiente escolar. Ao longo desses três anos de prática, foi possível observar a crescente autonomia entre os membros dos clubes, os quais buscam também o desenvolvimento de projetos (produção de documentário, confecção de fanzines, cartazes e pinturas pela escola, apresentações públicas, etc.) que, muitas vezes, conseguem promover uma articulação entre diferentes atores da escola, escapando da conflitividade que vem marcando a relação das juventudes com o ambiente escolar.

Contudo, a experiência junto aos Clubes Juvenis tem revelado também contradições e desafios. Ante a liberdade e autonomia inerente a esses espaços, que deveriam se autogerir, percebe-se que os estudantes têm pouca iniciativa, organização e constância para sua estruturação e manutenção, apresentando pouco comprometimento com as atividades que eles mesmos escolhem. Somam-se a isso



a precariedade estrutural e a escassez de recursos da escola, que limitam as possibilidades de criação, além do despreparo da instituição para conscientizar os jovens quanto à importância dessa atividade. Como resultado, a escola, dada a existência de poucos clubes, impõe uma obrigatoriedade da participação dos jovens, contrariando a ideia de envolvimento voluntário que deveria orientar a atividade e interferindo na dinâmica dos grupos.

Apesar desses desafios, observou-se que as ações do projeto de extensão, informadas pela terapia ocupacional social, têm sido essenciais na manutenção dos clubes. Ressalta-se que as ações requerem um comprometimento constante com a proposição de atividades que dialoguem com os interesses dos jovens, ao mesmo tempo, em que exigem flexibilidade diante das constantes mudanças de tais interesses. O diálogo, a liberdade, a mediação de conflitos, a conscientização e a responsabilização pelos processos são pilares que têm guiado o trabalho técnico e ético-político em terapia ocupacional junto aos jovens, impulsionando-os na direção da construção de inéditos viáveis.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas públicas apresentam contextos vivenciados por estudantes e profissionais com necessidades educacionais e sociais diversas. A terapia ocupacional social, em diálogo com o setor da educação, vem promovendo práticas para colaborar com a educação básica, entrelaçando um conjunto de demandas relacionadas à questão

social. Por meio de ações dirigidas a crianças e jovens que vivenciam a vulnerabilidade social em seus cotidianos, terapeutas ocupacionais inseridos em escolas públicas, utilizando diferentes metodologias e tecnologias de trabalho, têm criado espaços de experimentação e aprendizagem, fortalecimento individual e coletivo e resolução de conflitos, cooperando para o acesso e permanência escolar.

A experiência do ATOS, relatada neste capítulo, demonstra como ações baseadas na terapia ocupacional social podem se integrar ao contexto escolar para lidar com os desafios sociais enfrentados pelos diferentes atores da escola. Ao trabalhar em colaboração com os professores e aplicar abordagens específicas da terapia ocupacional, foi possível contribuir não só para o equacionamento de demandas da escola, impactando em sua dinâmica, mas também oferecer aos estudantes a oportunidade de ampliar sua visão de mundo, desenvolver novas formas de se expressar, se perceber e se relacionar.

Por fim, vale ressaltar que a experiência da extensão, integrada ao ensino, também possibilitou, via o grupo de pesquisa do Laboratório Metuia, a realização de pesquisas de iniciação científica e de trabalhos de conclusão de curso no mesmo campo de prática da extensão e da disciplina, permitindo integrar os três eixos da formação universitária. Assim, o projeto tem contribuído para a formação teórico-prática dos estudantes de terapia ocupacional da Uncisal, preparando-os para o trabalho no campo social a partir da apreensão crítica da realidade e da proposição e experimentação de metodologias de intervenção em



terapia ocupacional social. Além disso, tem viabilizado aos graduandos o aprendizado de que a leitura do campo social implica um recorte teórico-metodológico específico com relação aos instrumentos necessários para a interpretação da realidade e para a atuação profissional, visando problematizar o papel ético, técnico e político da terapia ocupacional e das suas contribuições no enfrentamento das expressões da questão social contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. M.; AMORIM, J. M. A.; SILVA, M. N.; SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C. Reflexões de jovens sobre a escola e o futuro através de um projeto audiovisual. **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, v. 12, n. 2, p. 52-66, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/2771>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia Ocupacional Social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 95-103, 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/13903>. Aceso em: 8 out. 2024.

BEZERRA, W. C.; REIS, S. C. C. A. G.; LOPES, R. R. Dos caminhos postos aos caminhos feitos: a trajetória sócio-histórica da terapia ocupacional no Brasil. In: CÓRDOBA, A. G.; MALFITANO, A. P. S.; BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. **Historiografias em terapia ocupacional desde a América do Sul**. Santiago-Chile: Editorial USACH, 2024. p. 65-96

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996, p. 27.833. Disponível em:



http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 6 nov. 2024.

FOLHA, D. R. S. C.; MONTEIRO, G. S. Terapia Ocupacional na atenção primária à saúde do escolar visando a inclusão escolar de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 2, p. 202-220, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/5311>. Acesso em: 27 out. 2024.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Orgs.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. 2. ed. São Carlos: EduFSCar, 2023. p. 49-68.

LOPES, R. E. (2016). Cidadania, direito e terapia ocupacional social. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Orgs.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. 2. ed. São Carlos: EduFSCar, 2023. p. 29-48.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S.; SILVA, C. R.; BORBA, P. L. O. Recursos e tecnologias em terapia ocupacional social: ações com jovens pobres na cidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 22, n. 3, p. 591-602, 2014. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1114/574>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PEREIRA, B. P.; BRAGA, I. F.; MONZELI, G. A.; BEZERRA, W. C. Terapia ocupacional social no Nordeste: experiências advindas do Núcleo Metuia UFPB/Uncisal. In: GALVÃO, C. R. C.; POLIA, A. A.; GOMES, M. Q. C. (Orgs.). **Olhares e perspectivas da Terapia Ocupacional: construindo teorias e pensando a prática**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 88-101.




SANTOS, E. A.; OLIVEIRA, E. C. S. Clube Juvenil: a vez e a voz das juventudes no ensino médio integral da rede pública estadual de Alagoas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59541>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOUZA, E. R. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 169-199, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100008>. Acesso em: 6 nov. 2024.

TEODORO, C.; OLIVEIRA, F.; SANTOS, M. W. **Infâncias e marcadores sociais das diferenças**: abordagens e metodologias no contexto brasileiro. Petrolina: IFSertãoPE, 2023.





3. CORO UNCISAL: A EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA OBTIDA ATRAVÉS DA INTEGRAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DO CANTO CORAL E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO CONTEXTO DA EXTENSÃO

Rodrigo Andrade Teixeira

<https://orcid.org/0000-0002-1503-2158>

E-mail: rodrigo.teixeira@uncisal.edu.br



Mirela Rocha Pinto

<https://orcid.org/0009-0001-9094-5555>

E-mail: mirela.pinto@academico.uncisal.edu.br

INTRODUÇÃO

O capítulo é dedicado a discorrer sobre os resultados da experiência com o projeto de extensão intitulado “Coro UNCISAL” (Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas). O presente projeto iniciou em 2013, fundado pelo Prof. Dr. Rodrigo Andrade Teixeira, que ao perceber seu potencial educacional, propôs uma investigação de como a prática do canto coral poderia contribuir para a educação interprofissional na área da saúde, tendo em vista a construção de sua dissertação no mestrado sobre Ensino na

Saúde, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, orientado pela Prof. Dr. Lenilda Austrilino Silva e pelo Prof. Dr. Francisco José Passos Soares.

O título da dissertação foi “A prática do Canto Coral no ambiente da Extensão Universitária: um caminho para a educação interprofissional”. A reverberação acadêmica do trabalho foi constatada com publicações em duas ocasiões distintas. A primeira delas foi a comunicação da pesquisa por meio de um resumo nos Anais do 3º Colóquio Internacional de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde (CIETIS), em 2018, presente na Manag Prim Health Care. Já a segunda publicação foi realizada após o término da investigação, na Revista Conhecimento & Diversidade, no ano de 2019.

O projeto Coro Extensionista começou com ensaios realizados na sede da UNCISAL, contando com estudantes de diferentes cursos da Universidade e de outras instituições, além de servidores e membros da comunidade. Com dois encontros semanais de noventa minutos, o grupo trabalha um repertório voltado para músicas com mensagens positivas e ritmos animados. Um dos diferenciais do projeto foi a diversidade etária, o qual contava não somente com participantes de 17 a 25 anos, mas também com participantes idosos, com aproximadamente 75 anos, escancarando a proposta da intergeracionalidade proposta pela extensão.

O objetivo dessa publicação consiste em promover reflexões e estimular o debate sobre as diferentes ações e transformações associadas às práticas extensionistas, sobretudo àquelas que buscam trabalhar os diferentes papéis



que a prática de canto coral pode assumir na educação interprofissional dos membros atuantes do projeto e como a experiência pode ser rica à medida que constrói um ser mais humanizado e mais articulado para lidar com futuras questões profissionais.

A EXTENSÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A VIDA UNIVERSITÁRIA

Consoante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996), a educação superior tem por finalidade “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (Brasil, 1996).

É de suma importância que as instituições de ensino do país estejam alinhadas e abertas a propor e receber atividades práticas oriundas das mais diversificadas intenções, sobretudo aquelas cujo intuito é provocar experiências agregadoras e integrativas para além do muro universitário, contribuindo inclusive para a formação do senso de pertencimento e melhoria da aproximação e colaboração entre discentes que, entre diversos cursos ofertados pelas instituições, convivem e reconhecem as competências dos demais membros do grupo.

Enquanto um princípio a ser cumprido pelas universidades, o estabelecimento das ações extensionistas propõe ao discente formas de entender a comunidade na qual ele está inserido, estimulando propostas de intervenção, inclu-



sivas e democráticas, que, associadas às interações internas e externas das equipes, promovam produções de conhecimentos ricos e transformadores, tanto do ponto de vista interprofissional, como também pessoal (Silva, 2020).

Dessa forma, a extensão, com a pesquisa e o ensino, formam a tríade de instrumentos que dão ao universitário capacidade de entender a dinâmica social para além de seus cursos de formação. É a partir dela que a universidade se aproxima da sociedade, entendendo sua responsabilidade e missão educacional frente aos problemas sociais (Silva et. al, 2019)

Nesse contexto, a extensão universitária assume um papel de extrema importância para a academia, uma vez que ela integra saberes para a formação dos estudantes, ao passo que também assume a figura de um ator fundamental no estabelecimento da relação entre a universidade e a sociedade, uma vez que, ao permitir que os discentes pratiquem as atividades extensionistas, eles vivenciam a realidade da comunidade a partir das aplicações dos conhecimentos adquiridos em sala de aula (Pinheiro; Narciso, 2022).

Entre diversos benefícios ofertados pela prática extensionista, a integração da teoria com a prática, a ampliação da visão de mundo, o aprimoramento curricular, o desenvolvimento profissional e a criação de vínculos entre os próprios alunos são os mais observados. Ao integrar teoria e prática, o estudante, a partir da extensão universitária, tem a possibilidade de desenvolver habilidades críticas e analíticas essenciais para suas futuras carreiras. Além disso,



o objeto de estudo torna-se mais próximo do estudante, logo, menos abstrato.

Outro ponto observado é que a extensão auxilia na sustentação do vínculo universidade-sociedade, uma vez que os projetos atuam como canais de comunicação e articuladores essenciais no que se refere ao entendimento das demandas, necessidades, dificuldades encontradas nas áreas e distritos vinculados à instituição, o que faz com que essa relação bidirecional seja benéfica, inclusive para o fomento à pesquisa e às inovações (Pinheiro, Narciso, 2022).

Assim, a extensão deve se articular com o ensino e a pesquisa de forma indissociável, sobretudo no tocante à pesquisa em extensão, uma vez que ela pode conferir reflexões que auxiliam na operacionalização das próprias ações elaboradas pelos extensionistas, aprimorando-as e participando do compromisso social, além de proporcionar maior legitimidade para os projetos (Cristofolletti; Serafim, 2020).

A UNCISAL realiza atividades de extensão importantes, buscando impacto social no estado. A maioria dos projetos está voltada para saúde e bem-estar, além do foco na democratização dos conhecimentos, na inclusão social e nos debates com as comunidades inseridas tanto no distrito da instituição quanto em regiões intermunicipais. Além disso, a integração dos serviços de saúde à instituição possibilita que as atividades de extensão sejam realizadas em diferentes locais, contribuindo para a formação de profissionais conscientes com seus papéis; e proporcionar aprendizado prático aos alunos e atendimento à população.



REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO CANTO CORAL E O PROJETO “CORO UNCISAL”

Criado em 2013, o projeto “Coro UNCISAL” se estabelece como um projeto intergeracional e interprofissional com objetivos educacionais e extensionistas, a partir da prática do canto coral entre estudantes de universidades públicas, sobretudo associadas a áreas da saúde. Ele enfatiza a importância do canto coral não apenas como uma atividade artística, mas também um instrumento extensionista que promove integração e colaboração dos participantes, com o intuito de ensinar sobre trabalho em equipe, empatia, comunicação assertiva, liderança e responsabilidade compartilhada, além de estimular reflexões entre os estudantes sobre suas ações e implicações, tanto no contexto do coral quanto em suas áreas de atuação.

O canto coral é definido como prática musical que é exercida e difundida em diversas etnias e culturas, caracterizado pela relação da existência de um grupo musical que envolve o desenvolvimento vocal, a integração e a inclusão social, de modo a ser um espaço que desenvolva relações interpessoais, exigindo uma série de habilidades e competências que dialogam com a gestão de conflitos, motivação em grupo, aprendizagem e convívio em um contexto social e universitário (Amato, 2007).

A música é tanto uma combinação harmoniosa e expressiva de sons – a partir da coordenação e da transformação desses efeitos, por meio da voz ou de instrumentos – quanto uma peça fundamental da manifestação



da comunicação, socialização e desenvolvimento pessoal, promovendo prazer e bem-estar. Assim, a relação do canto coral com a música e com os indivíduos infere uma perspectiva de socialização, marcada por melhorias significativas em aspectos como: habilidades musicais, incluindo afinação, percepção auditiva e técnica vocal; habilidades sociais, que dizem respeito ao trato com o “outro”, isto é, aprender sobre respeito ao próximo, esperar a vez de falar, ouvir o outro. Além disso, o canto coral promove disciplina, criatividade e expressão emocional (Pedro; Carneiro, 2022).

Nesse contexto, o projeto de extensão “Coro UNCISAL” se estabeleceu a partir da percepção da relação existente entre a música e a socialização e da existência de um potencial educacional notório do projeto, que, ao propor uma investigação de como a prática do canto coral poderia contribuir para a educação interprofissional na área da saúde, mostrou resultados precisos e importantes para serem analisados inclusive sob um viés científico e dissertativo (Teixeira; Silva; Soares, 2019).

Trata-se de um projeto de extensão que busca promover o desenvolvimento musical e social de seus participantes, sejam eles universitários, servidores ou membros da comunidade externa. Ele atua sob a coordenação do Prof. Dr. Rodrigo Andrade Teixeira. Atualmente, o grupo realiza ensaios semanais aos sábados, das 14h às 16h, no Complexo Cultural Teatro Deodoro, em Maceió. Nesse espaço há a realização de inúmeras atividades, como técnicas de canto, montagem de espetáculos e ensaios artísticos.



O projeto tem refletido resultados positivos, tanto do ponto de vista das apresentações de espetáculos – como aberturas em congressos, a exemplo do Congresso Acadêmico e Científico da UNCISAL (CACUN), Jornada Alagoana de Medicina – quanto no ponto de vista do fomento de aptidões desenvolvidas de forma singular e coletiva entre os participantes do projeto. É notável que os impactos observados pelos coristas do projeto revelam diversos aspectos como o desenvolvimento de habilidades interpessoais, a partir de declarações que destacam a importância da comunicação e da interação entre os membros, o que facilita a construção das relações de forma mais saudável (Teixeira; Silva; Soares, 2019).

Outro ponto observado foram as práticas colaborativas experienciadas pelos participantes, revelando a importância da compreensão do trabalho em equipe, de forma respeitosa e colaborativa, além de também mostrar que a prática musical ajudou os estudantes a desenvolverem empatia e sensibilidade em relação aos outros, dando ao projeto um caráter construtivo que preza pelas interações humanas (Teixeira; Silva; Soares, 2019).

Além disso, o projeto também foi retratado como um objeto de pesquisa de dissertações e trabalhos de graduação, em que foi possível perceber que o “Coro UNCISAL”, a partir de suas participações em festivais, apresentações com membros de diferentes idades, pensamentos e experiências pessoais, possui um impacto positivo na formação acadêmica, a partir da integração e valorização do trabalho em equipe, fortalecendo laços que atravessam o senso ar-



tístico. Ademais, observa-se que o projeto pode ainda atuar como recurso terapêutico (Teixeira; Silva; Soares, 2019).

Por fim, foi observado que a prática do canto coral e a extensão se relacionam no tocante ao envolvimento dos participantes em relação à motivação e ao comprometimento necessários para participar dos encontros. Ao se perceberem mais aptos e mais seguros de desenvolver notas e afinações harmoniosas, esses participantes se engajam na atividade, o que se torna um fator-chave para o cumprimento das exigências desses encontros.

IMPACTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO “CORO UNCISAL” NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

As atividades extensionistas oriundas de qualquer natureza por si só desempenham impactos interessantes e resultados longitudinais, tanto no indivíduo, no tocante ao desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e pessoais, quanto na aprendizagem e na formação do profissional que ele será. Assim, a prática de canto coral experimentada pelos membros do projeto de extensão é refletida em ensinamentos sobre tempo, paciência, perseverança, recursos, interesses e dedicação em prol das atividades cobradas dentro do Coro. Esses ensinamentos serão refletidos na forma como esses membros conduzirão seus futuros trabalhos.

Entre os diversos pontos destacados que impactam na vida dos discentes que participam de atividades extensionistas com o intuito de fortalecer suas características profissionais, a formação da cidadania é um ponto a se ob-



servar, uma vez que, ao serem introduzidos no universo para além dos muros universitários, eles têm a oportunidade de se tornar cidadãos ativos e conscientes para com os problemas sociais, sobretudo em projetos que visam melhorias da qualidade de vida (Pinheiro; Narciso, 2022).

Outra habilidade construída durante os projetos de extensão que podem impactar diretamente na forma como o membro irá conduzir sua conduta profissional são os *feedbacks* e o aprendizado contínuo. A partir do momento que o extensionista recebe da comunidade o retorno de seu trabalho e de suas ações, ele se torna detentor de um mecanismo de autorreflexão sobre melhorias, críticas construtivas que de alguma forma potencializam seus diálogos e seus métodos de ensino. Ele se torna, pois, um ser humano mais apto a se adequar ao ambiente em que ele pertence, entendendo as necessidades do local de trabalho, das dinâmicas da profissão, etc. (Pinheiro; Narciso, 2022).

Na área da saúde, a equipe multidisciplinar formada por diversos profissionais requer uma responsabilidade compartilhada, o que coloca em xeque a necessidade de se ter um trabalho em equipe eficaz, além de habilidades comunicativas e habilidades resolutivas no tocante aos eventuais problemas insurgentes. Os projetos de extensão da UNCI-SAL possuem, de diferentes formas, essas características, uma vez que estão associados a cursos de bacharelado que integram sua grade como Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, além dos cursos tecnológicos como Alimentos, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão Hospitalar, Processos Gerenciais, Ra-



diologia, Segurança no Trabalho, Sistemas Biomédicos e Sistemas para Internet.

A atividade extensionista do canto coral, como a implementada pelo “Coro UNCISAL”, evidencia uma experiência transformadora na formação profissional dos estudantes, especialmente na área da saúde. Essa prática, além de enriquecer o currículo acadêmico, também promove o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a atuação profissional (Teixeira; Silva; Soares, 2019).

Dessa forma, uma das principais contribuições da prática do canto coral enquanto uma atividade extensionista é a do fortalecimento das habilidades interpessoais, uma vez que os estudantes aprendem a se comunicar de forma eficaz, a ouvir ativamente e a expressar suas ideias em um ambiente colaborativo. Em um contexto sobretudo da área da saúde, em que o paciente é o objetivo e o objeto final das ações, a comunicação clara e a empatia são ferramentas importantes na execução de procedimentos e prestação de cuidados.

Outro ponto importante é a de que a prática do canto coral, enquanto construção conjunta de uma apresentação artística, de um repertório musical, simula a dinâmica de trabalho em equipe que os estudantes enfrentarão em suas futuras profissões. Ademais, a experiência extensionista proporciona também a capacidade de liderar responsabilidades coletivas; a construção das redes profissionais a partir das conexões entre os cursos e; a promoção do senso de comunidade que pode ser um suporte importante du-



rante a formação acadêmica e na transição para o mercado de trabalho (Amato, 2007).

Além disso, é importante refletir que o impacto dos projetos de extensão não acontece apenas na vida dos discentes, mas também na vida dos docentes. É notório que docentes que integram atividades extensionistas desenvolvem competências e habilidades práticas refletidas, inclusive, nos métodos de ensino que eles adotam. Ademais, nota-se que suas motivações para estabelecer pesquisas associadas aos resultados, dificuldades e vivências no projeto aumentam – associando assim a tríade estabelecida pela Lei n.º 9.394 (Ferreira, Garreto, 2023).

Por fim, é relatado entre os profissionais que a participação em atividades extensionistas aumenta a segurança prática de suas ações, intervenções e experiências de campo. Estar envolvido também gera reflexões sobre a prática da docência, que, infelizmente no Brasil, é desvalorizada por diversas instituições. Diante desse cenário, observar o engajamento e a atuação de seus alunos em práticas extensionistas possibilita o reconhecimento e a importância de seus trabalhos para a formação dos futuros profissionais (Ferreira, Garreto, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Coro UNCISAL” é um exemplo de como a prática artística pode ser transformadora como uma ferramenta educacional e social. Ao integrar diferentes saberes, gerações e experiências, o projeto assume o papel de promoção à formação interprofissional, à medida que



cria um espaço onde a música atua para além de sua função estética. Ao provocar o desenvolvimento de habilidades interpessoais nos membros, o “Coro UNCISAL” também atua na construção de competências que serão de extrema importância para atuação profissional.

Ao longo de sua trajetória, o projeto carrega a missão de atuar não apenas como um veículo de socialização e expressão artística, mas também como um espaço de reflexão, onde a comunicação, a liderança e o trabalho em equipe são praticados e aprimorados. Sendo assim, os resultados reforçam a importância da continuidade das atividades extensionistas de diferentes naturezas, uma vez que elas têm potencial para articular a universidade e a sociedade para impactar positivamente ambas as esferas.

Por fim, é importante reconhecer que o projeto não se limita a impactar somente os discentes e membros extensionistas, mas também os profissionais docentes envolvidos. Estes têm suas vidas impactadas, tanto no âmbito das ações pessoais, quanto no âmbito da pesquisa, reafirmando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; e mostrando como esses eixos contribuem para a formação integral dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

AMATO, Rita Fucci. O canto coral como prática sociocultural e educativo musical. **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

BRASIL. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.



CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões metodológicas e analíticas da extensão universitária. **Educação & Realidade**, v. 45, p. e90670, 2020.

SILVA, Wagner Pires da. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 189, 2020.

FERREIRA, Daiane da Silva; GARRETO, Maria do Socorro Evangelista. Potencialidade da extensão universitária na formação docente. **Infinitum: Revista Multidisciplinar**, v. 6, n. 10, p. 24-42, 19 Out 2023 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/21735>. Acesso em: 18 nov 2024.


PINHEIRO, Jonison Vieira; NARCISO, Christian Silva. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 14, n. 2, 2022.

PEDRO, Elvira dos Santos Barbosa São; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos. Canto Coral. **Revista Expressão Católica**, v. 11, n. Especial, p. 207-210, 2022.

SILVA, Wagner Pires da; SOUZA, Ana Carmita Bezerra; BARBOSA, Erlene Pereira; MACIEL, Paulo Henrique Freitas. Entendendo a desigualdade, como forma de combatê-la, por meio das ações extensionistas do Viés Cariri. **Revista Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 31-36, 2019.

TEIXEIRA, Rodrigo Andrade; SILVA, Lenilda Austrilino; SOARES, Francisco José Passos. Contribuição da prática do canto coral para a educação interprofissional na área da saúde. **Conhecimento & Diversidade**, v. 11, n. 25, p. 125-145, 2019.





4. DESAFIOS DA EXTENSÃO NAS COMUNIDADES EM SITUAÇÃO DE FRAGILIDADE SOCIOECONÔMICA: SEGURANÇA NO TRABALHO PARA MULHERES NO CICLO PRODUTIVO DO SURURU EM MACEIÓ, ALAGOAS

Ewerton Amorim dos Santos

<https://orcid.org/0000-0001-8453-017X>

E-mail: ewerton.santos@uncisal.edu.br



Karina Rossana Menezes Schüssler

<https://orcid.org/0000-0003-0028-9150>

E-mail: karina.schussler@uncisal.edu.com

Joseilda Belarmino da Silva

<https://orcid.org/0000-0001-6497-9594>

E-mail: joseildabelar@gmail.com

INTRODUÇÃO

A mariscagem, atividade predominantemente feminina e fundamental para o sustento de muitas famílias em Maceió, expõe as mulheres a condições de trabalho precárias, marcadas pela informalidade e ausência de proteção social (Tamano, 2015). A falta de regulamentação e os riscos

inerentes à atividade evidenciam a necessidade de ações que promovam a segurança e a saúde dessas trabalhadoras.

Este capítulo traz o resumo da experiência do projeto de extensão “Mulheres Guerreiras” da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Realizado com docentes e discentes dos cursos de Tecnologia em Segurança no Trabalho e Alimentos, o projeto foi criado após a solicitação de uma ONG que procurou a UNCISAL em busca de apoio tecnológico. Na tentativa de atender às necessidades práticas de segurança no trabalho e de manipulação de alimentos de um grupo de mulheres envolvidas na extração e beneficiamento do sururu, o projeto desenvolveu-se nas favelas Sururu de Capote e Mundaú, localizadas às margens da Lagoa Mundaú, em Maceió, Alagoas, entre os anos de 2018 e 2019.

A partir da identificação dos principais problemas, foram propostas ações extensionistas visando à melhoria das condições de trabalho e à promoção da qualidade de vida dessas trabalhadoras que vivem em regiões com sérias carências sociais. Ao longo deste capítulo, serão abordados os seguintes aspectos:

- A caracterização da mariscagem como atividade informal e os desafios para a aplicação da legislação trabalhista;
- Os principais riscos à saúde e segurança das marisqueiras;
- As ações de promoção da segurança no trabalho implementadas pelo projeto;



- A avaliação da adesão das mulheres às propostas e os resultados alcançados.

A metodologia empregada para a realização deste capítulo, foi o relato de experiência de uma das docentes coordenadoras, utilizando a observação participante como principal ferramenta de coleta de dados.

O relato de experiência é um método qualitativo que busca descrever e analisar vivências e práticas em contextos específicos, envolvendo uma narrativa, os procedimentos realizados e os resultados obtidos, permitindo uma reflexão crítica sobre a experiência vivida (Mussi, Flores e Almeida, 2021).

A observação participante foi utilizada porque é uma técnica que possibilita a integração do pesquisador ao ambiente em estudo, permitindo a observação e participação das atividades dos sujeitos de pesquisa (Santos, s.D.). Thiollent (1999) ressalta que essa técnica facilita uma compreensão contextualizada das práticas e interações sociais. É uma metodologia rica em dados qualitativos, e, neste trabalho, foi complementada com outras fontes como: a análise de enquetes efetivadas durante os eventos extensionistas e os relatórios dos discentes sobre as visitas técnicas e ações promovidos pelo projeto.

A experiência relatada nas seguintes páginas se relaciona apenas com as questões da Segurança no Trabalho, trazendo conceitos e apresentando reflexões alternativas sobre a melhoria da qualidade de vida das famílias que sobrevivem da exploração do sururu nas comunidades



ribeirinhas de Maceió. E, se de um lado para as coordenadoras do projeto foi uma oportunidade única de levar a academia para o centro dos problemas socioeconômicos regionais, por outro lado, para os discentes, a experiência da pesquisa e da extensão dessa natureza foi também uma chance singular para o envolvimento não somente crítico, mas principalmente propositivo acerca das questões urbanas locais.

A ATIVIDADE DA MARISCAGEM

A legislação de Saúde e Segurança dos Trabalhadores (SST), através das Normas Regulamentadoras (NR) norteia os procedimentos de um número considerável de profissões no intuito de reduzir ou erradicar o risco de acidentes no universo do trabalho configurado como formal, isto é, aquele que apresenta uma relação empregatícia e assalariada. Entretanto, nem todos os trabalhadores se enquadram nesta situação.

Autores como Silva (2011), Zacarias, Cruz e Barros (2015), dentre outros, classificam o trabalho autônomo e informal, como aqueles tipos de trabalho, nos quais se inserem os artesãos, os pescadores artesanais e tantos outros ofícios que não se enquadram nos moldes do trabalho assalariado formalmente.

Nesse sentido, a exploração de mariscos para a gastronomia é uma destas atividades que “pode ser considerada pesca artesanal, pois se caracteriza por uma pesca de baixo impacto ambiental” (Figueiredo, 2011, p.1).



Na gastronomia alagoana, um dos pratos típicos mais apreciados é feito a partir de um molusco denominado vulgarmente como sururu (*Mytella Falcata*). Seu ciclo produtivo é composto pela extração, pré-lavagem e processamento do molusco. A extração do sururu, uma atividade predominantemente masculina, envolve o mergulho em águas profundas, com os trabalhadores iniciando nas primeiras horas da madrugada e submetendo-se a condições de trabalho extremamente perigosas (Tamano, 2015, p.705).

As mulheres, ou marisqueiras, assumem as etapas subsequentes, que embora menos perigosas em termos físicos, é um trabalho manual com instrumentos rudimentares, muitas vezes confeccionados pelas próprias trabalhadoras, expõem-nas a outros riscos, como “o contato prolongado com água contaminada e substâncias químicas utilizadas no processo” (Figueiredo, 2011, p.1). O conjunto das etapas do processamento do sururu (Quadro 1) também é conhecido como mariscagem e se realiza pela cocção, “peneiragem”, “catagem” e lavagem final e acondicionamento do molusco (Zacarias, Cruz e Barros, 2015, p.5).



Quadro 1 - Roteiro do processamento artesanal do sururu pelas marisqueiras.

ETAPA	DESCRIÇÃO	EQUIPAMENTO
“Despincagem”	Retirar manualmente e de cada concha a parte do molusco que dá aderência à rocha ou à lama	Faca
Cocção	Cozinhar os moluscos entre 7 a dez minutos, sem adição de água, para facilitar a abertura das conchas e a retirada da carne do seu interior	Fogareiro improvisado à lenha e latas de tinta reutilizadas
Peneiragem	Passar os moluscos abertos em peneiras, terminando o processo de separação da carne da concha.	Mesas de madeira e peneiras improvisadas de malha grande
“Catagem”	Recolher manualmente os fragmentos de conchas e outras sujidades	Mesas de madeira
Lavagem final	Lavar em uma água “visualmente” limpa	Pia, bacias ou mesa azulejada.

Fonte: Adaptado de Knupfer *et al.* (2014)

Pelas informações acima, percebe-se que a rotina da fase de beneficiamento do sururu, é realizada em condições precárias tanto para saúde quanto para a segurança das marisqueiras. As condições de trabalho, face aos “os aspectos relacionados ao mobiliário, aos equipamentos e às condições ambientais do posto de trabalho e à própria organização do trabalho” (Brasil, 2016), quase inexistem. Isto porque, o trabalho diário é realizado pelas trabalhadoras de pé e/ ou sentadas no chão, ou em cadeiras e bancos totalmente inadequados, muitas vezes “sem nenhum con-



trole legal, sanitário e trabalhista, nem critérios mínimos de qualidade” (Knupfer *et al.*, 2014, p.63).

Durante as visitas e ações extensionistas, foram corroboradas essas afirmativas, sendo observado que o trabalho no processamento do sururu em Maceió é efetivado em condições precárias, locais improvisados e com instrumentos rudimentares, denotando a sua característica essencialmente artesanal.

CONSEQUÊNCIAS DA MARISCAGEM NA SAÚDE

Estudos demonstram que a natureza repetitiva, o tipo de trabalho e o ritmo quase ininterrupto da mariscagem, além dos movimentos corporais, trazem diversos males à saúde das trabalhadoras, independentemente das especificidades de cada molusco a ser extraído e das condições ambientais de trabalho. As pesquisas de Rodriguez- Romero *et al.* (2011) e Falcão *et al.* (2017) explicitaram que os movimentos intensos causam principalmente Lesões por Esforço Repetitivo (LER), Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) ou Distúrbios Musculoesqueléticos (DME).

No Brasil, Falcão *et al.* (2017) apontam a ocorrência de DME nas atividades com mariscos no litoral baiano, enfatizando que a marisqueira está exposta aos riscos ergonômicos em todas as etapas do seu trabalho. A pesquisa deste autor observa que, além dos numerosos casos de DME, as dores relatadas pelas marisqueiras são associadas aos esforços físicos exigidos por cada etapa do trabalho (Quadro 2).



Quadro 2 - Resumo das doenças relativas à mariscagem e suas causas.

ETAPA DO TRABALHO	DOENÇA/ MAL FÍSICO	CAUSAS PROVÁVEIS
Despincagem, catagem, peneiração e cocção	DME	Posturas ergonomicamente incorretas, esforços com carga excessiva.
Despincagem, catagem, peneiração e cocção	LER/DORT (tenossinovites e tendinites, síndrome do túnel do carpo, dentre outros).	Posturas ergonomicamente incorretas, movimentos repetitivos.
Cocção	Problemas respiratórios.	Inalação de fumaça, gases e falta de EPI.
Despincagem, catagem, peneiração e cocção	Câncer de pele.	Exposição ao sol, calor e falta de EPI.
Despincagem, catagem, peneiração e cocção.	Dermatite.	Ambiente úmido, contato com lama e falta de EPI.
Despincagem, catagem, peneiração e cocção.	Lesões e ferimentos.	Contato com a casca dos moluscos, instrumentos cortantes e falta de EPI.

Fonte: Adaptado de Falcão *et al.* (2017); Rodriguez-Romero *et al.* (2011).

Além das doenças musculares e posturais, estes autores apontaram outros problemas de saúde causados pelos riscos ambientais¹ da mariscagem. O Quadro 3

¹ Risco ambiental é aquele decorrente da presença de agentes físicos, químicos e biológicos no ambiente de trabalho em determinadas concentrações ou intensidade, dentro de um limite de tempo máximo de exposição preestabelecido (Brasil, 2016).



apresenta os principais riscos ambientais presentes no cotidiano das marisqueiras.

Quadro 3- Riscos ambientais no trabalho da mariscagem (ocorrência destacada pelo negro).

FÍSICO	QUÍMICO	BIOLÓGICO	ERGONÔMICO	ACIDENTES
Ruídos	<u>Poeiras</u>	Vírus	<u>Esforço físico intenso.</u>	<u>Arranjo físico inadequado.</u>
Vibrações	<u>Fumos</u>	<u>Bactérias</u>	<u>Levantamento e transporte manual de peso.</u>	Máquinas e equipamentos sem proteção.
Radiações ionizantes	Névoas	Protozoários	<u>Exigência de postura inadequada.</u>	<u>Ferramentas inadequadas ou defeituosas.</u>
Radiações não ionizantes	Neblinas	<u>Fungos</u>	Controle rígido de produtividade.	Iluminação inadequada.
Frio	<u>Gases</u>	<u>Parasitas</u>	<u>Imposição de ritmos excessivos.</u>	Eletricidade.
<u>Calor</u>	<u>Vapores</u>	Bacilos	Trabalho em turno e noturno.	Probabilidade de incêndio ou explosão.
Pressões anormais	Substâncias, compostos ou produtos químicos		<u>Jornadas de trabalho prolongadas.</u>	<u>Armazenamento inadequado.</u>
<u>Umidade</u>			<u>Monotonia e repetitividade.</u>	<u>Animais peçonhentos.</u>

Fonte: Adaptado da NBR-4 (Brasil, 2016).



MULHERES GUERREIRAS

O projeto “Mulheres Guerreiras” foi iniciado quando a ONG Visão Mundial procurou a UNCISAL para obter apoio tecnológico na criação de uma cooperativa de mulheres em situação social fragilizada e que mantinham suas famílias por meio da exploração comercial do sururu. O projeto beneficiaria cerca de 50 marisqueiras das favelas Sururu de Capote e Mundaú, localizadas no Bairro Vergel do Lago, às margens da Lagoa Mundaú.

A Pró-Reitoria de Extensão da UNCISAL convidou coordenadores de diversos cursos para visitar o local e estabelecer parcerias. Contudo, constatou-se que os Cursos Superiores de Tecnologia (CST) em Segurança no Trabalho e Alimentos estavam mais alinhados aos objetivos da ONG, em razão da necessidade de treinamento em segurança e processamento alimentar; era preciso incentivar a saúde e segurança, organizar e facilitar o trabalho em equipe e orientar sobre boas práticas de manipulação de alimentos.

Após uma seleção, foram aceitos dezoito alunos dos dois cursos, para acompanhar as professoras coordenadoras na realização das atividades extensionistas propostas no projeto. Este relato apresenta as ações relativas somente à participação dos alunos do CST em Segurança no Trabalho.

Durante um ano, o projeto auxiliou as trabalhadoras em ergonomia, uso de EPIs, organização das atividades e segurança no uso das máquinas, obedecendo às Normas



Regulamentadoras² da Segurança no Trabalho. Foram realizadas visitas técnicas e treinamentos em equipe, organização do ambiente laboral, postura e ginástica laboral.

1º. Ciclo do projeto (2018.2)

Em julho de 2018, ocorreu a seleção para os alunos participarem do projeto, que se realizaria por meio de estudos, visitas e eventos com a comunidade sob a orientação das professoras coordenadoras. As atividades ocorreram tanto na sede da UNCISAL quanto no local de trabalho das marisqueiras.

Seguindo o planejamento inicial, em agosto de 2018, foram estudadas as Normas Regulamentadoras: NR-31 (trabalho aquífero), NRs-1 a 5, NR-6 (EPIs), NR-9 (prevenção de riscos ambientais) e NR-17 (ergonomia). Com essa base teórica, em setembro iniciaram-se as primeiras visitas técnicas para avaliar as condições de trabalho e segurança das trabalhadoras. Os alunos entrevistaram as marisqueiras para detalhar o ofício e identificar necessidades de melhoria.

As visitas de campo também serviram para reconhecer o local da futura cooperativa, iniciar as instruções de ginástica laboral e organizar o trabalho. Em outubro, os dados coletados foram analisados e transformados em apresentações para treinamentos em segurança no trabalho, detalhados a seguir.

2 As principais normas relacionadas a mariscagem foram: a NR-4 Serviços de Engenharia de Segurança e Medicina no Trabalho, NR-5 Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, CIPA, NR-6 Equipamento de Proteção Individual, NR-15 Atividades e operações insalubres e NR-17 Ergonomia (Brasil, 2016).



Em novembro, foram realizados dois treinamentos com as marisqueiras na sede da UNCISAL. O primeiro abordou trabalho em equipe. O segundo focou na organização do trabalho, além dos riscos ambientais e ergonomia, incluindo exercícios de ginástica laboral. Durante os treinamentos, enquetes foram aplicadas para levantar medidas corporais, entender o nível de conhecimento sobre o projeto e identificar problemas no trabalho com sururu.

As ações extensionistas deste ciclo foram divulgadas no Seminário “Alternativas para Sustentabilidade e Resiliência: Áreas Frágeis de Maceió”, em 29 de novembro, selecionado para integrar o Circuito Urbano 2018 da ONU Habitat³. No evento, foram apresentados resultados do projeto em colaboração com parceiros da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Arapiraca e da agência das Nações Unidas para os assentamentos humanos (ONU Habitat).

Em dezembro, uma visita técnica à Barra de Camaragibe permitiu conhecer a associação Rio Mar – Ostras Depuradas de Alagoas, uma cooperativa estabelecida no mercado nacional, proporcionando aos alunos uma melhor compreensão das atividades de processamento de molusco.

2º. Ciclo (2019.1)

O segundo ciclo do projeto iniciou em fevereiro de 2019 com uma parceria com o curso de Arquitetura

3 Iniciativa da ONU-Habitat Brasil para apoiar eventos organizados por diversos atores sobre temas urbanos e sociais (Organização das Nações Unidas, 2023).



e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Arapiraca para participar do prêmio de economia circular, para promover melhorias habitacionais nas favelas Sururu de Capote e Mundaú. Posteriormente, essa parceria se estendeu para o curso de Nutrição da UFAL *campus* Maceió com ações de segurança no trabalho na manipulação de alimentos.

O projeto no prêmio de economia circular foi um desdobramento do “Mulheres Guerreiras” e um projeto de pesquisa da UFAL que adaptou a técnica de construção de um “telhão” de argamassa armada, utilizando o pó da casca do sururu, e desenvolver a técnica de solo-cimento utilizando o solo da Lagoa Mundaú, para melhorar as moradias das comunidades envolvidas. Apesar de não ter sido escolhido, o projeto trouxe importantes aprendizados na busca por melhorias sociais por meio da extensão.

Foram realizadas mais três visitas técnicas, com a integração de novos alunos, embora o número total dos participantes tenha sido reduzido. As visitas focaram na ergonomia e segurança no trabalho, na manipulação de alimentos e na ginástica laboral.

Uma das últimas ações foi a organização do evento Cooperação Técnica e Assistência Social Tecnológica em Segurança no Trabalho e Alimentos: Tecnologia a Favor do Desenvolvimento Sustentável, durante a 1ª. Jornada Alagoana de Tecnologia da UNCISAL, no IX Congresso Acadêmico e Saúde, realizado em 26 de setembro de 2019. O evento incluiu um painel sobre o ciclo produtivo do sururu e uma mesa-redonda, onde os alunos compartilharam suas



experiências ao longo do projeto, debatendo com o público presente os aprendizados e lições práticas obtidas na realização do projeto.

RESULTADOS E APRENDIZADOS

As ações extensionistas (Quadro 4) propiciaram um rico campo para os estudantes aplicarem na prática as normas de segurança no trabalho e serviram para a coleta de dados e análises posteriores à execução deste projeto. Assim, foi possível constatar o nível de participação e engajamento dos alunos, além de avaliar o alcance das ações na comunidade, como detalhado a seguir.

Quadro 4 - Ações extensionistas realizadas pelo projeto de extensão. Maceió, Alagoas, 2024.

AÇÃO	LOCAL	DESCRIÇÃO
Visitas técnicas.	Favelas Sururu de Capote e Mundaú Barra do Camaragibe	Reconhecimento do local e estudo do trabalho.
Treinamento “Trabalho em equipe”	Sala de aula - Prédio sede UNCISAL	Palestra e Dinâmicas em grupo.
Treinamento “Organização do trabalho”	Sala de aula - Prédio sede UNCISAL	Palestra e Dinâmicas em grupo.
Seminário “Alternativas para Sustentabilidade e Resiliência: Áreas Frágeis de Maceió”	Miniauditório - Prédio sede UNCISAL	Painel, com a parceria da UFAL Arapiraca e Onu Habitat.
Evento “Cooperação Técnica e Assistência Social Tecnológica em Segurança no Trabalho e Alimentos: Tecnologia a Favor do Desenvolvimento Sustentável”	Miniauditório - Prédio sede UNCISAL	Painel com convidada do Curso de nutrição da UFAL e mesa redonda com os alunos integrantes do projeto.

Fonte: Os autores (2024).



AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS MARISQUEIRAS

Das cinquenta mulheres, apenas cerca de vinte marisqueiras participaram das ações do projeto devido a várias dificuldades que impediram as desistentes de aproveitar os treinamentos e serviços oferecidos. Infelizmente, as comunidades envolvidas fazem parte de uma das áreas de alta criminalidade em Maceió, onde o tráfico de drogas e a violência fazem parte do cotidiano. Durante o primeiro ciclo do projeto, e, segundo relato das integrantes, algumas das marisqueiras foram ameaçadas por seus próprios companheiros ou por líderes de facções criminosas rivais e, conseqüentemente, proibidas de continuar no projeto.

O “Mulheres Guerreiras” foi divulgado em mídias locais, incluindo rádio e televisão, com duas entrevistas realizadas nos locais de mariscagem. Em uma dessas entrevistas, um dos líderes locais solicitou que não fossem mais filmadas nem as marisqueiras, nem eles próprios.

Foi observado *in loco* que muitas marisqueiras continuavam trabalhando, mesmo enfrentando sérios problemas de saúde decorrentes dos riscos ocupacionais. Sem recursos, essas mulheres não podem se ausentar do trabalho sem prejuízos financeiros. Pena, Martins e Rego (2013) apontam que a falta de informação, associada à carga cultural das atividades artesanais e à pobreza extrema, leva essas mulheres a trabalharem doentes, o que agrava ainda mais suas condições de saúde. Durante o projeto, foi possível observar que os sintomas e doenças resultantes do trabalho das maris-



queiras não são prevenidos nem adequadamente tratados, prejudicando significativamente a vida das trabalhadoras.

DESAFIOS ENCONTRADOS E LIÇÕES APRENDIDAS

O relatório final do primeiro ciclo do projeto de extensão apontou algumas dificuldades na execução das ações extensionistas. Embora os resultados tenham superado as expectativas, vários desafios surgiram ao longo dos meses.

Inicialmente, algumas metas, como a organização completa do trabalho, não foram alcançadas devido ao volume de informações e aos horários incompatíveis com as atribuições dos discentes (muitos trabalham durante o dia e só podem estudar à noite). Além disso, a indisponibilidade de alguns alunos, mesmo com o critério de seleção baseado no tempo livre, causou a diminuição da equipe. Um aluno, por exemplo, foi contratado por uma empresa, outros iniciaram o estágio curricular e não participaram das reuniões e eventos no último mês. Outra questão é a pouca carga horária docente que desestimula o desenvolvimento de um projeto de extensão (só havia a participação efetiva de uma docente que também era a coordenadora do projeto).

No fim do segundo ciclo, o maior desafio foi a violência urbana. Apesar de o local destinado para a cooperativa ter sido doado e reformado, as visitas ocorreram em locais provisórios, próximos à Lagoa Mundaú e que apresentavam riscos à integridade física dos alunos. Furtos e tiroteios frequentes nos arredores resultaram na suspensão do projeto.



Dentro desse contexto, as dificuldades encontradas revelaram a necessidade de maior planejamento e flexibilidade nas metas, bem como a importância de garantir a segurança dos envolvidos. As lições aprendidas reforçam a resiliência e a importância de adaptação em projetos de extensão voltados para comunidades vulneráveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a mariscagem, enquanto trabalho artesanal, garante o sustento de muitas famílias no Nordeste do Brasil, que vivem da pesca e do beneficiamento de moluscos como o sururu. Este relato de experiência revelou as condições inadequadas, os inúmeros riscos à saúde e a falta de segurança enfrentados cotidianamente pelas marisqueiras das comunidades carentes da região lacustre em Maceió, Alagoas.

Apesar dos desafios encontrados, a experiência evidenciou que o aprendizado dos alunos ao aplicar a teoria na prática, enfrentando as dificuldades de atuar em comunidades vulneráveis, foi significativo. Ademais, o esforço dos docentes, que se dedicaram ao projeto mesmo com pouca carga horária, foi essencial para o sucesso das ações desenvolvidas.

Conclui-se que, embora um projeto de extensão não consiga alterar por completo uma situação social frágil, ele oferece oportunidades valiosas. O projeto “Mulheres Guerreiras” proporcionou aos docentes e discentes a aplicação prática de conhecimentos teóricos em um contexto real,



contribuindo, ainda que minimamente, para a melhoria da qualidade de vida das trabalhadoras participantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria nº 3.214/1978**. In: MORAES JR, C. P. de. Manual de Segurança e saúde no trabalho: Normas Regulamentadoras: Nrs, Principais legislações trabalhistas aplicáveis à área de segurança no trabalho. 13a. ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, Difusão Editora. 2016.1225p.

FALCÃO, I. R. et al. Fatores associados com os distúrbios musculoesqueléticos em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. **Cien. Saúde. Colet.** 2017. Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-com-os-disturbios-musculoesqueleticos-em-pescadoras-artesanaismarisqueiras-em-saubara-bahia-brasil/16443?id=16443>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

FIGUEIREDO, M. M. **A mariscagem e as mulheres na Baía do Iguape. Grupo Costeiros. 1o. Seminário Espaços Costeiros - Dinâmicas e conflitos no litoral baiano - Eixo Pesca e aquicultura – produção, trabalho e cotidiano**. Salvador, 26 a 29 set. 2011. Disponível em: <http://www.costeiros.ufba.br/Semin%C3%A1rio/eixo%201.html>. Acesso em: 09 jan. 2019.

KNUPFER, M. C. et al. **A Cada Lata: A Extração do Sururu na Lagoa Mundaú - Alagoas. Maceió: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade – IABS**. Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID. Maceió, Governo do Estado de Alagoas. 2014. Disponível em: <http://editora.iabs.org.br/site/index.php/portfolio-items/13329/>. Acesso em: 09 jan. 2019.



MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. Nações Unidas Brasil. **Circuito Urbano 2023: Confirma a programação de eventos em todo o país.** [s.L.]: Casa ONU Brasil - Complexo Sérgio Vieira de Mello, 29 set. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>. Acesso em: 10 out. 2024.

PENA, P. G. L.; MARTINS, V.; REGO, R. F. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. **Rev. bras.saúde.ocup.** São Paulo, v. 38, n. n.127, p. p.57-68, 2013.

PEREIRA, O. M. et al. Estimativa da produção de *Mytella falcata* e de *M.guyanensis* em bancos naturais do estuário de Ilha Comprida - SP - Brasil. São Paulo, **Bol. Inst. Pesca.** n. 29, p. 139-149, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285765706_Estimativa_da_producao_de_Mytella_falcata_e_de_Mguyanensis_em_bancos_naturais_do_estuario_de_Ilha_Comprida_-_SP_-_Brasil. Acesso em: 16 jan. 2019.

RODRÍGUEZ-ROMERO, B. et al. *Prevalence, co-occurrence, and predictive factors for musculoskeletal pain among shellfish gatherers.* 31, 283-292. Alemanha. **Clinical Rheumatology**, n.10, p. 283-292, 31 2011. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Prevalence%2C-co-occurrence%2C-and-predictive-factors-Rodr%C3%ADguez-Romero-Pita-Fern%C3%A1ndez/bd6d6f82c5d8bff46544318edc0508e791627b13>. Acesso em: 16 jan. 2019.



SANTOS, L. C. dos. **A observação:** uma técnica ou instrumento de coleta de dados numa investigação científica. [S. l.], [s.D]. Disponível em: https://www.lcsantos.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/34_A_OBSERVACAO.pdf?form=MG0AV3. Acesso em: 28 out. 2024.

SILVA, O. P. **A Nova Face do Direito do Trabalho:** tecnologia, desemprego, trabalho autônomo e trabalho informal. Direito do Trabalho, 2011. Disponível em: http://www.calvo.pro.br/media/file/colaboradores/otavio_pinto_silva/otavio_pinto_silva_nova_face_direito_trabalho.pdf. Acesso em: 16 jan. 2019.

THIOLENT, M. (1999). **Notas para o debate sobre pesquisa ação.** In Brandão, C. R. (Org.), Repensando a pesquisa participante (pp. 82-103). São Paulo: Brasiliense.

TAMANO, L. T. O. E. A. Socioeconomia e saúde dos pescadores de *Mytella falcata* da Lagoa Mundaú, Maceió - AL. Bol. Mus. Belém. **Ciênc. hum.** v. 10, n. 3, p. 699-710, Dezembro 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222015000300699&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 dez. 2018.

ZACARIAS, S.; CRUZ, C. L.; BARROS, T. B. D. Mulheres Marisqueiras: uma categoria “às margens” das políticas públicas. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas: Para além da crise global: Experiências e antecipações concretas. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Sociais. PPG em Políticas Públicas. [Anais...] 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322926948_MULHERES_MARISQUEIRAS_uma_categoria_as_margens_das_politicas_publicas. Acesso em: 03 dez. 2018.



5. PROMOÇÃO DA ATENÇÃO À SAÚDE E BEM-ESTAR VOCAL DOCENTE – PROVOZ

Edna Pereira Gomes de Moraes

<https://orcid.org//0000-0002-0034-0166>

E-mail: edna.gomes@uncisal.edu.br

Vanessa Fernandes de Almeida Porto

<https://orcid.org//0000-0002-0100-4869>

E-mail: vanessa.porto@uncisal.edu.br

Marília Gabriela Correia Serafim

<https://orcid.org//0009-0004-7895-3693>

E-mail: mariliacorreias.fono@gmail.com



INTRODUÇÃO

O professor faz parte do grupo profissional que mais utiliza a voz como o seu principal instrumento de trabalho, dependendo dela para transmitir conhecimentos e estabelecer vínculos com alunos, família e escola, sendo a voz parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem (Rodrigues; Baptista, 2021).

Dessa forma, os professores representam a categoria mais acometida pelo distúrbio de voz, uma vez que possuem uma grande demanda vocal. Pesquisas referem que a grande demanda vocal docente justifica-se pelo excesso

de carga horária, uma vez que sua baixa remuneração traz como consequência a necessidade de se trabalhar em várias escolas, a fim de ampliar a renda familiar (Jesus, 2020; Rodrigues; Baptista, 2021).

Arelado à demanda vocal, os professores também são expostos a diversos fatores de risco em sua rotina laboral, desde os aspectos ambientais da escola até a organização do trabalho docente, especialmente ao ruído e à extensa carga horária, como também a fatores individuais (Mota *et al.*, 2022). Esses fatores de risco, ocasionam diversos sintomas vocais nesta categoria, dentre eles: rouquidão, fadiga vocal, voz fraca, falha na voz, dor ou desconforto ao falar, pigarro, tosse persistente e dificuldade de projetar a voz (Freitas *et al.*, 2019).

O distúrbio de voz relacionado ao trabalho (DVRT) possui uma evolução insidiosa, lenta e progressiva, podendo ser conceituado como uma alteração vocal associada ao trabalho que traz consequências para o desenvolvimento das atividades do trabalhador e para a transmissão das informações em seu cotidiano, com a presença ou não de patologia na laringe (Brasil, 2018).

Vale ressaltar que o impacto do distúrbio de voz na vida do professor vai além dos sinais e sintomas vocais, acarretando prejuízos no desenvolvimento do seu trabalho com excelência, dificuldades de relacionamentos com os pares, bem como consequências de caráter econômico, profissional e pessoal, podendo gerar readaptações ou afastamentos temporários e/ou permanentes (Servilha; Ruela, 2010).



Reconhecer os fatores que interferem na produção vocal é de extrema importância, uma vez que podem ser planejadas ações de prevenção e promoção ao bem-estar vocal coerentes à necessidade do grupo de trabalhadores (Mota *et al.*, 2022).

Os programas de promoção da saúde reafirmam a importância de os professores apresentarem uma postura ativa, atuando de forma consciente nas condições que impactam a sua saúde. Dessa forma, por meio da troca de conhecimentos e experiências no grupo, os participantes sentem-se mais confiantes no processo de mudanças quanto sua saúde (Rodrigues; Baptista, 2021).

Diante dessa realidade, programas de treinamento vocal surgem como estratégias eficientes de prevenção e promoção à saúde e bem-estar vocal, possibilitando mudanças no comportamento vocal docente, por meio das técnicas aprendidas e implementadas em suas atividades laborais, redução de sintomas vocais indesejados, prevenção de transtornos vocais e compreensão acerca dos cuidados com a voz. No geral, esses programas apresentam abordagens com conteúdos teóricos e práticos, a fim de esclarecer e orientar a população-alvo e ensinar, na prática, como promover maior longevidade e *performance* vocal nas atividades em sala de aula (Santos *et al.*, 2021).

Nesse sentido, o presente capítulo apresenta a descrição das ações desenvolvidas no PROVOZ e seus resultados durante os quatro anos que se encontram em execução.



DESCRIÇÃO DAS AÇÕES E OS RESULTADOS OBSERVADOS

O projeto de extensão PROVOZ tem como principal objetivo promover ações voltadas à saúde e bem-estar vocal dos professores de qualquer nível de ensino, de instituições, prioritariamente, públicas. Pensando a extensão universitária, como um “braço” da universidade na comunidade/sociedade, por meio do projeto aqui descrito, conseguimos levar o que é desenvolvido dentro dos muros da universidade à comunidade, principalmente no entorno da instituição.

Promover saúde vocal implica a criação de condições e suporte para que os professores possam ter um maior controle sobre os determinantes da saúde. Busca-se incentivar e viabilizar práticas saudáveis que previnem condições vocais prejudiciais, como também melhorar o ambiente onde a voz é utilizada, contando, assim, com o envolvimento de gestores (direção e coordenação pedagógica), reconhecendo a saúde como um bem-estar integral.

Assim, por meio das campanhas educativas, que acontecem durante o mês de abril, quando se comemora o Dia Mundial da Voz, o PROVOZ desenvolve suas ações junto ao público docente, para promoção da saúde vocal, acompanhando a temática proposta pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, cujo apoio é crucial, bem como do Curso de Fonoaudiologia da Uncisal. Com essas ações são fornecidas informações quanto à prevenção e promoção da saúde vocal docente. Estudantes extensionistas e as professoras



coordenadoras do projeto se envolvem, para falar sobre voz e os cuidados necessários para mantê-la saudável, por meio de palestras, oficinas, entrevistas, rodas de conversa e distribuição de materiais educativos junto aos professores.

Além de ações de promoção à saúde, o projeto de extensão segue uma estrutura de ações junto às escolas, orientando e realizando oficinas teórico-práticas, permitindo que os professores vivenciem algumas dinâmicas e possam implementar, em sua rotina, algumas técnicas e práticas capazes de minimizar um problema vocal. O projeto encontra-se em seu quarto ano de funcionamento e, com a finalidade de atingir um maior número de docentes, apresenta uma modalidade de realização no formato *on-line*, de forma síncrona.

Porém, tanto no modelo presencial quanto no *on-line*, o projeto apresenta o mesmo modelo de ações. Ressalvando-se que, no formato presencial, o contato é realizado com a escola. Já no formato *on-line*, há uma divulgação nas redes sociais do projeto e da universidade, para que aqueles professores interessados em participar possam se inscrever.

A idealização do projeto surgiu a partir da necessidade observada de se fazer presente no cenário de atuação desses professores, ou seja, ir às escolas, creches, universidades, a fim de orientar e assistir os docentes quanto aos cuidados e à utilização da voz no ambiente de trabalho. Assim, foi estruturado um conjunto de orientações voltadas ao bem-estar vocal, identificando os comportamentos e hábitos negativos mais relatados pelos docentes e levando a eles orientações e treinamento vocal.



Nessa perspectiva, são trabalhados os aspectos relacionados à voz e fala, com ênfase na promoção de uma voz com o mínimo esforço e máxima eficiência. Considerando esses parâmetros, foi possível ofertar um programa amplo, indo além da sensibilização e modificação de hábitos vocais negativos.

Assim, tanto no formato presencial quanto *on-line*, as oficinas ocorrem em oito encontros, com duração de 60 minutos, uma vez por semana, totalizando oito semanas. Esses encontros são de caráter teórico-prático, abordam temas quanto anatomofisiologia vocal, respiração, relaxamento, projeção vocal, cuidados com a voz e expressividade vocal, além de uma abordagem direta com exercícios visando aquecimento e desaquecimento vocal.

A fim de promover ações com qualidade, antes do início das oficinas, nas escolas, os extensionistas envolvidos no projeto passam por uma formação ampla, a respeito dos temas a serem trabalhados junto aos público-alvo contando com a participação de professores convidados para abordarem temas relacionados à saúde e bem-estar vocal. Assim, são abordados temas como a importância do bem-estar físico e mental, a importância de uma boa alimentação para saúde geral e vocal, os cuidados com automedicação e como certos medicamentos interferem na voz, bem como uma oficina de produção de recursos educativos para ajudar e orientar os estudantes no desenvolvimento de materiais educativos voltados à promoção da saúde vocal. Ademais, conteúdos diretamente relacionados a voz, sua produção e



técnicas vocais e de comunicação em sala de aula são trabalhados e discutidos com o grupo de extensionistas.

Na fase de formação dos extensionistas, os encontros são semanais, com 120 minutos de duração. Enquanto ocorre a formação, as coordenadoras do projeto realizam contatos com as escolas para apresentar o projeto à Direção e Coordenação Pedagógica, a fim de que seja possível organizar um cronograma dos encontros presenciais que devem ser estruturados para ocorrerem dentro do horário disponibilizado para o projeto de extensão e pactuados com a escola.

AS OFICINAS COM OS PROFESSORES

O primeiro encontro é destinado à apresentação do projeto junto aos professores, conhecimento do perfil, ambiente e organização do trabalho e apresentação do tema sobre anatomofisiologia da produção vocal, desenvolvido por meio de uma roda de conversa. Considerando que não é possível mudanças diante do desconhecido, torna-se fundamental a discussão inicial sobre a produção vocal. Nesse momento, é disponibilizado aos participantes um manual, fruto do primeiro ano do projeto, intitulado **“Orientações à saúde vocal do professor”**, disponível no *site* da Uncisal (www.uncisal.edu.br).

Ademais, no primeiro encontro, é realizado levantamento das condições de produção vocal, bem como o conhecimento prévio sobre saúde e higiene vocal e o índice de desvantagem vocal, esses dois últimos utilizando como guia protocolos validados, respectivamente Questionário



de saúde e higiene vocal (QSHV), Índice de Desvantagem vocal-10 (IDV-10) e Índice de Triagem para Distúrbio de Voz (ITDV) (Moreti, 2016; Costa; Oliveira; Behlau, 2013; Ghirardi *et al.*, 2013). A realização de uma avaliação vocal prévia é realizada e reaplicada ao final do 8º encontro.

Aqueles professores identificados com presença de alterações na qualidade vocal serão convidados a participar de um momento individual, a fim de melhor conhecer a história pregressa de sua disфонia e serem fornecidas orientações mais específicas, ou seja, individualizadas.

Todas as atividades envolvendo a abordagem vocal direta foram conduzidas por meio de técnicas/exercícios que poderiam ser aplicados a todos os professores sem prejuízos, buscando atingir o grupo de forma efetiva e cuidadosa, com técnicas mais universais. Ainda no primeiro encontro, os exercícios são voltados para o relaxamento e alongamento da musculatura corporal global e específica.

No formato *on-line*, no primeiro encontro, além da apresentação do projeto e dos participantes, é reservado também um momento para o esclarecimento de dúvidas relativas às condições de produção vocal. Nesse contexto, é disponibilizado um *link* contendo os questionários também utilizados no formato presencial, os quais devem ser preenchidos pelos próprios participantes e enviados ao grupo criado para comunicação. Além disso, os participantes também são avaliados, por meio de uma avaliação perceptivo-auditiva, por meio de registro de voz, a fim de que possa ser identificado algum caso de disфонia e seguir com orientação individualizada. Os registros servem, ainda,



para discutir características vocais antes e ao final do oitavo encontro, como ocorre no modelo presencial.

Para que o formato *on-line* seja realizado, inicialmente, cria-se um grupo em um aplicativo de mensagens, com o intuito de facilitar a comunicação entre os participantes, disponibilizando os *links* de acesso, avisos e orientações. Os encontros ocorrem semanalmente por meio de uma plataforma digital, com aulas ministradas ao vivo, sem gravação, e com duração aproximada de 60 minutos por encontro.

Seguindo com os demais encontros, antes de iniciar a abordagem prática, o conteúdo do encontro anterior é resgatado, a temática do encontro em andamento é apresentada e depois a abordagem prática é desenvolvida.

O segundo encontro aborda a respiração, mostrando sua fisiologia, relação entre a respiração e a voz, tipos de respiração e qual a mais indicada para quem desenvolve a ocupação docente. Posteriormente, ocorre o treino da técnica vocal selecionada para aquele momento. As apresentações teóricas envolveram apresentação de imagens e vídeos sobre o tema e atividades com metodologias ativas.

Quanto ao segundo encontro, no formato *on-line*, embora seja solicitado que os participantes mantenham a câmera aberta, sempre são disponibilizados modelos por meio de vídeos, com o intuito de facilitar a compreensão dos exercícios, uma vez que o contato mais próximo não é possível.

O terceiro encontro aborda a hidratação e voz, mostrando a importância de uma ingestão adequada de água e seu impacto nas pregas vocais. Em seguida, após expo-



sição teórica, segue-se com as técnicas vocais focadas na firmeza glótica.

Por sua vez, o quarto encontro apresenta a temática alimentação e voz, apontando quais alimentos podem impactar positiva ou negativamente na produção de uma voz saudável. Dentro dessa temática, são abordados os temas “doença do refluxo gastroesofágico (DRGE) e seu impacto na voz”, que tem sido um grande vilão para a saúde vocal. Aborda-se, ainda, o tema tabagismo e uso do álcool e seus impactos na saúde vocal. Por fim, realiza-se a técnica vocal eleita para o dia, gargarejo sonorizado.

No quinto encontro, os mitos e verdades sobre o uso de pastilhas e medicamentos que podem interferir na voz. Aqui, discutem-se, ainda, os efeitos dos hormônios na voz. Ao final, exercícios voltados à projeção vocal serão realizados, envolvendo abordagens com metodologias ativas, que permitem sempre uma boa interação e participação dos envolvidos.

O sexto encontro tem como tema principal a relação entre a postura, o sono, o estresse e as vestimentas com a emissão vocal do professor. E, o sétimo encontro, traz algumas estratégias para ajudar o professor a utilizar sua voz durante as aulas, com orientações relacionadas à postura e fala, competências comunicativas, além de estratégias para antes e após as aulas, proporcionando preservação e longevidade vocal. Ao final, é realizado o treino articulatório por meio de sequências de sílabas e trava-línguas, leitura envolvendo expressividade vocal.



O último encontro aborda aspectos diretamente voltados à comunicação oral em sala de aula, resgatando as competências comunicativas e discutindo sobre comunicação assertiva e elementos que possibilitam uma comunicação clara, assertiva e de liderança em seu ambiente de trabalho. Por fim, é orientado um programa de aquecimento e desaquecimento vocal, a fim de que o professor continue os treinos em sua rotina laboral.

Durante todos os encontros, por meio da escuta da voz e impressões, é trabalhado a importância da autopercepção de cada professor sobre os seus hábitos diários, levando o professor a ser atuante nesse processo de cuidado e conhecimento vocal.

OS RESULTADOS OBSERVADOS

É possível observar uma boa adesão e participação dos docentes tanto no formato presencial quanto *on-line*. No momento presencial, além dos professores, diretoras e coordenadoras pedagógicas, geralmente aderem à oficina, participam ativamente e buscam modificações no ambiente e mudanças de comportamento quanto aos cuidados com a voz, junto às professoras.

A reaplicação dos questionários e os relatos dos envolvidos mostram o quanto eles aprendem e aprimoraram seus conhecimentos, ampliam a consciência da necessidade de cuidar do seu principal instrumento de trabalho e se sentem satisfeitos com as ações e orientações fornecidas.



Ademais, o trabalho, em formato de grupo, favorece a troca de experiências, ajuda e motiva a participação entre os docentes. O formato presencial, com as oficinas desenvolvidas na própria escola onde atua o docente, possibilita maior adesão e minimiza as perdas de participantes. O formato *on-line* ainda enfrenta algumas dificuldades, como a ausência de contato físico, o que dificulta uma observação mais precisa da execução dos exercícios. Contudo, o público participante das oficinas encontra maior dificuldade em flexibilizar seus horários, de modo que o formato *on-line* favorece a esses profissionais, que, no cotidiano, não têm oportunidades de cuidar de sua voz durante o expediente. Ademais, o formato *on-line* permite ultrapassar barreiras geográficas, alcançando público de diversas regiões.

A Universidade está indo ao encontro do professor, promovendo ações de saúde voltadas à prevenção, esclarecendo, orientando e assistindo aqueles que necessitam dos cuidados com a voz. Assim, o compromisso com essa categoria profissional, que lidera as estatísticas dos distúrbios da voz relacionados ao trabalho (DVRT), é reafirmado a cada turma, a cada encontro, com relatos apresentados pelo público-alvo participante.

Relatos dos participantes como serem ouvidos, terem um momento para cuidar da sua saúde vocal, serem acolhidos e orientados são impressões apresentadas que reafirmam a importância do projeto PROVOZ.

Voltar a atenção para a saúde vocal do trabalhador docente, permite aproximar essa problemática e propor ações que alertem para os riscos de disfonia, identificando



uma possível alteração diante dos primeiros sinais/sintomas, além de permitir uma melhor qualidade de vida, bem-estar vocal e *performance* durante as aulas, buscando diminuir o problema e os afastamentos de suas atividades laborais. Programas voltados para a atenção integral à saúde vocal do professor podem minimizar a prevalência de adoecimento e fornecer estratégias que permitam um melhor desempenho de suas atividades. Dialogar com gestores e permitir que esses sejam parceiros na relação do cuidado, conscientizando-os do papel da voz, tanto social quanto como instrumento de trabalho, e orientando quanto a organização do ambiente de trabalho, pode-se conseguir resultados mais efetivos junto à promoção da saúde vocal do professor.

Diversas são as publicações sobre ações voltadas para saúde vocal docente, encontradas na literatura, como uma revisão integrativa publicada em 2021 que apontou que as ações de promoção à saúde vocal mostram-se eficazes e efetivas, principalmente quando se combina estratégias diretas e indiretas de intervenção (Santos *et al.*, 2021).

Um estudo recente, de revisão de escopo, mapeou a literatura nacional sobre as pesquisas realizadas com professores e identificou lacunas de conhecimento quando se fala de abordagens desenvolvidas junto às escolas abordando aspectos comunicativos, além das técnicas vocais (Santos *et al.*, 2022).

O despertar para a importância de um preparo vocal, com resistência e projeção vocal, além de uma comunicação efetiva, permite que o professor cuide mais de seu instru-



mento de trabalho, reconheça os primeiros sinais e sintomas de um adoecimento vocal e possa continuar desenvolvendo suas atividades laborais de forma efetiva. Estudos já apontam que condições ambientais adversas, e organizacionais, são fatores de risco para adoecimento vocal e, na maioria das vezes, o professor só busca por ajuda profissional quando não consegue mais desenvolver suas atividades docentes (Araújo *et al.*, 2008; Fuess; Lorenz, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações, como as desenvolvidas pelo PROVOZ, buscam esclarecer os professores sobre mitos e verdades relacionados à saúde vocal, além de instrumentalizá-los para lidar com o preparo vocal e mudanças de comportamento, resultando em um bem-estar mais amplo. Em razão da grande dificuldade de os professores conseguirem sair das escolas e irem ao encontro do profissional fonoaudiólogo, a Universidade, cumprindo com seu papel social, realiza essa aproximação, levando os cuidados profissionais e promovendo saúde aos docentes nas escolas.

A ideia de desenvolver um projeto no formato *on-line* foi desafiadora, mas vem sendo bem-sucedido, uma vez que mais professores conseguem participar e receber orientações para os cuidados com a voz, instrumento tão valioso e necessário às suas atividades laborais. Assim, barreiras relacionadas à distância e horários, que impedem, muitas vezes, os professores de cuidarem de suas vozes, participa-



rem de oficinas e receberem orientações necessárias, são vencidas, por intermédio da tecnologia que nos aproxima.

Tem-se, então, que esse é, também, o papel da Universidade cujas ações extrapolam os limites reduzidos dos seus muros para favorecer à comunidade no seu entorno, mas também indo além, navegando nas redes sociais para atingir a um público diverso e sem fronteiras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. de *et al.* Fatores associados a alterações vocais em professoras. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 24, n. 6, p. 1229–1238, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000600004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 16 jan. 2018. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. **Distúrbio de voz relacionado ao trabalho**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/disturbio_voz_relacionado_trabalho_dvrt.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

COSTA, T.; OLIVEIRA, G.; BEHLAU, M. Validação do Índice de Desvantagem Vocal: 10 (IDV-10) para o português brasileiro. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 482–485. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/dLpb8vLW3dCR3XQPwbfCTjG/?format=pdf>. Acesso em: 05 nov. 2024.

FREITAS, C. N. J. de *et al.* Condições de trabalho e de voz em professores de escolas públicas e privadas. **Audiology - Communication Research**, São Paulo, v. 24, p. e2151, 2019.



DOI: 10.1590/2317-6431-2019-2151. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2019-2151>. Acesso em: 05 nov. 2024.

FUESS, V. L. R.; LORENZ, M. C. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, [s. l.], v. 69, n. 6, p. 807–812, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992003000600013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 jul. 2024.

GHIRARDI, A. C. A. *et al.* Screening Index for Voice Disorder (SIVD): Development and Validation. **Journal of Voice**, [s.l.], v. 27, n. 2, p.195-200. 2013. DOI: 10.1016/j.jvoice.2012.11.004. Disponível em: [https://www.jvoice.org/article/S0892-1997\(12\)00201-9/abstract](https://www.jvoice.org/article/S0892-1997(12)00201-9/abstract). Acesso em: 05 nov. 2024.

JESUS, M. T. *et al.* Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [s.l.], n. 45, p. e26. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000040218>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MORETI, F. T. G. **Questionário de Saúde e Higiene Vocal - QSHV: desenvolvimento, validação e valor de corte**. 2016. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana: Fonoaudiologia) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016.

MOTA, A. F. de B. *et al.* Condição de produção vocal do professor em diferentes situações funcionais. **CoDAS**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. e20200208, 2022. DOI: 10.1590/2317-1782/20202020208. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202020208>. Acesso em: 05 nov. 2024.

RODRIGUES, S.; BAPTISTA, A. C. Programa de saúde vocal para professores do ensino superior: relato de experiência. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, n. e033976, p.




1-23, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.33976>. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.33976>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SANTOS, R. M. *et al.* Estratégias fonoaudiológicas para promoção da saúde vocal do professor: revisão integrativa da literatura. **Revista Ciências em Saúde, HSJ**, Itajubá, v. 11, n, 1, p. 51-60, 2021. DOI: 10.21876/rcshci.v11i1.1053. Disponível em: https://portalrcs.hcitajuba.org.br/index.php/rcsfmit_zero/article/view/1053. Acesso em: 05 nov. 2024.

SANTOS, M. de A. *et al.* Cenário da publicação fonoaudiológica brasileira na área voz do professor. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. e56426, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00188317>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/56426>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SERVILHA, E. A. M.; RUELA, I. S. Riscos ocupacionais à saúde e voz de professores: especificidades das unidades de rede municipal de ensino. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-114, jan. 2010. DOI: 10.1590/S1516-18462009005000061. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462009005000061>. Acesso em: 05 nov. 2024.





6. RELATOS E REFLEXÕES DE UMA AÇÃO DIGITAL COM IDOSOS POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS

Cynara Maria da Silva Santos

<https://orcid.org/0000-0002-8479-0315>

E-mail: cynara.santos@uncisal.edu.br

Railma Barbosa Silva

<https://orcid.org/0009-0004-0321-6867>

E-mail: railma.silva@academico.uncisal.edu.br



Julyana de Araújo Rodrigues

<https://orcid.org/0009-0000-0152-6141>

E-mail: julyana.rodrigues@academico.uncisal.edu.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que reflete avanços técnicos e científicos - em especial, no campo da saúde -, mudanças culturais e melhorias nas condições de vida, tais como: redução da taxa de fecundidade, queda da mortalidade infantil e da mortalidade geral, maior expectativa de vida, hábitos alimentares mais saudáveis e maior cuidado com a saúde.

Visto que somos considerados indivíduos por inteiros, devemos conceber a vida como uma sequência de acontecimentos e etapas, e não a considerar como uma parte fragmentada de um processo. Nessa perspectiva, Mascaro (2004) preconiza que as transformações que caracterizam cada etapa desse ciclo natural, que é a vida, originam-se do próprio organismo.

Com o passar do tempo, especialmente à medida que envelhecemos, a dificuldade em lidar com essas transformações tende a aumentar. Essa realidade tornou-se notória na pandemia da COVID-19, cujas demandas aceleraram esse processo de mudança, levando muitos serviços que eram realizados presencialmente a migrar para aplicativos de celular. Além disso, as relações interpessoais também tiveram de se adaptar ao ambiente digital, o que suscitou a necessidade de uma urgente adaptação dos indivíduos a essa nova realidade, inclusive as pessoas idosas. Esse cenário resultou em um aumento no número de idosos que utilizam a internet e as redes sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os idosos deixaram de ser a menor fatia da população brasileira em 2023 e, projetando-se para as próximas duas décadas, eles se tornarão a maior. Em 2022, o Brasil registrou o maior salto de envelhecimento entre dois censos desde 1940. Para ilustrar essa mudança, em 2010, a cada 30,7 idosos (65 anos ou mais), o país contava com 100 jovens de até 14 anos. Hoje, essa proporção caiu para 55 idosos para cada 100 jovens.



Diante desse contexto e da nova realidade, em que a presença de idosos nas famílias suscita medidas prementes de adaptação, tornaram-se relevantes ações de letramento digital para essa população que se encontra ávida por conhecimentos tecnológicos e pelo desenvolvimento de sua autonomia no mundo digital.

Nesse sentido, por meio de uma ação extensionista, desenvolveu-se a criação do projeto “Ação Digital: Tecnologias Móveis para o Idoso”: uma ação processual e contínua de caráter educativo, tecnológico e científico na qual os extensionistas de uma universidade pública do Nordeste do país aproximam a universidade da comunidade em geral, especialmente da população idosa, da cidade de Maceió –AL.

O Projeto objetiva disseminar o aprendizado e a manipulação do uso dos dispositivos móveis sensíveis ao toque, como o celular ou o Tablet, e de *softwares* e aplicativos específicos para a comunicação pela internet, com foco para o público de idosos da comunidade em geral. É fato que a extensão universitária é a forma de interação existente entre a universidade e a comunidade, por meio da qual, a primeira leva conhecimento acadêmico e/ou assistência à segunda, e adquire aprendizado com os saberes dos participantes (Nunes & Silva, 2011). Nesse contexto de curricularização da extensão, aconteceu a ampliação do protagonismo dos estudantes dos diversos cursos que participam do Projeto, por sua atuação no desenvolvimento de programas, projetos, cursos e outras atividades extensionistas que têm a sociedade como público-alvo (Miguel, J.C, 2023).



O Projeto foi concebido não apenas para atender a uma necessidade crescente, mas também para oferecer um suporte de forma prática aos idosos, que muitas vezes se sentem isolados ou desatualizados em relação às tecnologias e às dinâmicas sociais. Sua relevância justifica-se diretamente no fato de considerar os constantes avanços e mudanças sociais, pedagógicas e tecnológicas que se operam no panorama mundial. Todas essas transformações podem implicar mais um fator de exclusão digital e social de um grande contingente de idosos, a menos que os processos educacionais promovam a educação tecnológica para as pessoas de mais idade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à metodologia, foi realizado um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre a ação extensionista ocorrida entre 2023 e 2024 no projeto de extensão intitulado “Ação Digital: Tecnologias Móveis para o Idoso”. Os autores da ação foram os alunos do curso de graduação em Terapia Ocupacional e dos cursos tecnológicos em Radiologia, Gestão Hospitalar e os coordenadores de um projeto de uma universidade pública no Nordeste do País.

O referido Projeto procura contribuir com o potencial das Tecnologias Digitais Móveis (TDM) para a inclusão digital do idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais, tendo em vista seus reflexos na melhoria da qualidade de vida desses cidadãos. Pretende-se, com isso, promover a integração intergeracional entre os alunos



extensionistas; facilitar a atualização de conhecimentos sobre envelhecimento e ajudar os idosos a configurar e utilizar dispositivos móveis, com o intuito de fortalecer sua autonomia digital nas atividades do dia a dia.

O Projeto iniciou em 2023, quando a então coordenadora, professora responsável por uma oficina de tecnologias móveis para idosos em um programa voltado à terceira idade na mesma universidade, assumiu a liderança de um novo projeto. Essa nova iniciativa permitiu que o projeto que conhecemos atualmente fosse moldado conforme as necessidades emergentes dos grupos em cada ciclo. Ao todo, foram dezenove encontros, com duração de, em média, duas horas cada aula, considerando suas particularidades, tanto em relação ao tema quanto em relação aos responsáveis por elas.

A equipe de trabalho era composta por 10 extensionistas, 2 coordenadores e 25 alunos idosos, e, a cada ação, um trio de extensionistas envolvia-se diretamente na produção da aula, que era previamente planejada, avaliada e aprovada por um dos coordenadores antes de sua execução.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Após a oficialização dos discentes e a finalização do planejamento, iniciou-se o primeiro ciclo de aulas. Encontros que aconteceram uma vez por semana, com duas horas de aulas práticas desenvolvidas por meio do uso do próprio celular de cada idoso. A escolha dos temas para cada ação foi feita de forma antecipada, passando por um processo



democrático de discussão e pela aprovação dos membros participantes do Projeto.

Nesse sentido, utilizou-se das tecnologias digitais móveis como um recurso pedagógico personalizável às pessoas idosas participantes do projeto de extensão universitária. Efetivamente, as aulas aconteceram com a utilização do uso prático das redes sociais e dos diversos aplicativos associados aos métodos educativos já desenvolvidos pelo grupo para a otimização do processo educativo, o que favoreceu o engajamento digital dos idosos participantes.

Para que os participantes pudessem aprimorar o uso dos recursos disponibilizados nos dispositivos digitais móveis, também foram utilizados recursos *on-line* a fim de possibilitar e otimizar a interação e o compartilhamento de informações entre eles e a comunidade em geral, tais como: instalação do Teclado *Microsoft SwiftKey*; apresentação do teclado *Microsoft SwiftKey* e de seus recursos de digitação preditiva, de correção automática e de personalização. Durante o processo, foi realizada a demonstração sistemática de como localizar, baixar e instalar o teclado por meio do *Google Play Store*.

Em se tratando, ainda, dos instrumentos e procedimentos utilizados, os participantes tiveram acesso à exploração das opções de acessibilidade disponíveis no celular e aos recursos de formatação da fonte, de ativação do modo de alto contraste e da leitura de tela. Ademais, destacou-se a explanação sobre a definição de redes sociais e a reflexão sobre sua importância na comunicação e na conexão com outras pessoas, com o destaque para as redes



sociais apresentadas: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, (nas quais, foi criada a identidade virtual dos participantes em cada rede social, de modo que as interações aconteciam entre os colegas de sala, familiares e amigos).

Em seguida, houve a apresentação da rede social YouTube como uma plataforma de compartilhamento de vídeos e de fonte de pesquisa e a explanação sobre um breve histórico e acerca da importância do *YouTube* na cultura contemporânea.

A respeito das temáticas que embasaram as aulas, a ênfase foi dada à diversidade de conteúdos disponíveis, considerando a descoberta de conteúdo de interesse por cada aluno idoso. Seguiram-se, com isso, as orientações sobre a utilização de filtros de pesquisa e recomendações para descobrir conteúdos e sugestões relevantes. Destacaram-se, ainda, as recomendações de canais populares em diferentes categorias de interesse.

Outrossim, foi relevante a explanação sobre as ferramentas de limpeza de arquivos para celular e sua importância para otimizar o desempenho do dispositivo. Posteriormente, houve a introdução ao uso do *CamScanner* e a apresentação sobre o funcionamento deste aplicativo e de sua utilidade para digitalizar documentos em dispositivos móveis, com orientações sobre seus principais recursos e funcionalidades. Quanto a isso, houve a demonstração prática de utilização da câmera do celular para capturar documentos físicos utilizando o *CamScanner* e as opções de compartilhamento de documentos disponíveis no aplicativo.



Aos participantes, também foram apresentados procedimentos para envio de documentos por e-mail e o processo de download no dispositivo ou de compartilhamento em aplicativos de mensagens. Mais relevante que isso, eles aprenderam como identificar e não disseminar *fake News*, além de apresentação das agências de checagem de informações e notícias.

Foram explanados, também, procedimentos de baixar jogos no celular, com breve explicação sobre a diversidade de jogos disponíveis na *Google Play Store*: Gêneros de Jogos, com a exposição de diferentes gêneros, como ação, aventura, quebra-cabeça, estratégia, simulação, entre outros; Jogos *on-line*, Jogo de Memória, caça palavras, cruzadinha, de pintura e outros; jogabilidade e recursos, com a exploração de recursos comuns em jogos, como controles, gráficos, modos de jogo e personalização. Foi oportuna, sobre isso, a discussão sobre aspectos importantes a serem considerados ao escolher um jogo, como idade apropriada, requisitos de hardware e monetização.

Cumpre ressaltar que, no final de 2023, contamos com cerca de 10 a 15 extensionistas, e que o número de interessados no Projeto cresceu ainda mais em 2024. Com o aumento do número de extensionistas, tivemos a oportunidade de planejar as aulas mensalmente, dividindo as responsabilidades entre os discentes. Essa colaboração permitiu que todos explorassem suas habilidades e aprendessem juntos.

Com a ampliação do número de participantes, o projeto conta agora com 17 extensionistas, o que possibilitou a criação de uma equipe de marketing que reformulou as



redes sociais do Projeto, permitindo que todos os interessados, bem como os que acompanham as redes do Projeto tenham acesso a um resumo do material de ensino em sala de aula por meio de *cards* explicativos disponibilizados com o passo a passo do conteúdo trabalhado na semana.

É válido salientar que o Instagram do projeto “Ação Digital – Tecnologias móveis para o Idoso” <https://www.instagram.com/acaodigital/> está aberto e disponível para todos que se interessem em participar. Desse modo, por meio desse material de fácil acesso e entendimento, torna-se possível promover um ambiente de aprendizado contínuo e de amplo acesso para todos os interessados, de dentro e de fora do Projeto, ou seja, o acesso está disponível para toda a comunidade em geral.



RESULTADOS

Com a efetivação do Projeto, espera-se poder contribuir com o potencial das Tecnologias Digitais Móveis (TDM) para a inclusão digital do idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais, tendo em vista seus reflexos na melhoria da qualidade de vida desses cidadãos.

Os resultados previstos na primeira etapa do Projeto referiram-se à divulgação do edital de matrícula e à mobilização de idosos para realizarem o curso; à seleção de alunos extensionistas pertencentes aos diversos cursos da Universidade, os quais se identificam com o Projeto de extensão; à definição do conteúdo programático e à construção de

parcerias com setores da sociedade civil e com órgãos da administração pública direta.

Na segunda fase do Projeto, conjecturou-se os seguintes resultados: capacitação dos idosos para o uso das tecnologias móveis e o crescimento humano de todos os envolvidos. Já na terceira e última etapa do projeto, os resultados esperados foram: avaliação do Projeto; elaboração de relatórios; produção de artigos científicos; divulgação da ação nas diversas mídias digitais, TV e Rádio; e fortalecimento da extensão na Universidade.

DISCUSSÃO

Com o envelhecimento da população mundial brasileira e com a necessidade de comunicação rápida e ágil por meio das mídias digitais móveis pelos idosos, percebeu-se uma lacuna quanto ao domínio e às habilidades desses idosos com essas tecnologias, o que induz a pessoa idosa a subutilizar as potencialidades de um aparelho móvel, ignorando os vários recursos úteis para o seu dia a dia (Kalache; Veras; Ramos, 1987).

O Estatuto do idoso (2003) prevê, no Art.21, que “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”. Conforme o parágrafo primeiro desse artigo: “os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.



Cumpre ressaltar que as tecnologias móveis destacam-se entre as mídias interativas, pois, além de promoverem a interatividade, contam com recursos de mobilidade e portabilidade. Logo, “o usuário passa a ter a comunicação literalmente em suas mãos, podendo captar conteúdos e informações do ambiente onde esteja” (Squirra; Fedoce, 2011, p.20).

Para Bessa e Ferreira (2012), a pessoa na terceira idade percebe a importância da aquisição de conhecimentos em diferentes áreas, buscando a atualização e a produtividade, já que tem consciência de que possui papel relevante na sociedade e de que precisa estar aberta a novas propostas. No entanto, possui dificuldades no “mundo digital”, pois esse meio se torna, na maioria das vezes, impraticável para o idoso, comprometendo assim as práticas de acessibilidade.

Consoante Bizelli et al. (2009, p.4), é perceptível a necessidade de inclusão digital na terceira idade, uma vez que vem se tornando uma forma de socialização com o mundo contemporâneo, o que favorece as relações familiares, sociais, comerciais, entre outras. Ademais, verifica-se que essa atividade repercute também na sua qualidade de vida, auxiliando nos estímulos cognitivos, musculares e motores. (Bizelli et al., 2009, p.4).

Para a efetiva inclusão digital do idoso, ressalta-se, segundo a Pedagogia dos Multiletramentos (Rojo, 2012), a necessidade do letramento digital, que se constitui como “uma série de habilidades, que requer dos indivíduos tanto a habilidade de reconhecer o quanto a informação se faz



necessária, quanto a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (Souza 2007, p.59).

Segundo pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) em 2019, cerca de 28% dos idosos se mantêm atualizados com tecnologias. Esse grupo representa apenas 1,95% dos usuários ativos na rede.

Como as relações estão cada vez mais virtuais, observa-se a necessidade de inclusão digital da população para poder usufruir dos benefícios do acesso à informação. Diante deste contexto, não se pode excluir uma faixa desta população, a terceira idade, cujo crescimento tem ocorrido de modo exponencial. Nesse sentido, a inclusão digital foi conceituada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBCT (2016) como inclusão digital ou infoinclusão, à democratização do acesso às TIC, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Destaca-se que as tecnologias criam espaços de aprendizagens que desafiam as instituições no que se refere à inclusão digital da pessoa idosa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito do Projeto, os resultados alcançados atestaram, com a culminância, que os encontros proporcionaram momentos descomplicados e personalizados que favoreceram uma aprendizagem mais efetiva dos participantes em relação à inclusão digital no mundo virtual. Além disso, também foi possível auxiliar os idosos nas configurações

e na manipulação de dispositivos móveis, o que possibilitou sua autonomia digital nas atividades do cotidiano e cumpriu com seu objetivo para os alunos extensionistas na promoção da relação intergeracional desses discentes com a comunidade idosa, favorecendo o seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

O Projeto de extensão, que busca interação entre universidade e comunidade, pode contribuir para o aperfeiçoamento profissional e pessoal dos estudantes, com a disseminação de conhecimentos gerais e a melhoria do bem-estar do público-foco e de outros participantes. Observou-se, mediante a aplicação deste trabalho, que a escolha do *WhatsApp* como a principal rede social foi uma boa estratégia para atingir diretamente o público esperado, em sua maioria. Isso se deu devido ao fato de que todos os recursos desse aplicativo iam sendo testados de forma prática no próprio grupo de *WhatsApp* do Projeto.

No que se refere à experiência dos alunos extensionistas participantes, estes foram beneficiados quanto ao aprimoramento dos conhecimentos alcançados. Em relação à temática do idoso, desenvolveram habilidades e divulgação de conteúdo em mídias digitais, além de dar continuidade às ações de extensão em sua comunidade ou em seu ambiente familiar. Constatou-se que a ação voltada para o uso dos dispositivos móveis e para o envelhecimento realizada por meio das mídias sociais pode, além de aproximar universidade e comunidade, favorecer a educação e o acesso aos aparatos tecnológicos de forma mais segura, autônoma e consciente.



Com efeito, foi possível perceber a confiança dos ex-alunos em utilizar as redes sociais com autonomia para tentar, sem medo, assumir atividades que não queriam, das quais não gostavam ou se sentiam inseguros para realizar, mas que agora necessitam delas para otimizar as suas práticas de comunicação diária. Com essa percepção, passaram a se interessar por esse universo digital e a compreender a importância de aprender algo novo enquanto estão vivos e com disponibilidade de tempo. Compreende-se que o resgate da autoestima, a interação social e emocional que os nossos idosos atribuem ao Projeto é algo “ímpar”. As manhãs diferentes em um ambiente de universidade - desconhecido, até então, para alguns - foram determinantes para que eles, durante 12 meses, ampliassem suas redes de apoio, suas redes de interesse e suas possibilidades de lazer, comunicação, informação e interação virtual.



REFERÊNCIAS

BESSA, A. T; FERREIRA, S. B. Algumas considerações sobre Celular e seus Serviços pela Terceira Idade. **Relatórios Técnicos do DIA/UNIRIO**, n.1, 2012.

BIZELLI, M. H. S. S. et al. (2009). Informática para a Terceira idade” características de um curso bem-sucedido. **Rev. Ciênc. Ext.** v.5, n.2, p.4-14, 2009.

BRASIL. **Estatuto do Idoso** – Lei 10741-03. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 12 set. 2024.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é Velhice** / Sonia de Amorim Mascaro. – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção Primeiros Passos; 310).

NUNES, A. L. P. F., & SILVA, M. B. C. (2011). **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade**. Mal-Estar e Sociedade, 4(7), 119-133.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2022. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 nov.2024.

SQUIRRA, S.; FEDOCE, A. tecnologia móvel e os potenciais da comunicação na educação. **Mediações sonoras**. Vol.18, n.º 02, 2º semestre 2011. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/35/20_logos35_tema_livre_squirra.pdf. Acesso em 10 de out. de 2024.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MIGUEL, J. C. A curricularização da extensão universitária no contexto da função social da universidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e11534, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11534>. Acesso em: 11 nov. 2024.

KALACHE, A; VERAS, R. P.; RAMOS, L. R. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 21, n. 3, p.200-210, 1987. Disponível em: O envelhecimento da população mundial: um desafio novo - Biblioteca Virtual do NESCON. Acesso em: 22 out. 2024.

IBICT. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <https://mid.ibict.br/index.php/livros>. Acesso em: 10 nov. 2024.




Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2018.

Centro Regional de Estudo para o desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC). **TIC Domicílios 2019 - Principais**. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em 10 out. 2024.

IBICT. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <https://mid.ibict.br/index.php/livros>. Acesso em: 28 out. 2024.

SOUZA, V. L.de et al. (2010, abril). Perfil das habilidades cognitivas no envelhecimento normal. **Rev. CEFAC**, 12(2). São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 set., 2024.





7. PENSAMENTO COMPUTACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O USO DO SCRATCH NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Alex Melo da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-0643-3232>

E-mail: alex.silva@uncisal.edu.br

Paulo Marinho Gomes

<https://orcid.org/0009-0003-4764-3222>

E-mail: Paulo.marinho@uncisal.edu.br

Nilton Marques da Silva

<https://orcid.org/0009-0001-0253-1281>

E-mail: nilton.silva@academico.uncisal.edu.br



INTRODUÇÃO

As TIC estão afetando o que, como, onde e quando as pessoas aprendem. A onipresença da tecnologia oferece novas oportunidades para atender às necessidades individuais de aprendizagem. A padronização dos sistemas tradicionais de ensino e aprendizagem não responde às demandas do mundo globalizado.

Tendo em vista a necessidade da evolução dos métodos atuais de ensino, este artigo engloba o desenvolvimento de atividades que abordam os conceitos de Pensamento

Computacional, envolvendo atividades plugadas, nas que ocorre com o auxílio de recursos digitais, como o Scratch.

O conceito de Pensamento Computacional foi publicado pela primeira vez em 2006 por Jeanette Wing, que defende que o conceito contempla muitas habilidades e abstrações, não apenas de fazer algo, mas sim de operar, fazer, realizar, ler, estudar, compreender, modificar, ajustar, e em diferentes níveis de compreensões (Wing, 2006).

No Brasil, o conceito destacou-se em 2017 com a defesa de Christian Brackmann, que apresenta o seguinte conceito sobre o termo:

Segundo a plataforma Fuzzy Makers (2020), pode-se definir o pensamento computacional como “[...] uma estratégia para modelar soluções e resolver problemas de forma eficiente, usando a tecnologia como base.”

A importância de ensinar a lógica por trás do Pensamento Computacional para as crianças, é que desde cedo, elas aprendam a utilizar esse conceito em seu benefício, pois a compreensão desta estrutura de pensamento facilita a rotina e o processo de tomadas de decisão, independentemente da profissão escolhida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O pensamento computacional

Nos anos 1980, a criação da linguagem LOGO, por Seymour Papert (1980) foi uma das principais aplicações



da linguagem de programação na informática na educação, pois a programação foi esquecida na Educação Básica, e com a utilização do LOGO foi criada uma possibilidade de a criança articular o trabalho que estava na sua mente, e a realidade entre a sua aprendizagem e o seu pensamento.

A educação formal deve fornecer sistemas de aprendizagem mais flexíveis para acomodar as diferentes necessidades e demandas dos estudantes. Uma mudança holística é urgentemente necessária para implementar uma mudança fundamental no paradigma da aprendizagem para o século XXI. O potencial das TIC para promover oportunidades de aprendizagem depende das habilidades utilizadas para projetar atividades de aprendizagem que alinhem a pedagogia e a tecnologia em benefício dos alunos (Gros, 2016).

Para Papert (1980) auxiliar a criança no seu aprendizado e a pensar melhor, foi por isso que propôs a programação LOGO, a ideia principal seria que os computadores deveriam ser utilizados para que as pessoas pudessem pensar com o auxílio das máquinas e também pensar sobre o próprio pensar.

Atualmente, o pensamento computacional está mais centrado nas atividades que envolvem programação de computadores, englobando métodos para solução de problemas, sendo visto como uma forma de melhorar o raciocínio lógico. A partir de algumas técnicas como abstração, organização e execução passo a passo de um problema, sendo que o estudante usa o computador como uma tecnologia nas suas atividades (Valente, 2016).



Essas técnicas visam desenvolver o raciocínio lógico, fornecendo instrumentos para resolver um problema, facilitando a sua resolução ao dividi-lo em problemas menores, pois a habilidade chave é criar um algoritmo para solucioná-lo.

O SCRATCH

O Scratch foi desenvolvido pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) e na sua primeira versão foi para crianças entre 8 anos e jovens até 16 anos, no entanto, atualmente é utilizado para todas as idades, inclusive crianças, jovens e adultos, pois o ato de programar tem sido interpretado como parte do letramento digital ou da inclusão digital, no qual o aluno acessa uma ferramenta para conceber e construir coisas com a sua criatividade ou uma maneira pela qual os podem ampliar suas experiências e suas ideias. (Koscianski, Glizt, 2017)

Nesse sentido, a programação do problema passa a ser uma das últimas coisas a serem feitas, deve-se entender o problema e suas potencialidades para poder ser relacionadas a todas as disciplinas curriculares (Mannila et al., 2014).

Como o Scratch foi fundamentado na linguagem LOGO, a programação é baseada em uma linguagem de blocos visuais, projetados para facilitar a manipulação da mídia por programadores novatos. Sendo este um grande sucesso, pois o aluno não irá precisar decorar a sintaxe da instrução e digitar códigos para determinar uma ação específica, pois



a digitação foi substituída por blocos, sendo este escolhido, e encaixado em outros blocos. (Koscianski, Glizt, 2017)

O Scratch substitui a digitação do código por blocos, sendo que cada um corresponde a uma ação específica que o computador realiza. O bloco pode ser escolhido, arrastado e encaixado em outros blocos para a formação de instruções para o computador. Esses blocos facilitam o processo de construção do programa, sendo que a sintaxe das instruções é definida pelo encaixe dos blocos.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A prática docente perpassa pela formação do professor, tendo nessa perspectiva uma relação entre a prática científica e tecnológica, como forma de incorporá-la à sua prática, como descreve Tardif (2013, p.36-37):

O professor e o ensino constituem objetos de saber para as ciências humanas e para as ciências da educação. Ora, essas ciências, ou pelo menos algumas dentre elas, não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los à prática do professor. Nessa perspectiva, esses conhecimentos se transformam em saberes destinados à formação científica ou erudita dos professores, e, caso sejam incorporados à prática científica, em tecnologia da aprendizagem, por exemplo. No plano institucional, a articulação entre ciências e a prática docente se estabelece, concretamente, através da formação inicial ou contínua dos professores.



Essa convergência entre a presença física do usuário e a presença informal, acessando um único espaço virtual ao mesmo tempo, formou uma cultura onipresente, onde podemos acessar e nos comunicar com todos e entre todos numa única conexão social, tornando o estudante sempre conectado, tornando possível uma convergência de tecnologias, integrando numa única tecnologia os nativos digitais.

Os jovens de hoje passaram a levar a internet aonde quer que fossem, libertando-se dos computadores de mesa dos tempos da conexão discada e, mais recentemente, de tablets e notebooks que não podiam carregar no bolso o tempo todo. Criados como versões individuais (e portáteis) do velho telefone fixo, os aparelhos móveis foram incorporando aos poucos todas as tecnologias necessárias para se tornarem uma ferramenta única de conexão social. A convergência tecnológica levou para o mais tradicional dos aparatos de comunicação as muitas novas formas de contato criadas nas últimas duas décadas, além de uma ampla gama de fontes de entretenimento. Mensagens instantâneas, caixas de correio eletrônico, acesso a sites e portais, coleções de fotos e de música, videogames e redes sociais foram todos empacotados para caber no smartphone, ajudando a elevar exponencialmente o tempo de conexão e a concentrar o espectro de atividades realizadas de modo conectado naquelas que podem ser consideradas como “nativas” desse tipo de dispositivo,



ou seja, as ligadas à comunicação e à interação (Fundação..., 2016, p. 41).

Um cenário futuro é que as escolas são incapazes ou não estão dispostas a se adaptar aos padrões de aprendizagem e interação social fora da sala de aula, com os jovens a ver a aprendizagem escolar como irrelevantes suas habilidades e interesses, e desconectados das habilidades que eles valorizam e carreiras que eles procuram. A tecnologia será um foco para esse conflito, com escolas proibindo tecnologias para aprendizagem pessoal, enquanto se esforçam para fornecer obsoletos computadores que executam softwares, que as crianças não querem usar e que perpetuam um desatualizado modelo de entrega de conteúdo e ensino didático (Sharples, 2006).

Parece-nos importante inferir que, é necessário criarmos espaços práticos no uso das TIC, que envolvam os estudantes ao acesso de competências e saberes, sem a simples incorporação ou uso de um laboratório de informática, mas promovendo uma modificação ao acesso e nos processos de ensino de aprendizagem com fins educativos, auxiliando a sala de aula com a utilização dos espaços que auxilia o aluno a ter acesso a programação, como detectado pelos dados dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Foi utilizada a metodologia de pesquisa de relato de caso, que apresenta um aspecto de pesquisa que demonstra o relato das construções envolvidas na execução do mi-



nicurso, em que os alunos construíram um projeto com a utilização da linguagem de programação Scratch.

O presente trabalho aborda o projeto de extensão pensamento computacional que aconteceu de janeiro de 2023 a dezembro de 2023 na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), que envolveu 15 alunos do ensino fundamental II da sexta à sétima série, dois discentes um de enfermagem e um do tecnólogo em sistemas para internet, o coordenador da escola, o diretor e dois professores de matemática da Escola Estadual Jose Oliveira Silva, situada no Vergel do Largo na cidade de Maceió -AL.

Os critérios da escolha dos alunos e da escola tiveram como base a própria região em que estão inseridos. A região em questão, o bairro Vergel do Lago, é considerado de risco devido ao alto índice de tráfico de drogas. Também se levou em consideração na escolha da região e da escola o fato de estar em um bairro pobre, de poucas oportunidades de trabalho e emprego, alunos com quase nenhuma oportunidade de qualificação profissional e muitas famílias abaixo da linha da pobreza, que fazem parte da comunidade que envolve o entorno da UNCISAL.

O escopo do projeto foi dividido em algumas etapas: 1º, reunião com a diretoria, coordenação e professores para apresentar o projeto e discutir a seleção dos alunos, quando ficou definida que a seleção seria responsabilidades dos professores de matemática, depois uma outra reunião com os alunos selecionados; 2º, apresentação da UNCISAL para os alunos e professores; 3º, apresentação do material



proposto para a primeira apresentação aos envolvidos do projeto; 4º, aulas no laboratório usando o Scratch.

O projeto irá focar na construção de algoritmos que consiste na elaboração de aulas para introduzir os alunos ao pensamento computacional para resolução de problemas utilizando a ferramenta Scratch que possibilita a iniciação ao estudo de algoritmos utilizando blocos de programação como se fosse uma montagem com o lego, onde o aluno irá interagir com um ambiente visual de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um contexto pedagógico, com as atividades elaboradas que buscam envolver os quatro pilares do pensamento computacional (decomposição, reconhecimento de padrões, algoritmos e abstração). Uma decisão extremamente relevante, acordada no momento de elaboração da metodologia, foi optar por modelos de atividades que estimulam o sentido lúdico e que possam ser executadas utilizando recursos tecnológicos, como um celular ou um computador.

Por isso, entendemos como fundamental o primeiro momento, onde temos a apresentação da Instituição para os alunos e professores que fazem parte do projeto de extensão, onde explicamos o conceito de universidade e de pertencimento, no qual enfatizamos que estamos de portas abertas para recebê-los.

No primeiro encontro do minicurso, não foi exposto nenhum conteúdo sobre algoritmo, pensamento computacional ou Scratch, foi apresentada atividades de informática



básica, pois, tínhamos a necessidade de padronizar todos os alunos ao segurar o mouse, utilizar o teclado, por isso, e utilizar o *paint* para criar as figuras, para depois iniciar a produção de algoritmos.

Nos demais encontros, todos os alunos, inclusive com o professor da disciplina de matemática, cedido pela escola, tiveram contato com atividades que trabalharam os conceitos computacionais como variáveis, constantes, operadores de comparação (=, <>, <, >), operadores lógicos (e, ou, não) e aritméticos (+, -, /, *), produzindo algoritmos e fazendo sua relação com algo do cotidiano. É importante avisar que os alunos produziram sua própria lógica e alguns ajudavam os outros a terminar o algoritmo para todos alcançarem os resultados.

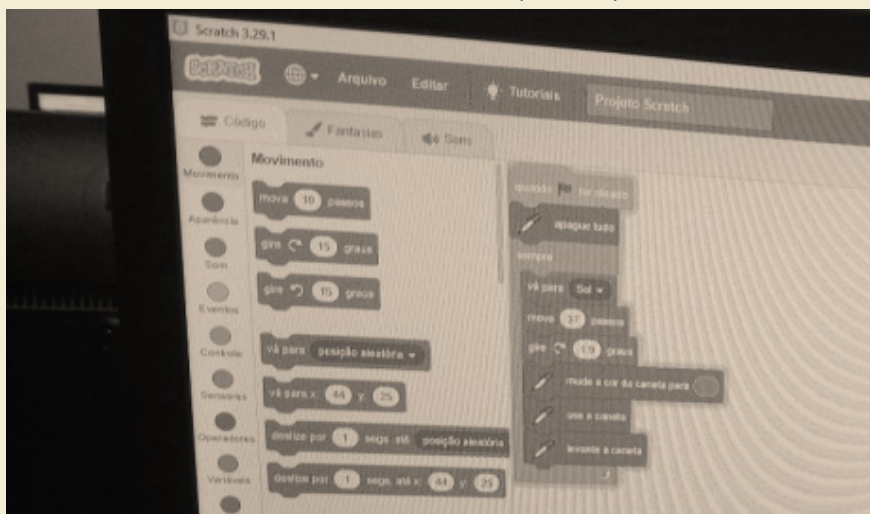
O conceito de problematizar se tornou um fator importante, pois os alunos tiveram que refletir sobre como construir a solução e entender o que estava sendo perguntando, sendo que muitas vezes eles pediam para repetir o problema, pois tinham que refletir sobre o que estavam construindo, e a sequência de passos se tornou importante na construção do algoritmo.

Mais do que isso, o Pensamento Computacional traz consigo um conceito chamado letramento tecnológico, ou seja, o desenvolvimento de uma percepção voltada a utilização da tecnologia. Assim, um indivíduo que desde cedo interage com o conceito de letramento tecnológico deixa de ser um consumidor passivo da tecnologia, passando a entender a aplicação dessa tecnologia em atividades comuns, o que estimula seu senso criativo e possibilita que



esse mesmo indivíduo torne-se um produtor de tecnologia (IMD, 2020), como descrito na Figura 1, abaixo:

Figura1: código fonte do projeto planeta terra no sistema solar com movimento. Maceió, Brasil, 2024.



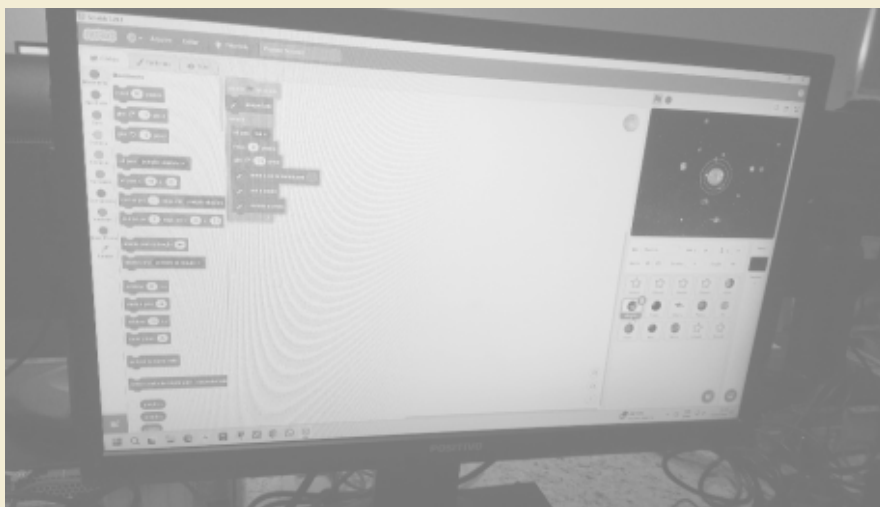
Fonte: Dados do projeto de extensão (2024).

Com a utilização de ferramentas que auxiliam na iniciação à programação como o Scratch, a resolução de problemas e o contato com novas técnicas e abstrações para auxiliar no processo de construção e análise de soluções. Tendo a relação da resolução de problemas com o conceito de algoritmo, provendo novas formas de expressão e pensamento e servindo como ferramenta de apoio ao aprendizado das demais disciplinas.

Nas primeiras aulas no laboratório de informática, foi identificada a necessidade de conteúdo de informática

básica, pois os alunos tinham acesso ao celular, no entanto, ao ter contato com o mouse, e o teclado do computador, tiveram muitas dificuldades na sua utilização, sendo necessária uma aula só para resolver essa necessidade dos alunos. Também foi necessária uma reunião com os professores de matemática para definir como passar o conteúdo de lógica e onde os alunos da 6 e 7 série estão com relação ao conteúdo de lógica, e definir um conteúdo em comum para todos os alunos. Após essas reuniões, três no total, foram definidos os conteúdos e o projeto planeta Terra no sistema solar, conforme mostra a Figura 2, abaixo.

Figura 2: projeto planeta terra no sistema solar com movimento. Maceió, Brasil, 2024.



Fonte: Dados do projeto de extensão (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento computacional contribui para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, pois influencia na visão de mundo dos indivíduos, facilitando as tomadas de decisão, estimulando a criatividade, facilitando o aprendizado e a resolução de problemas.

Além disso, ele também está ligado à construção de um raciocínio lógico e ao desenvolvimento da autonomia, assim, o indivíduo torna-se capaz de reconhecer certos padrões e sequência de passos que o auxiliam a determinar e selecionar as ações necessárias mediante um problema, uma tarefa ou para a conclusão de um objetivo.

Defendemos que por meio desse projeto de extensão os alunos que participaram tiveram o contato com técnicas de solucionar problemas, seguindo uma linha lógica de raciocínio, sempre levando em consideração uma sequência de passos lógicos e racionais para terminar as ações a serem tomadas para a conclusão de uma tarefa que define o conceito de algoritmo.

Por esta razão, acredita-se que uma discussão entre o espaço tradicional de aprendizagem como a escola e a universidade e os espaços lúdicos de programação como abordados nesse projeto de extensão, devem ser fortalecidos, no qual se percebe que os processos de aprendizagem estão mudando e os espaços tradicionais nos quais se encontram a escola e a universidade estão perdendo para esses novos espaços que estão sempre conectados.



REFERÊNCIAS

FUNDAÇÃO Telefônica VIVO. **Juventude conectada 2**. 2016. Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/Juventude-Conectada-2016.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FUZZY MAKERS. **Qual a importância do pensamento computacional na aprendizagem?** 2020. Disponível em: <https://fuzzymakers.com/pensamento-computacional/#:~:text=Como%20vimos%20durante%20o%20texto,l%C3%B3gico%20e%20consigam%20resolver%20problemas>. Acesso em: 14 out. 2024.

GROS, Begoña. The dialogue between emerging pedagogies and emerging technologies. In: GROS, Begoña; KINSHUK; MAINA, Marcelo. **The future of ubiquitous: learning designs for emerging pedagogies**. Springer-Verlag Berlin Heidelberg. 2016, 278p.

GROVER, S.; PEA, R. Computational thinking in K-12: A review of the state of the field. **Educational Researcher**, v. 42, n. 1, p. 38-43, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258134754_Computational_Thinking_in_K-12_A_Review_of_the_State_of_the_Field. Acesso em: 11 jul. 2024.

IMD. Institute for Management Development. **IMD World Competitiveness Center**. 2020. Disponível em: <https://www.imd.org/wcc/world-competitiveness-center-rankings/world-competitiveness--ranking-2020/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

KOSCIANSKI, A.; GLIZT, RODRIGUES DE OLIVEIRA, F. **O pensamento computacional nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2017. DOI: 10.22456/1679-1916.79226. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/79226>. Acesso em: 29 jul. 2024.



MANNILA, L. et al. **Computational Thinking in K-9 Education**. ITiCSE-WGR'14, Proceedings of the Working Group Reports of the 2014 on Innovation & Technology in Computer Science Education Conference. June 21-25, 2014, Uppsala, Sweden, p. 1-29. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/2713609.2713610>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PAPERT, S. (1980) **Mindstorms**. Children, computer and powerful ideas. New York: Basic Books. Traduzido como Logo: Computadores e Educação. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Fellipe e TEIXEIRA, Lilian da Silva. Significação da Aprendizagem Através do Pensamento Computacional no Ensino Médio: uma Experiência com Scratch. **Anais do XXI Workshop de Informática na Escola (WIE 2015)**. Disponível em: <http://milanesa.ime.usp.br/rbie/index.php/wie/article/view/5024>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SHARPLES, Mike. How can we address the conflicts between personal informal learning and traditional classroom education? In: SHARPLES, Mike. **Big issues in mobile learning**. Reino Unido: Universidade de Nottingham, 2006. Disponível em: <http://matchsz.inf.elte.hu/tt/docs/Sharples-20062.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

VALENTE, José Armando. Integração do pensamento computacional no currículo da educação básica: diferentes estratégias usadas e questões de formação de professores e avaliação do aluno. **e-Curriculum [on-line]**. 2016, vol.14, n.3, pp.864-897. ISSN 1809-3876. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2016v14i3p0864>. Acesso em: 11 set. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



WING, J. Computational thinking. **Communications of the ACM**, v. 49, n. 3, p. 33-35, 2006. Disponível em: <https://www.cs.cmu.edu/~15110-s13/Wing06-ct.pdf>. Acesso em 11 set. 2022.



8. A FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO DO PRÉ-ENEM VOLUNTÁRIO DA UNCISAL

Marily Oliveira Barbosa

<https://orcid.org/0000-0001-8189-4234>

E-mail: marily.barbosa@uncisal.edu.br

Alessandro de Melo Omena

<https://orcid.org/0009-0002-6571-3960>

E-mail: alessandro.omena@uncisal.edu.br

Alfredo Augusto Fernandes dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-9147-0301>

E-mail: alfredo.santos@academico.uncisal.edu.br



INTRODUÇÃO

O aumento significativo do número de pessoas ingressando no Ensino Superior data dos anos 1990 e tem se tornado crescente até os dias atuais. Os avanços das novas tecnologias contribuíram diretamente para esse processo crescente, como a oferta de Ensino Superior à Distância em modalidades de Ensino à Distância - EAD, o Ensino Híbrido (presencial e EAD), além do Ensino Remoto (com aulas ao vivo) e essas modalidades têm sido fundamentais para

o acesso dos alunos do pré-vestibular ao Ensino Superior. Tais avanços também reforçam a inclusão dos estudantes nos projetos de extensão e na necessidade de curricularização (Senkevicks, 2023).

Atualmente, a curricularização universitária permite que estudantes participem de forma obrigatória de projetos de extensão com o intuito de ampliar o acesso da população aos serviços da universidade e a conseqüente troca de saberes. Com isso, é preciso reconhecer o papel fundamental do projeto de extensão dentro da sociedade, seja ele voltado para a saúde, para educação ou para questões sociais (Gomez, Vasconcellos; Machado, 2018). O poder de transformação social por meio da educação é fundamental para a ocupação o por cidadãos de baixa renda em Universidades Públicas pelo país e a oferta de vagas em cursos de pré-vestibular solidários que fortificam o ingresso de pessoas em situação de vulnerabilidade, acrescido, ainda, do aumento do potencial da qualidade de vida (Toledo; Vitalino, 2012).

O poder de transformação da educação reforça a necessidade de criação e manutenção de políticas públicas que assegurem oportunidades para os tecidos sociais mais vulneráveis e que possam, por sua vez, quebrar estigmas relacionados ao acesso no nível superior de forma gratuita e com qualidade (Barbosa, Gobatto; Kremer, 2024).

Com base nesse espaço de interação e de conhecimento, é importante reforçar o uso da extensão universitária como ferramenta para inclusão de cidadãos de baixa renda na luta por uma vaga no Ensino Superior.



No decorrer dos anos, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) vem aprimorando-se e tornando-se uma oportunidade real para que jovens e adultos possam priorizar sua educação no Ensino Superior e/ou no Ensino Técnico. O número de vagas ofertadas pelo Sistema de Seleção Unificada - SISU é ascendente e costuma crescer anualmente. A abertura de novas turmas reforça uma das grandes problemáticas no nosso país, a política de manutenção de vida dentro das universidades é fundamental para garantia de maior acesso (Brasil, 2024).

O Pré-vestibular, no seu ano de criação, começou intitulado como “MedEnsina” e possibilitava contribuir com uma melhor preparação para o vestibular, sendo direcionado aos estudantes de Escolas Públicas do nosso Estado. O Projeto de Extensão Universitária MedEnsina, hoje, chamado de UNCI APROVA, foi criado em 2007 na UNCISAL por estudantes de Medicina, para contribuir com a democratização do acesso ao Ensino Superior gratuito, oportunizando, assim, aos jovens de baixa renda a preparação adequada para o ingresso no Ensino Superior. UNCI APROVA é um Projeto de Extensão Universitária que conta com a participação de universitários que lecionam as disciplinas abordadas nos vestibulares, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O presente capítulo trata-se de um relato de experiência sobre a participação de estudantes do Ensino Superior num Projeto de Extensão a partir da mobilização social, demandada pela participação da comunidade e de suas necessidades. As informações para este relato de ex-



periência foram obtidas e organizadas a partir do material (relatos e sínteses) produzido pelos participantes durante as aulas, das anotações em diário de campo feitas por duas estudantes (que atuaram como observadoras das atividades), além do acompanhamento e de registros em diários de aulas, efetuados nos encontros.

A Matriz de Referência do ENEM, que define as competências de área e os eixos cognitivos comuns a todas as áreas de conhecimento, foi abordada e usada ao longo das aulas ministradas pelos estudantes extensionistas dos mais diversos cursos de graduação da UNCISAL. Vale destacar essa Matriz de Referência que consta na página do INEP (Brasil, s/d):

- I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.
- II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos



disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

- V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

O CAMPO E O CONTEXTO DO PROJETO DE EXTENSÃO

O projeto é sediado na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL, no bairro do Trapiche da Barra, em Maceió. O projeto procura propiciar aos estudantes da Rede Pública de Ensino uma preparação eficaz e integral para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. A oferta é de cerca de 100 (cem) vagas por ano, mediante processo seletivo, levando em consideração a grande procura pela comunidade externa, concedendo aulas até as proximidades do segundo dia do ENEM, no turno noturno, de segunda a sexta, a partir das 18h30, com término às 21h30.

Em 2023, foram propostas outras atividades pedagógicas além das aulas convencionais, ou seja, aulas aos sábados e simulados da prova, para que os estudantes pudessem vivenciar a sensação de como é fazer a prova, em especial, para aqueles que nunca tiveram essa oportunidade, nem como treineiros. É importante ressaltar, ainda, alguns obstáculos que foram observados e constatados durante a execução do projeto: a evasão e o desinteresse



de alguns dos estudantes que se mantiveram no programa. Muitos desses estudantes, oriundos das comunidades no entorno da UNCISAL, sentem dificuldades diante de um ritmo diário de estudo que um curso preparatório exige, uma vez que, requer muita disciplina, foco e determinação para que eles alcancem o tão desejado acesso ao curso de nível superior.

Destaca-se, também, que para os estudantes que residem longe do entorno da UNCISAL, local das aulas do UNCI APROVA, muitas vezes, as dificuldades estão associadas ao transporte que os leve até a universidade. A questão financeira é um problema que atinge ainda mais o nosso público, visto que, em sua grande maioria, são estudantes, que além do esforço de estarem presentes nas aulas, devem contar com apoio financeiro dos seus tutores para garantir a sua locomoção até o local do UNCI APROVA. Na tentativa de solucionar essa questão, a coordenação do UNCI APROVA tentou e ainda tenta viabilizar, junto ao órgão responsável, a garantia do transporte para estes estudantes, o que ainda não foi alcançado. Acreditamos que isso faça parte de um conjunto de ações que possibilitará uma maior tranquilidade para os estudantes, garantindo, assim, um maior êxito em sua preparação.

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O projeto de extensão UNCI APROVA contou com discentes extensionistas voluntários, da área de Enfermagem,



Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Medicina, Matemática e Física, além de cinco docentes e um técnico administrativo de nível superior, para que juntos pudessem organizar de forma mais próxima dos estudantes as dificuldades vivenciadas ao longo das aulas. Para isso, foram realizadas reuniões de planejamento - anteriormente ao início das aulas -, além de reuniões durante as aulas, para planejamento e ajustes a partir das avaliações dos participantes em cada encontro.

O projeto de extensão UNCI APROVA é dividido em dois momentos de planejamento: a seleção de monitores (estudantes universitários) e a seleção de membros da comunidade para serem ouvintes (estudantes externos oriundos das Escolas Públicas que frequentam o Ensino Médio).

Na seleção dos monitores, observou-se a necessidade individual de cada componente curricular, dentro das quatro áreas do conhecimento exigidos no ENEM. Como requisito, foi solicitado que cada membro preparasse uma microaula com assunto de sua escolha. Na seleção dos monitores, avaliaram-se os requisitos exigidos no processo, tais como: didática, fluidez e poder de sintetizar os conteúdos programáticos. Acrescido a isso, os estudantes passaram por uma entrevista sobre interesse e disponibilidade para os dias de aulas planejados. No decorrer do ano letivo, o projeto contou com a participação de estudantes de outras universidades, como Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Universidade de Maceió - UNIMA e o Centro Universitário CESMAC. A participação destes discentes reforça os laços e compromissos em oportunizar ensino e conhecimento para



aqueles que não tiveram e nem têm muitas oportunidades e vislumbram uma possibilidade concreta através do ENEM.

Todos os estudantes selecionados como monitores (membros extensionistas) foram orientados a fazer planejamento de aula, com elaboração de questões e diversos problemas trabalhados de forma alinhada com a Matriz de Referência do ENEM (Brasil, s/d). Os monitores também são responsáveis pelo envio das aulas, nos grupos de *whatsapp* do projeto, além de terem sido também orientados a disponibilizarem suas produções e registros no drive do Projeto UNCI APROVA, ficando, assim, todas as atividades registradas para avaliações futuras e, por conseguinte, a emissão da certificação exigida no PPC - Projetos Pedagógicos de Curso.

Para uma melhor organização do Projeto de Extensão Universitária UNCI APROVA, os membros extensionistas foram divididos em funções dentro do projeto, para melhorar mais a organização e o desempenho de todos os participantes, garantindo com isso o sucesso do projeto para todos os envolvidos. Vale ressaltar que essa organização já vinha desde a criação do projeto, porém foram feitas poucas adaptações conforme a realidade atual e a exigência da Pró-reitoria de Extensão em seus documentos institucionais, que só visaram melhorar o fluxo das atividades extensionistas em nossa universidade.

Pode-se observar os detalhes das vagas na Tabela 1, da última seleção de membros extensionistas para o ano letivo de 2024.



Quadro1. Oferta de vagas 2024. Maceió.

FUNÇÃO NO PROJETO	VAGAS
Coordenador discente	5
Monitor de disciplina	44
Coordenador de disciplina	13
Inspetor	10

O Monitor de disciplina ministrou aulas de 40 minutos cada, nos dias designados pelo coordenador da matéria escolhida, no horário normal de funcionamento das atividades do projeto, exclusivamente em ambiente presencial, das 18h30 às 21h30, de segunda a sexta-feira, podendo também participar de atividades extras, como aplicação e correção de simulados, confecção de material didático, plantões de dúvidas e aulas aos finais de semana. E como registro de suas atividades, assinaram as frequências disponibilizadas pelo inspetor.

O Inspetor ficou com a responsabilidade de levar o material de projeção e montar na sala de aula designada à aula, disponibilizar a ata de frequência dos monitores, estudantes e inspetores, monitorando as listas de frequência dos estudantes para acompanhar evasão por parte deles. Além disso, registraram formalmente as justificativas de ausência dos estudantes, acompanhando, dessa forma, as faltas deles e, posteriormente, a tomada de decisões no projeto, quando preciso for.

O Coordenador de disciplina foi responsável pela seleção dos monitores da disciplina que ficou sob sua



responsabilidade, e, com isso, elaborou as datas das aulas respeitando o cronograma geral e o calendário acadêmico da UNCISAL, dividiu os temas a serem trabalhados em cada disciplina entre os monitores responsáveis por ministrá-los. Para mais, manteve a comunicação com o monitor, no dia de sua aula, para resolver qualquer intercorrência, alinhando as decisões que surgirem no grupo de comunicação dos coordenadores de disciplina, entrando em contato com o monitor do dia, juntamente com o inspetor, quando foi necessário. Também ficou sob sua responsabilidade a função de ministrar a aula do dia, caso o monitor não comparecesse.

O Coordenador Discente participou das reuniões marcadas previamente acerca dos assuntos competentes à Coordenação Geral, participando também das atividades competentes a esta coordenação.

Tivemos no projeto um Coordenador de Comunicação que ficou com a atribuição e responsabilidade de alimentar as redes sociais do projeto, informando todas as atividades desenvolvidas, desde os aulões nos finais de semana, como também novas seleções de membros extensionistas.

A Coordenação Geral, composta por docentes e técnicos de nível superior, responsabilizou-se pelo acompanhamento da frequência dos estudantes externos, monitores e inspetores. Com isso, foi necessário criar, para uma melhor organização, um drive com o nome dos extensionistas para termos eficácia no controle da frequência. Já as formações planejadas para os monitores, por esta



coordenação, não foram realizadas, em virtude de muitas demandas a serem resolvidas durante o desenvolvimento do referido projeto.

A seleção de estudantes externos foi realizada por meio de um processo seletivo modelo ENEM, com ranqueamento baseado na nota individual dos 100 primeiros inscritos no processo, tendo, deste modo, o acesso às aulas até o final do projeto. Entretanto, os estudantes também foram passíveis de desligamento, caso tivessem um número superior a 20% de faltas, o que permitiu convocar aqueles estudantes que ficaram em uma lista de espera. Os selecionados, obrigatoriamente, deveriam ser oriundos de Escolas Públicas, cursando, no mínimo, o terceiro ano do Ensino Médio ou já terem concluído. Em relação aos estudantes menores de idade, tiveram que apresentar um termo de compromisso, assinado pelos pais ou responsáveis, para poderem frequentar as atividades do projeto.

Os estudantes receberam materiais didáticos/apostilas, além de acesso aos materiais fornecidos pelos monitores, no decorrer de suas aulas, oportunizando-se com isso, a participação de todos nos simulados, nas redações corrigidas e nas listas de exercícios dos variados componentes curriculares do Enem 2024.

As aulas foram ministradas até o dia 8 de novembro de 2024, último dia das aulas do projeto, antecedendo ao 2º dia das provas do ENEM. Para este ciclo do projeto de 2024, não teremos, por enquanto, o número de aprovados, uma vez que os resultados do ENEM estão previstos para divulgação no início do ano de 2025. Por outro lado, o relato



de experiência aqui apresentado, como já foi dito, trata-se da socialização da efetiva participação de estudantes do Ensino Superior num Projeto de Extensão, a partir da mobilização social, demandada pela participação da comunidade e das suas necessidades.

O projeto conta com incentivo da Pró-reitoria de Extensão - Proex para o fomento de insumos e confecção de materiais didáticos, por isso, em todo o ano letivo existiu a confecção dos materiais para uso dos estudantes externos. Vale ressaltar o horário de duração de cada aula, que procura a organização da carga horária, podendo atingir 20 horas semanais. Como se pode observar na Figura 1, para as duas turmas que se iniciaram no início do ano de 2024.

Figura 1: Horário de aulas do projeto, 2024.

HORÁRIO MEDENSINA 2024						
INSPETORES:	AMANDA NICKSON	M ^ª ISABELA JOAO VITOR	M ^ª NORMA ARLA	LETHICIA MYLENA	DENISE JAMILLY	
HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	
18:30 as 19:10	REDAÇÃO	PORTUGUES	FILOSOFIA	ING/ESP	QUIMICA	A Sala 115
19:10 as 19:50	REDAÇÃO	PORTUGUES	LITERATURA	SOCIOLOGIA	QUIMICA	
19:50 as 20:00	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	
20:00 as 20:40	BIOLOGIA	MATEMATICA	FISICA	HISTORIA	GEOGRAFIA	
20:40 as 21:20	BIOLOGIA	MATEMATICA	FISICA	HISTORIA	GEOGRAFIA	
HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	
18:30 as 19:10	BIOLOGIA	MATEMATICA	LITERATURA	ING/ESP	GEOGRAFIA	B Sala 117
19:10 as 19:50	BIOLOGIA	MATEMATICA	FILOSOFIA	HISTORIA	GEOGRAFIA	
19:50 as 20:00	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	
20:00 as 20:40	REDAÇÃO	PORTUGUES	FISICA	HISTORIA	QUIMICA	
20:40 as 21:20	REDAÇÃO	PORTUGUES	FISICA	SOCIOLOGIA	QUIMICA	

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

O planejamento do horário foi organizado com o conteúdo programático disponibilizado para os estudantes que fariam o ENEM. Além disso, as aulas ocorreram de maneira fluxo padrão até final do mês de setembro, e, posteriormente, passaram para o modelo “Intensivão”, voltado para a revisão de todos os assuntos e/ou os mais importantes temas relacionados ao que estaticamente cai com maior frequência nos dois de provas, com ênfase nos cadernos com maior peso, tais como: Redação e Matemática.

A CONTRIBUIÇÃO MULTIPROFISSIONAL NO PROJETO DE EXTENSÃO UNCI APROVA

A formação multiprofissional em cursinhos pré-vestibulares extensionistas, como projetos universitários, reflete uma abordagem interdisciplinar e integrada. Esses projetos geralmente pretendem democratizar o acesso ao ensino superior, especialmente para comunidades marginalizadas. Com isso, pode-se destacar que, na maioria das vezes, esses estudantes não conseguem administrar seu próprio aprendizado, permitindo uma dificuldade maior na sala de aula, contribuindo para um desestímulo generalizado, por parte desses estudantes, o que leva a consequências futuras não muito boas.

Ao definir objetivos de aprendizagem, apresentar a informação, propor tarefas, responder a demanda aos alunos, avaliar a aprendizagem e exercer o controle e a autoridade, os professores criam ambientes que afetam a motivação e a aprendizagem.



Em consequência, se queremos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar ambientes capazes de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender e, em particular, que formas de atuação podem ajudar concretamente a um aluno (Tapia, 2003 apud Bini; Pabis, 2008, p. 3).

Apesar desses estudantes estarem no final do Ensino Médio, o projeto também tem essa preocupação de mostrar o quanto é importante gerenciar seu aprendizado, através das possibilidades motivacionais que os façam compreender que seu protagonismo nesse processo é de suma importância para o sucesso em seu projeto de vida.

Vale frisar que a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas- UNCISAL, promove ações que vão além da preparação para o ENEM, enfatizando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Os projetos são desenvolvidos por docentes e técnicos de diferentes áreas do conhecimento, proporcionando tanto suporte pedagógico aos alunos quanto experiências práticas de ensino para os extensionistas. Acrescentamos que tais ações são frequentemente fundamentadas em princípios da educação popular, como proposto por Freire e Nogueira (1993), para oferecer uma educação emancipatória e inclusiva.

Resultados significativos, como o aumento no número de aprovações de estudantes em instituições públicas e privadas, ressaltam o impacto de uma proposta de um



projeto Pré-ENEM, como o caso do UNCI APROVA. Esses projetos também destacam o papel das universidades na promoção de inclusão social e no enfrentamento das barreiras impostas pelos sistemas educacionais tradicionais e pelos vestibulares competitivos, como é o caso do ENEM.

EVASÃO DAS AULAS PELOS ESTUDANTES EXTERNOS

A turma de 100 estudantes foi dividida entre duas turmas A e B, salas 115 e 117 do prédio sede da UNCISAL, local onde os estudantes, aleatoriamente, passam a ser de uma ou de outra turma. Durante os primeiros meses, foi observado uma evasão significativa e com o passar dos meses, foram observadas e criadas estratégias para minimizar este problema, mas muitos dos estudantes externos, por motivos diversos, como distância, cansaço físico, formas de deslocamento começaram a diminuir sua presença física em uma das duas salas de aulas reservadas para este fim.

Em novembro, ao começar com o modelo “Intensivão”, as turmas A e B foram unificadas pelo fato de o número de estudantes ter diminuído. Com isso, o cronograma oficial tornou-se o da turma A e as revisões, simulados e questões foram dadas para todos os estudantes como turma única, facilitando a logística de aplicação, o monitoramento e as correções. Contudo, os integrantes do projeto têm discutido, ao longo dos meses do ano de 2024, meios para buscar mais estratégias que possibilitem a permanência desses estudantes no projeto. É importante criarmos mecanismos de acompanhamento mais eficazes com esses estudantes,



para buscarem mais incentivos e até mesmo a própria compreensão dos motivos que os levam a desistir das aulas.

As experiências passadas mostraram-nos alguns caminhos que podem ser usados no sentido de amparar mais os estudantes quanto à sua permanência no projeto. Um desses caminhos, tem sido trazer formações de docentes externos da área de Licenciatura que possam preparar os estudantes extensionistas a melhor lidarem com os estudantes externos, sejam nas atividades a sem propostas em sala de aula ou no fortalecimento do que preconiza a Matriz de referência do ENEM, nos seus aspectos relacionados aos eixos cognitivos comuns à todas as áreas do conhecimento, tais como: dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas (Brasil, s/d). A coordenação do Projeto UNCI APROVA compreende a importância desses eixos para o fortalecimento das quatro áreas do conhecimento exigidos no ENEM.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certo, ainda que o ingresso ao Ensino Técnico e/ou Ensino Superior seja facilitado pelo avanço das novas tecnologias, para algumas pessoas, esta realidade ainda é muito distante, pois em Alagoas temos a maior taxa de analfabetismo do país, o que nos permite compreender que o avanço é seletivo. Mesmo assim, algumas pessoas conseguem furar a bolha e vencer grandes adversidades, como a pobreza, as barreiras geográficas e até mesmo, ficar longe da família.

Ao longo dos anos, o sonho do ensino superior fez parte da infância de algumas crianças e de muitos adolescentes, quando foi enraizado, por meio de brinquedos e brincadeiras, o desejo de serem médicos, enfermeiros, policiais, juízes e tantas outras profissões que eram conhecidas ao longo do seu desenvolvimento. Atrelado a isso, vem, também, a busca pela melhor qualidade de vida não só para si, mas também para seus familiares. No entanto, durante alguns momentos de conversa descontraída e papos soltos, os estudantes colocavam alguns dos desafios encontrados durante a sua trajetória de vida, quando mencionavam as suas dificuldades em lidar com as escolhas a serem feitas e das possibilidades futuras, que muitas vezes, eram apagadas, principalmente por aquelas pessoas que deveriam acolher, incentivar e mostrar caminhos para o seu sucesso no futuro.

Sendo assim, vale destacar a importância do Projeto UNCI APROVA, não apenas na preparação desses estudantes para o ingresso nas universidades, mas também como um diferencial na preparação para a vida e fortalecimento das suas escolhas e orientações. Este tem sido um dos motivos do projeto, já sinalizar uma parceria com profissionais que os ajudem a fazer as melhores escolhas, quando o assunto for profissão. E por que não, profissionais da área de Psicologia que possam auxiliá-los a lidar com seus “fantasmas”, de modo a terem sua saúde mental equilibrada, direcionando-os para uma reflexão das reais necessidades para um futuro promissor. Criar, implementar e acompanhar um Projeto de Extensão pensando no estudante de forma integral e



não apenas como receptor de conteúdo para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, tem sido uma proposição permanente do UNCI APROVA, procurando despertar no estudante a reflexão de que tudo é possível dentro daquilo que ele almeja, sem perder a noção da direção para aquilo que ele deseja ser dentro do seu projeto de vida.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas. **Estatuto da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas**. Alagoas SESAU, [2024]. Disponível em: <[https://www.uncisal.edu.br/uploads/2024/10/Resolucao-Consu-n-30-2024--Aprova-o-Estatuto-da-Uncisal-\(2\)-0.pdf](https://www.uncisal.edu.br/uploads/2024/10/Resolucao-Consu-n-30-2024--Aprova-o-Estatuto-da-Uncisal-(2)-0.pdf)>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

BARBOSA, M. C. S.; GOBBATO, C.; KREMER, C.. Pensar a cidade, os movimentos sociais e a Educação: aportes de Richard Sennet. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1422-1448, jul./dez., 2024. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e81274>>.

BINI, L.R.; PABIS, N. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. **Revista Eletrônica Lato Sensu**. ano 3, nº1, p. 1-19, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de referência ENEM**. Brasília MEC, S/D Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em: 18 de março de 2024.

BRASIL. **Sistema de Seleção Unificada - SISU**. Oferta de vagas. On-line. 2024.




FREIRE, P.; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática da educação popular. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GOMEZ, C. M.; VASCONCELLOS, L. C. F. DE.; MACHADO, J. M. H. Saúde do trabalhador: aspectos históricos, avanços e desafios no Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1963–1970, jun. 2018.

SENKEVICS, Adriano S. **O acesso, ao inverso:** desigualdades à sombra da expansão do ensino superior brasileiro, 1991-2020. 2021. Tese (Doutorado em Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

TOLEDO, E. H. DE; VITALIANO, C. R. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 2, p. 319–336, abr. 2012.





9. DISSEMINANDO O CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS POR MEIO DA LUDICIDADE ENTRE JOVENS DO ENSINO PÚBLICO

Vitória Josefa Queiroz de Macedo
<https://orcid.org/0009-0003-5224-6088>
E-mail: vitoriamacedo@alunos.uneal.edu.br

José Cicero Oliveira da Silva
<https://orcid.org/0009-0004-4108-7250>
E-mail: jcicero.silva.2021@alunos.uneal.edu.br

Taline Cristina da Silva
<https://orcid.org/0000-0001-8131-0059>
E-mail: taline.cristina@uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

As plantas medicinais desempenham um papel fundamental na saúde das populações ao longo da história, configurando-se como recursos acessíveis para o tratamento de diversas enfermidades e oferecendo alternativas naturais e econômicas ao uso de medicamentos sintéticos (Brasil, 2023). Em diversas regiões do Brasil, o uso das plantas medicinais não apenas está profundamente enraizado na cultura popular, mas também é uma necessidade para

comunidades que enfrentam dificuldades de acesso aos serviços de saúde.

Apesar de seu potencial, o uso inadequado dessas plantas pode acarretar riscos à saúde, devido à falta de conhecimento sobre suas propriedades, dosagens e possíveis efeitos colaterais (Kovalski; Obara, 2013a). Esse cenário ressalta a importância da difusão de informações científicas e fidedignas, especialmente em contextos de educação básica, visando garantir o uso seguro e sustentável desses recursos naturais.

Além dos benefícios para a saúde, o uso consciente de plantas medicinais é uma alternativa que reduz os custos com medicamentos e contribui para a conservação do meio ambiente, uma vez que práticas insustentáveis de coleta e desmatamento colocam em risco diversas espécies nativas e ameaçam o equilíbrio dos ecossistemas (Kovalski; Obara, 2013b). No entanto, a preservação e disseminação do conhecimento sobre as plantas medicinais enfrentam desafios, como a perda gradual de saberes tradicionais, que são frequentemente transmitidos oralmente e podem se perder entre as gerações (Negrelle; Formazzari, 2007).

Nesse sentido, a educação básica torna-se importante para integrar o conhecimento científico com o saber popular, incentivando o uso consciente das plantas medicinais e promovendo uma visão crítica sobre seu manejo sustentável.

Com esse objetivo, desenvolvemos uma extensão universitária em uma escola pública, buscando sensibilizar a comunidade escolar, dado o recorte socioeconômico em



que se encontra, visando a importância e o uso correto das plantas medicinais. Nossa iniciativa teve como foco aproximar os alunos do conhecimento científico sobre as propriedades terapêuticas das plantas, utilizando métodos que valorizassem tanto as atividades práticas em laboratório quanto as intervenções lúdicas e artísticas, como a arte botânica e o *eco-printing*. Nosso objetivo foi proporcionar aos estudantes uma compreensão ampla e fundamentada do uso dessas plantas, culminando na criação de uma horta medicinal que permitiu uma troca de saberes com a comunidade local, incluindo a participação dos pais dos alunos.

Desse modo, buscamos contribuir para que as novas gerações reconheçam o valor das plantas medicinais, entendendo-as como recursos acessíveis e sustentáveis para a promoção da saúde e do bem-estar ao mesmo tempo, em que se ressalta a importância de preservar e valorizar os saberes tradicionais, fundamentais para a manutenção da identidade cultural e do conhecimento acumulado ao longo das gerações.



MATERIAL E MÉTODOS

O projeto de extensão *Ser Seletivo* foi iniciado em 2022 pelo curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), no Campus III, localizado na cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas. O campus situa-se a cerca de 140 km de sua capital Maceió, em uma região de agreste, cuja população foi estimada em 71.574 habitantes pelo Censo IBGE (2023). O projeto é subdividido em núcleos temáticos: a) produção de mu-

das, b) coleta seletiva, c) d) interação planta/animal e e) plantas medicinais e compostagem. Este estudo refere-se às atividades realizadas no núcleo de Plantas Medicinais, coordenado pela professora Dra. Taline Cristina da Silva.

As atividades foram realizadas na Escola Municipal Professora Marinete Neves, localizada no bairro Vila Maria, em Palmeira dos Índios. A escola atende alunos da educação infantil ao Ensino de Jovens e Adultos (EJAI), com faixa etária de 4 a 90 anos, e aproximadamente 1.587 alunos matriculados, provenientes da zona urbana e de localidades rurais.

Durante o ano letivo de 2024, as intervenções envolveram 160 alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, com idades entre 10 e 11 anos, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. As atividades foram organizadas em quatro encontros, conforme descrito abaixo:

1. Apresentação do projeto

O primeiro encontro consistiu em uma roda de conversa para introdução do projeto. Foram apresentados os objetivos e temas abordados, seguidos pela exposição de espécies vegetais conhecidas, com explicações sobre suas características e usos medicinais.

2. Atividades lúdicas

No segundo encontro, foram desenvolvidas atividades lúdicas para reforçar o aprendizado sobre plantas medicinais. Jogos e brincadeiras interativos foram utilizados para estimular a associação entre conhecimentos empíricos e conceitos científicos.



3. Práticas em laboratório

O terceiro encontro foi realizado em laboratório, no qual os alunos participaram de experimentos relacionados às plantas medicinais. As atividades incluíram a visualização de estruturas vegetais ao microscópio, análise de pigmentos vegetais e demonstração de processos fisiológicos, como respiração e transpiração.

4. Roda de conversa com a comunidade e implantação de horta medicinal

No último encontro, foi organizada uma roda de conversa que envolveu alunos, familiares e membros da comunidade. A troca de experiências buscou valorizar o conhecimento tradicional transmitido intergeracionalmente. Além disso, foi implementada uma horta de plantas medicinais no espaço escolar, para fornecer um recurso didático e funcional para o uso local.

As intervenções foram realizadas entre os meses de março e setembro de 2024, utilizando métodos que priorizaram a integração entre saberes científicos e populares, promovendo a valorização do conhecimento tradicional e a sustentabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento do projeto foi estruturado a partir de um roteiro de ações a serem executadas ao longo de dois semestres. A primeira atividade ocorreu em 16 de abril de



2024, com uma introdução ao projeto e à temática das plantas medicinais. Durante esse encontro, foram apresentadas plantas medicinais produzidas na estufa do campus III, além de uma carpoteca e xiloteca (Figura 1), com o intuito de destacar a importância da conservação da biodiversidade. A utilização da carpoteca e da xiloteca é relevante, pois essas coleções oferecem recursos valiosos para o estudo da diversidade vegetal, possibilitando a análise das adaptações das plantas e sua interação com o ambiente, além de fornecerem material para pesquisas sobre conservação e manejo sustentável (Santos et al., 2019).

Além disso, foi realizado um estímulo sensorial (Figura 1), onde os alunos demonstraram grande interesse e competitividade. A ativação dos sentidos, como o tato, olfato e paladar, é fundamental no processo de aprendizagem, pois envolve diretamente o corpo do aluno, criando uma experiência sensorial rica e capaz de estimular a curiosidade e o aprendizado (Freire et al., 2018). A utilização de estímulos sensoriais é uma estratégia eficaz para promover a aprendizagem ativa e engajada, especialmente em contextos de ensino voltados para o conhecimento de plantas e ecossistemas.

Em seguida, uma roda de conversa foi realizada, onde os alunos foram questionados sobre seu conhecimento prévio em relação às plantas medicinais e seu uso. Durante essa atividade, alguns estudantes relataram o uso de chás, como o chá de boldo, para tratar problemas intestinais. Esses relatos demonstram a familiaridade da comunidade escolar com práticas de uso de plantas medicinais, o que reforça a importância de incorporar essas práticas no con-



texto educacional, para validar e expandir o conhecimento tradicional com respaldo científico (Silva et al., 2020).

De forma lúdica, alguns alunos se dispuseram voluntariamente a vendar os olhos e, por meio do paladar, tentar identificar os sabores dos chás oferecidos, como ilustrado na Figura 1. Essa atividade teve como objetivo promover a percepção sensorial e incentivar a aprendizagem prática e divertida sobre os usos das plantas medicinais.

Figura 1. Atividades do projeto de extensão: a) Introdução ao projeto; b) e c) Experimento sensorial com chás; d) Materiais utilizados na primeira ação (carpoteca, xiloteca e plantas medicinais).



Fonte: Os autores, 2024.

Na segunda ação, realizada em 28 de abril de 2024, foram empregadas metodologias lúdicas e jogos botânicos (Figura 2), desenvolvidos previamente por alunos do curso de Ciências Biológicas. Foram utilizados recursos como um quiz *on-line* sobre plantas medicinais nativas e exóticas da Caatinga, dominó botânico, jogo da memória com plantas medicinais, alimentícias e ornamentais, um jogo sobre boas práticas ambientais e um jogo de perguntas e respostas intitulado “Quem Sou Eu?”, no qual os alunos, a partir de características morfológicas, fisiológicas e de uso, deveriam identificar as plantas correspondentes. Esses jogos são uma maneira eficaz de tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo, promovendo o engajamento dos estudantes com o conteúdo científico (Oliveira et al., 2017).

Ademais, foi dado enfoque aos 5 R's (Reduzir, Recusar, Reutilizar, Repensar e Reciclar) ao utilizar material reutilizável nos jogos (Figura 2), o que permitiu abordar aspectos científicos relacionados às plantas medicinais, ao mesmo tempo, em que se discutia a importância das práticas sustentáveis. A integração dos 5 R's no ensino de plantas medicinais é uma estratégia importante para sensibilizar os alunos sobre a relação entre práticas ambientais sustentáveis e o uso responsável dos recursos naturais, contribuindo para o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e consciente (Costa et al., 2021).



Figura 2. Metodologias lúdicas e jogos botânicos: a) Jogos utilizados na dinâmica; b) Alunos participando de um quiz *on-line* sobre plantas medicinais nativas e exóticas da Caatinga; c) Alunos jogando o jogo de boas práticas ambientais; e d) Alunos respondendo ao quiz sobre funções e formas de uso de plantas medicinais.



Fonte: Os autores, 2024.

A terceira ação ocorreu em 19 de maio de 2024 e consistiu em uma intervenção científica por meio de oficinas realizadas no laboratório de biologia da escola (Figura 3).

Durante a primeira oficina, os alunos foram introduzidos teoricamente a diversas espécies de plantas medicinais e suas indicações terapêuticas, como a finalidade de seu uso e as formas adequadas de aplicação. A intervenção experimental incluiu atividades como:

- 1. Extração de clorofila** – Os alunos tiveram a oportunidade de extrair clorofila das plantas, o que possibilitou a visualização dessa substância e a compreensão de sua importância na fotossíntese e na produção de oxigênio pelas plantas, aspectos fundamentais para o entendimento dos processos biológicos e ecológicos (Maia et al., 2018).
- 2. Exploração das estruturas das plantas** – A visualização de espécies vegetais no microscópio e lupa permitiu aos alunos explorar a anatomia das plantas, compreendendo a complexidade de suas partes e a relação entre suas estruturas e funções.
- 3. Pigmentação de flores brancas** – Ao realizar um corte vertical na haste de uma flor e colocá-la em um vaso com água e corante, os alunos puderam observar o processo de capilaridade e como as plantas absorvem líquidos por seus vasos condutores, aplicando conceitos como absorção de água e nutrientes (Lima et al., 2016).
- 4. Respiração e transpiração das plantas** – Este experimento, que envolveu a utilização de um saco plástico transparente e fita adesiva, permitiu aos alunos observar diretamente a respiração das



plantas, correlacionando o processo de respiração celular e trocas gasosas com as funções vitais das plantas.

Figura 3. Ações científicas e artísticas: a) Alunos realizando atividades de arte botânica e eco-printing; b) Observação da transpiração das plantas e da pigmentação de flores brancas com o uso de corantes; e c) Extração de clorofila pelos alunos.

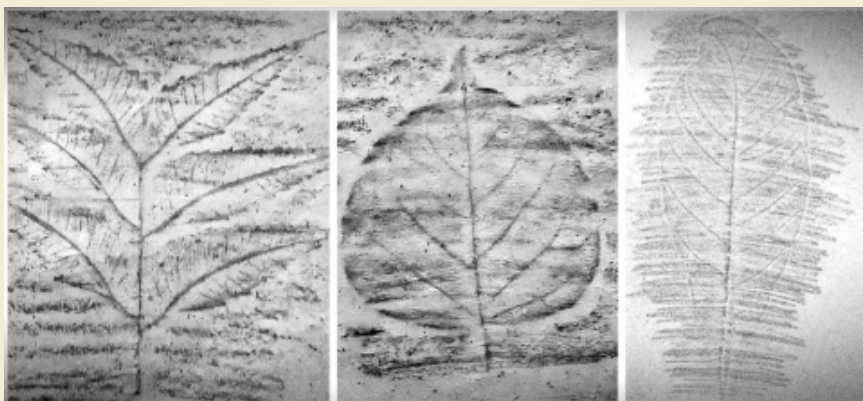


Fonte: Os autores, 2024.



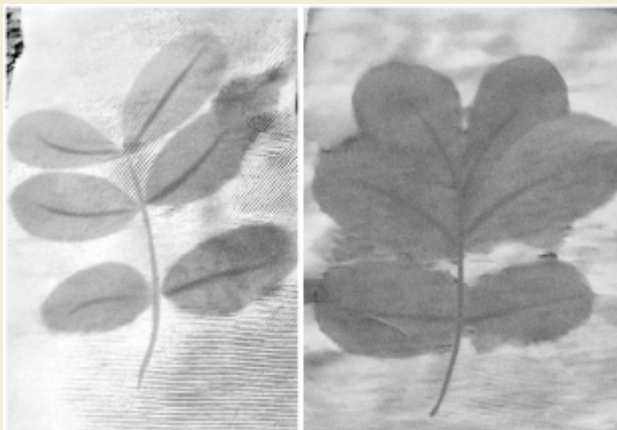
As atividades experimentais foram complementadas por intervenções artísticas, como a **arte botânica**, em que os alunos utilizaram as cores extraídas das plantas durante os experimentos para criar desenhos. Outras práticas, como a **filotaxia** (observação das nervuras das folhas) como mostra a Figura 4, e o **eco-printing** (transferência de pigmentos naturais para tecidos ou folhas) (Figura 5) também foram realizados, promovendo uma conexão entre a ciência e a arte, além de estimular a criatividade dos alunos (Souza et al., 2020).

Figura 4. Atividade de filotaxia realizada pelos alunos para observação das nervuras das folhas das plantas.



Fonte: Os autores, 2024.



Figura 5. Eco-printing: transferência de pigmentos naturais das plantas para tecidos pelos alunos.

Fonte: Os autores, 2024.

A última ação, realizada em 20 de setembro de 2024, consistiu em uma intervenção com a comunidade escolar, dividida em duas atividades principais: a troca de saberes e a confecção de uma horta medicinal. A troca de saberes promoveu uma roda de conversa entre os alunos e seus familiares (Figura 6), permitindo a partilha de experiências e conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e doações de mudas de plantas medicinais ao final (Figura 7). Esse momento foi essencial para valorizar os saberes tradicionais presentes nas famílias e integrá-los aos conceitos científicos apresentados ao longo do projeto.



Figura 6. Troca de saberes com os pais dos alunos sobre plantas medicinais: a) atividades sensoriais envolvendo o reconhecimento de plantas; b) entrega de brindes aos participantes que acertaram o nome das plantas a partir dos sentidos.



Fonte: Os autores, 2024.

Figura 7. Doação de plantas medicinais aos pais e alunos.



Fonte: Os autores, 2024.

Já a confecção da horta medicinal (Figura 8) culminou na implementação de uma pequena área de cultivo na escola, com mudas que poderiam ser utilizadas tanto pelos alunos quanto pelos seus familiares. Essa iniciativa visou consolidar o aprendizado prático, estimulando os alunos a vivenciarem o cultivo e o uso das plantas medicinais no cotidiano (Costa et al., 2020).

Figura 8. Implementação de uma horta medicinal na escola com a participação dos alunos.



Fonte: Os autores, 2024.



A participação dos pais desempenhou um papel central nesse processo, representando uma ponte entre os conhecimentos empíricos e científicos. Segundo Santos e Almeida (2021), a presença da família em atividades escolares reforça o vínculo afetivo e estimula o engajamento dos alunos, além de ampliar o escopo de aprendizado para além da sala de aula. Ao envolver os familiares, foi possível resgatar práticas culturais relacionadas ao uso de plantas medicinais, muitas vezes transmitidas oralmente entre gerações, promovendo a valorização dessas tradições. Além disso, a presença dos pais fortaleceu a percepção de que o uso sustentável de plantas medicinais pode ser um recurso acessível e viável para a promoção da saúde.

A implementação da horta medicinal também se destacou como uma ferramenta pedagógica e social. Conforme descrito por Oliveira et al. (2019), hortas escolares não apenas promovem a educação ambiental, mas também contribuem para o fortalecimento da comunidade escolar ao fomentar um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. No contexto desta ação, a horta proporcionou um espaço de aprendizado ativo, onde os alunos puderam aplicar na prática os conceitos discutidos nas etapas anteriores do projeto. Além disso, essa iniciativa reforça o compromisso com a sustentabilidade e incentiva hábitos saudáveis, tanto no uso de plantas medicinais quanto na interação com o meio ambiente.

Portanto, a última ação foi além de um simples encerramento do projeto, consolidando aprendizagens, valorizando o conhecimento comunitário e plantando as bases para prá-



ticas sustentáveis que podem impactar tanto o ambiente escolar quanto a vida cotidiana das famílias envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido destacou a importância da integração entre os saberes populares e científicos no contexto escolar, promovendo a valorização do uso sustentável de plantas medicinais. Por meio de atividades lúdicas, práticas laboratoriais e intervenções artísticas, foi possível aproximar os alunos do conhecimento científico de forma interativa e envolvente, ao mesmo tempo, em que se resgatou a relevância dos saberes tradicionais.

A criação de uma horta medicinal como resultado não apenas consolidou o aprendizado prático, mas também incentivou o engajamento comunitário, representando uma iniciativa que transcende o ambiente escolar. Essa horta reforça a importância da educação ambiental, contribuindo para a conscientização sobre a sustentabilidade e o uso responsável dos recursos naturais.

Portanto, o projeto alcançou resultados significativos ao unir ciência e cultura, sensibilizando alunos, familiares e a comunidade escolar sobre o potencial terapêutico das plantas medicinais. Essa experiência ressalta a necessidade de iniciativas contínuas que promovam a educação científica de forma inclusiva, sustentável e culturalmente relevante, garantindo que esses conhecimentos sejam preservados e valorizados pelas futuras gerações.



REFERÊNCIAS

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica. **Normas e Manuais Técnicos – Caderno de Atenção Básica**, 2012.

COSTA, F. C. et al. Educação ambiental e saúde: cultivo de plantas medicinais em hortas escolares. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 25, n. 3, p. 120-135, 2020.

COSTA, P. et al. O uso sustentável de plantas medicinais na educação básica. **Revista de Educação Ambiental**, v. 23, n. 1, p. 45-58, 2020.

FREIRE, A. et al. Aprendizagem sensorial e educação ambiental: uma análise de estratégias pedagógicas. **Educação e Sociedade**, v. 39, p. 125-139, 2018.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 4, p. 911-927, 2013.

LIMA, J. et al. Práticas de ensino e aprendizado sobre plantas medicinais no ensino básico. **Ciência e Educação**, v. 22, n. 3, p. 251-265, 2016.

MAIA, A. et al. A clorofila e o processo de fotossíntese: uma abordagem experimental para o ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Científica**, v. 12, n. 2, p. 123-132, 2018.

NEGRELLE, R. R. B.; FORNAZZARI, K. R. C. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 9, n. 2, p. 36-54, 2007.



OLIVEIRA, L. F. et al. O cultivo de hortas escolares como prática pedagógica: contribuições para a educação ambiental. **Revista de Educação e Meio Ambiente**, v. 15, n. 1, p. 42-56, 2019.

OLIVEIRA, R. et al. Jogos educativos como ferramenta pedagógica para o ensino de botânica. **Revista Brasileira de Educação em Ciências**, v. 28, n. 4, p. 495-510, 2017.

SANTOS, M. et al. Carpoteca e xiloteca: o papel da conservação e do ensino na biodiversidade. **Boletim de Botânica**, v. 14, n. 3, p. 301-315, 2019.

SANTOS, M. L.; ALMEIDA, R. C. A importância da participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem: um estudo sobre a interação família-escola. **Revista Brasileira de Psicologia Educacional**, v. 12, n. 2, p. 83-98, 2021.

SILVA, T. et al. O uso tradicional e científico das plantas medicinais: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 16, n. 4, p. 67-78, 2020.

SOUZA, V. et al. Eco-printing e sua aplicação no ensino de ciências. **Educação e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 150-163, 2020.



10. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA UNEAL

Janiele Delmiro da Silva

:<https://orcid.org/0009-0003-8416-0027>

e-mail: janieledelmiro@gmail.com

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima

<https://orcid.org/0000-0002-2045-9201>

e-mail: Jeylla.salome@uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

A universidade é constituída por três dimensões, quais sejam, o ensino, a pesquisa e a extensão. Esta última até hoje segue não muito bem compreendida e assimilada pelas Instituições de Ensino Superior (IES), seja por seu caráter interdisciplinar ou por outras questões. O fato é que seu surgimento e implementação balançam os muros das instituições, indicando que estes precisam ser ultrapassados, fortalecendo parceria entre a universidade e a comunidade estabelecida, considerando um determinado cenário. Nesse sentido, a construção e a efetivação de projetos extensionistas pela universidade, em parceria com unidades escolares, podem promover uma formação acadêmica, processual e orgânica (Reis, 1996). Ainda para o autor, a extensão universitária vem sendo discutida como

uma dimensão fundamental na formação docente inicial e continuada, de forma participativa e colaborativa.

Foi pensando a universidade para além do ensino e da pesquisa, que elaboramos o projeto “*A extensão universitária e o ensino de espanhol na Uneal*”. A proposta tem suas raízes no Núcleo de Línguas e Culturas (NLC), um pequeno laboratório situado no Campus IV da Universidade Estadual de Alagoas, uma variação do NULIC, Núcleo de Línguas e Culturas, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão da IES. O NLC objetiva suprir a necessidade imediata (percebida nas aulas de graduação) dos alunos do curso de Letras da Uneal, ao capacitá-los para lidar com o grande número de informações escritas nas línguas ofertadas concernentes às suas áreas de interesse. Além disso, o conhecimento e domínio das estratégias de leitura, escrita, auditiva e oral em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa contribuem para o desenvolvimento pessoal integral, enquanto preparam esses discentes para se tornarem cidadãos mais autônomos, críticos e aptos para atuarem no mundo globalizado.

O NLC está presente no Campus IV desde 2022, mas, devido à escassez de recursos, não avançamos com a oferta de cursos longos para a comunidade até decidirmos enfrentar esse desafio sem a utilização de bolsas. Diversas razões nos motivam a lutar pela permanência do ensino da língua espanhola, sendo uma delas o alto percentual de estudantes das redes públicas e privadas que têm escolhido o espanhol como opção para avaliação de proficiência em língua estrangeira. Segundo Morais (2023), o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Tei-



xeira) afirma que 60% dos candidatos do ENEM optam pelo espanhol na prova de língua estrangeira.

Diante desse cenário, decidimos avançar para a prática, reconhecendo a importância da articulação entre a universidade e a extensão. Considerando, sobretudo, que a extensão universitária pretende abordar problemas sociais, transformar realidades individuais e abrir caminhos para um mundo mais justo e igualitário. Acrescentamos ainda que a dinâmica do extensionismo dá aos graduandos a consciência de uma realidade que pode ser transformada de forma humanizada. Conhecemos, portanto, o problema e partimos para a ação. Dessa forma, buscamos desenvolver pesquisas tendo como ponto de partida a tríade ensino-pesquisa-extensão, fortalecendo uma parceria urgente e necessária.

Cabe destacar que, para nós da língua espanhola, ainda há outro problema no aspecto da relação entre educação e trabalho, pois batalhamos contra a retirada dessa língua do currículo da educação básica. Há uma luta pela manutenção do ensino da língua espanhola em Alagoas – e podemos ampliar essa perspectiva para todo o Brasil -, haja vista que o esforço pela manutenção do espanhol é nacional. Nesse sentido, a Associação de Professores de Espanhol do Estado de Alagoas – APEEAL e, posteriormente, vinculada ao Movimento #FicaEspanhol no Brasil, surge com o propósito de unificar a luta e propor ações coordenadas nacionalmente, a fim de promover a promoção do engajamento efetivo sob diversas perspectivas de luta e resistência. Por decisão da Câmara Federal, a língua espanhola foi excluída do currículo da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, como



também do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), conforme a redação proposta pela Minuta do Parecer do Novo ENEM, elaborada pela Comissão Bicameral de Avaliação da Educação Básica e encaminhada para o Conselho Nacional de Educação (CNE) e à consulta pública.

A Uneal é uma instituição pública estadual cujo objetivo é oferecer educação pública, gratuita e de qualidade, buscando o desenvolvimento social, cultural, tecnológico e econômico do país e da região. Dentro do seu escopo de atuação, segue visando atender à demanda local e regional. Diante desse contexto, é que propomos o Núcleo de Línguas e Culturas. A falta de recurso, no entanto, nos impede de abrir as portas para a comunidade externa com nossos discentes, ministrando aulas para quem deseja se aventurar na língua espanhola ou na língua inglesa. Com a aproximação do Exame Nacional do Ensino Médio, decidimos colocar “o bloco na rua”, ofertando um curso preparatório para o ENEM. Todo o caminho de preparação foi traçado com a Pró-Reitoria de Extensão da Uneal, com Edital aberto e publicado, dando oportunidade aos alunos do Curso de Letras Português/Espanhol, estabelecer um diálogo entre os caminhos teóricos e práticos da profissão. Possibilitando-os uma aprendizagem baseada em ações da universidade para com o meio externo, seja nas escolas ou trazendo o público para dentro da Instituição.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Nesta seção, apresentamos a fundamentação teórica que sustentou nossa abordagem sobre ensino de língua – objeto sobre o qual nos debruçamos –, e extensão. Além disso, destacamos a missão social da Uneal, conforme delineada no PDI, e a metodologia adotada para a realização deste trabalho.

Pressupostos teóricos da pesquisa

Há 23 anos, João Sedycias escrevia sobre o júbilo do ensino de espanhol no Brasil. Seus escritos estão no livro intitulado *O ensino do espanhol no Brasil: presente, passado, futuro* (2005). Hoje, vivemos um apagamento da mesma língua no mesmo país que um dia a abraçou e fez dela motivo de alegria para muitos docentes e alunos. Neste cenário, voltamos ou continuamos dizendo ser necessário sustentar, fortalecer e cultivar a diversidade linguística, sobretudo num mundo ameaçado pela extinção de línguas e respectivas culturas, como tão bem alertou David Crystal em *La muerte de las lenguas* (2001). As políticas públicas e linguísticas que nos cercam no cenário do século XXI, tem como propósito o isolamento linguístico e cultural do Brasil em face de seus vizinhos latinoamericanos.

O trecho acima nos lembra Fernandes (2001), que ao referir-se ao Brasil destaca:

Brasil es un país colosal. Tal es la impresión que ofrece, al extranjero y al nativo, la



República Federal de Brasil. Esa realidad se presenta como una constante en cualquier consideración o análisis que quiera hacerse sobre este territorio americano. Y a partir de ella, se deduce otra realidad igualmente incontestable: la heterogeneidad derivada de una extensión y una variedad geográfica casi comparables a las de un continente (Fernandes, p. XXX, 2001).

Em 2024, vivemos uma realidade surreal, pois somos ainda considerados uma colônia, como se não houvesse globalização, diversidade linguística e cultural, sobretudo, diante de uma política pública e linguística que nos impõem de goela abaixo a hegemonia da língua inglesa. É fato que ela tem sua importância e precisamos continuar aprendendo o idioma, mas é injusto fechar os olhos para um país rodeado de povos que falam o espanhol, com professores já formados, alunos cursando e se desenvolvendo linguística e culturalmente e, por que não, profissionalmente.

Ainda em 2024, foi publicado o livro intitulado *Movimento #FicaEspanhol: Lutas e Resistências*, que apresenta um panorama da política linguística atualmente vivenciada no Brasil. O livro registra, mais uma vez, como está dito em sua apresentação, a história da presença e da ausência do espanhol como língua de aprendizagem escolar em nosso país. Vários estados representados por suas Associações de Professores de Espanhol, se fazem presentes, apresentando suas lutas e resistências locais. Embora saibamos que os professores deste país não são ouvidos, faz-se necessário registrar suas indignações e reflexões acerca de suas experiências.



Não podemos nos distanciar do ensino da língua espanhola e não queremos fazê-lo, haja vista que o ensino de espanhol para brasileiros continua sendo necessário diante de toda realidade apresentada neste texto e neste país. Nosso projeto, decerto, é uma forma de resistência, pois continuamos na luta por uma educação plurilíngue, em que o estudante tenha o direito de escolher qual ou quais línguas e culturas deseja aprender.

O espanhol é uma das mais importantes línguas mundiais da atualidade, sendo a segunda língua nativa mais falada no mundo. Mais de 332 milhões de pessoas falam espanhol como primeira língua. Ela perde em número de falantes nativos apenas para o chinês (mandarim), cuja projeção internacional, entretanto, não pode ser comparada com uma língua “mundial” como o inglês, espanhol ou francês (Sedycias, 2005). Por fim, há inúmeras razões pelas quais os brasileiros devem aprender espanhol, algumas citadas ao longo deste projeto, mas também podemos acrescentar aspectos culturais relevantes, como a literatura e a música.

Nosso movimento extensionista foi além do ensino e da formação de professores, pois pretendíamos atingir a população que precisava do ensino da língua e não o alcançava porque esta não foi/era oferecido em seus locais diversos, como a escola. Nossa pesquisa teve caráter empírico, executada e desenvolvida na sala de aula, com os colaboradores e para isso nos embasamos em autores como (Sedycias, 2005) e (Fernandez, 2001), que trilham há um tempo com o ensino de espanhol no Brasil. Nos embasamos também em autores, como (Reis, 1996) e (Kochhann, 2021),



que trabalham com a extensão universitária, apontando sua importância e a necessidade no currículo das IES brasileiras. Para Kochhann (2021), a extensão universitária é tida como princípio de aprendizagem e a *práxis* enquanto unidade teoria e prática, visa a emancipação e que pode ser alcançada pelas ações extensionistas, quando essas forem concebidas não apenas como atividade prática.

Plano de Desenvolvimento Interno (PDI) da Uneal

Em seu Projeto de Desenvolvimento Interno – PDI, a Universidade Estadual de Alagoas aponta dentro de suas finalidades, promover, de forma indissociável, o ensino, a pesquisa e a extensão e aperfeiçoar a educação superior nos diferentes campos do conhecimento; Integrar-se às regiões em que está inserida, pela extensão da educação, da pesquisa e da atividade de prestação de serviços especializados à sociedade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; para além de suas finalidades, está dentro de seus objetivos e metas, desenvolver atividades de extensão conforme os princípios e finalidades da educação superior, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos.

Por fim, um de seus princípios norteadores é o compromisso e responsabilidade social. Ou seja, as ações educativas desenvolvidas pela Uneal, buscam atender as demandas presentes nos saberes sociais como determinantes nos processos de formação e de produção de conhecimen-



tos, num exercício dialógico com a sociedade, através das suas diferentes manifestações, sejam de ordem natural, social, cultural ou histórica.

A indissociabilidade expressa nos currículos indica que o processo formativo deve ser pensado com base na pesquisa, no ensino e na extensão. Além disso, a língua espanhola foi a disciplina necessária para iniciarmos a ação extensionista, um dos objetos basilares do nosso projeto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O curso foi dividido em duas etapas, sendo a primeira de preparação para o ENEM, iniciado no dia 10 (dez) setembro de 2024 e finalizado às vésperas da prova, ocorrendo todas às terças-feiras e sendo executado no Campus IV da Uneal. As aulas foram ministradas por uma docente do Campus, acompanhada de uma graduanda de Letras. Outros graduandos participaram apenas observando, ao contrário desta, que além de ministrar algumas aulas, também ajudou na preparação do curso, selecionando material e organizando o ambiente.

Para a realização das aulas, foram organizados materiais específicos em uma apostilha. Buscamos sempre contribuir para um conhecimento acerca dos instrumentos linguísticos, com a reintegração social e o exercício da cidadania, trabalhando a estrutura da língua, como gramática e léxico, compreensão textual, sociedade e cultura.

Nosso público contou com pessoas de idades diferentes, que terminaram o ensino médio recentemente ou há



algum tempo e que iriam se submeter à prova do Enem nos dias 03 e 10 de novembro de 2024. Para receber o certificado de conclusão do curso, o/a estudante precisou obter 65% de frequência nas atividades presenciais.

No primeiro dia de aula, fizemos uma breve apresentação do projeto e seus objetivos. Elaboramos apostilhas, com todo o material necessário. Porém, para algumas aulas, foi necessário acrescentar novos materiais, como textos literários. Abaixo ilustramos nosso primeiro encontro.

Figura 1. Primeiro dia de aula



Fonte: Autoras.

A **Figura 1** ilustra o que foi mencionado acima. As aulas foram realizadas no **Campus IV**, alternando entre a sala do NLC, utilizada no primeiro encontro, e outros espaços

do campus em encontros subsequentes. Como podemos observar na **Figura 1**, o grupo apresenta uma diversidade de idades, mas compartilha o mesmo objetivo: adquirir conhecimento sobre a língua espanhola e se preparar para realizar uma prova com confiança.

Inclusive, uma aluna relatou que se submeteu à prova no ano passado e percebeu o seu baixo nível de conhecimento em espanhol. Ela acreditava que com o curso faria uma prova melhor. Nesse sentido, trabalhamos para que isso fosse possível. Galgamos o que nos propomos, com muita teoria e praticidade. Trabalhamos as provas anteriores e trouxemos alguns clássicos da literatura, como o jornal e escritor Eduardo Galeano, pois em todas as provas anteriores que analisamos, havia textos que ressaltavam aspectos literários, linguísticos e culturais.

Nossa proposta esteve pautado na prática, daí consideramos a necessidade de uma base teórico metodológica voltada para a prática, para atuar em espaços diversos, com domínio da técnica e sua aplicabilidade, focando no ensino, pois o objetivo foi oportunizar conhecimento de língua espanhola a quem não tinha. Abaixo, apresentamos as diversas etapas que executamos para o desenvolvimento do trabalho:

- a. selecionar leituras para a execução do projeto e para a formação do bolsista;
- b. comparacer e participar das orientações semanais;
- c. executar os trabalhos no âmbito teórico e prático;
- d. encontros semanais;



- e. preencher o diário de bordo. Participar de Curso de Formação, de Congressos, fora da IES;
- f. participar de oficinas, cursos, reuniões, seminários e jornadas dentro ou fora da IES.

Conseguimos executar todas as etapas, inclusive com a participação de eventos, cuja proposta extensionista foi colocada em evidência. Em outubro do corrente ano, apresentamos este projeto no X Congresso Nordestino de Espanhol, realizado na Universidade Federal de Pernambuco. Foi uma rica experiência.

Entendemos a importância da articulação entre o ensino e a extensão, pois trata-se de um movimento que aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea. Entretanto, carece da pesquisa responsável pela produção do conhecimento científico. Partimos deste pressuposto para realizar o que almejamos.

Abaixo, a figura 2, que ilustra as atividades em andamento.



Figura 2. Quarto dia de aula

Fonte: Autoras.

Neste dia, fomos surpreendidos com um pedido de uma aluna, relatando, a princípio, que as aulas estavam sendo muito boas e que eram importantes para o conhecimento dela com o idioma, o que antes era limitado, mas que agora estava melhorando. Em seguida, ela perguntou se não poderíamos ter aulas dois dias na semana, a fim de que o conhecimento adquirido pudesse ser potencializado.

Estes relatos, pedidos, solicitações são indícios de que há a necessidade da articulação entre universidade e comunidade externa. Existe aí um pedido de ajuda. Está claro que tais atividades causam impactos sociais.

Trabalhamos empiricamente, observando nossas práticas com o curso que nos propomos a ofertar. Observamos e analisamos os impactos sociais que tais ações extensionistas podem causar, provocar na vida dos colaboradores, assim como na dos acadêmicos. Todo o curso foi registrado na sala de aula do *Google Classroom*, onde fizemos uma espécie de diário de bordo, anotando as dificuldades, todos os passos desenvolvidos durante o processo, registrando os anseios, a alegria em oportunizar e modificar a vida de precisa, pois educação é direito de todos. A extensão tem um papel intervencionista nas questões sociais e, com isso, a IES consegue participar da vida da comunidade externa e cumprir com o seu papel social.

Nos propomos a experienciar um diálogo interdisciplinar que buscou inter-relacionar saberes científicos entre universitários e estudantes da educação básica, num curso de extensão de espanhol, com vistas à produção de conhecimento acerca da articulação entre políticas públicas, políticas linguísticas e um povo sem acesso ao que lhe é direito.

RESULTADOS ALCANÇADOS

O projeto alcançou o que foi planejado. Não foi fácil, mas foi possível. Conseguimos contribuir para o ensino-aprendizagem de nossos estudantes do curso de Letras, do Campus IV, da Universidade Estadual de Alagoas. Para com a sociedade, esperamos contribuir para o acesso e co-



nhecimento da língua estrangeira, com reintegração social e exercício da cidadania.

Conseguimos o pouco que almejamos, mas queremos mais, queremos a língua espanhola de volta no currículo da educação básica deste país.

Figura 3. Terceira semana de aula



Fonte: Autoras.

A **Figura 3** representa a terceira semana de aulas. Nesse dia, já era possível observar resultados significativos, como a capacidade de ler textos de forma independente, sem grandes dificuldades, e traduzi-los para o português, mesmo quando algumas palavras desafiadoras surgiam,

sem a intervenção da professora. Os alunos demonstravam habilidade para responder às atividades com maior autonomia, e é exatamente nesses aspectos que foi possível perceber avanços importantes no desenvolvimento do conhecimento da língua espanhola.

Durante as atividades desta aula, uma estudante relatou que ia sentir falta das nossas aulas, pois estava sendo muito bom adquirir conhecimento sobre a língua espanhola. Logo após finalizar a aula, outra estudante falou a seguinte frase: “Tenho certeza de que este ano, eu acertarei mais coisas na prova e farei melhor que a dos anos anteriores”. Depois, ela explicou que a fala dela estava relacionada ao seu conhecimento do espanhol, que antes era mínimo e que hoje, ela pode e consegue compreender melhor, mesmo que sejam coisas básicas. Sempre mencionamos que o foco principal das aulas não era a oralidade, mas sim, a compreensão textual, pois é isso requerido no Enem. Ficamos felizes em ver que, com poucas semanas, já conseguimos notar melhoras e avanços.



Figura 4. Entrega de Certificado



Fonte: Autoras.

Sabemos que ainda há muito para ser aprendido, porém, ver a evolução de um/a aluno/a em compreensão textual, leitura e resolução de atividades a cada aula que passa, foi gratificante. Diante de tantos desafios, conseguimos finalizar o curso e certificar os/as cursistas. No dia da certificação, tivemos um momento de conversa sobre a importância da extensão universitária, onde a Pró-Reitora de Extensão se fez presente. Neste dia, também foram realizadas outras certificações, todas relacionadas à extensão. Abaixo, apresentamos a figura que ilustra o momento da certificação para os cursistas que compareceram ao evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançar-se neste projeto não foi apenas dar oportunidade à comunidade carente, mas entender que a universidade pública tem o dever de realizar este papel. A ausência do ensino de espanhol em algumas cidades do Brasil, sobretudo nos interiores, causa um impacto muito negativo para uma população que vive desfavorecida em algumas questões sociais. O curso de espanhol veio para suprir esta carência, para contribuir, conduzindo os alunos para um caminho possível.

Esta trajetória não foi importante apenas para a comunidade externa, mas também para os alunos do curso de Letras português/espanhol, que se envolveram, ministrando aulas. Para com os acadêmicos participantes do curso, o objetivo foi desenvolver a identidade de professor de línguas estrangeiras, incentivando-os a iniciarem na carreira docente, dando a eles a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos que estão sendo adquiridos durante a graduação, aproximando, desta forma, a comunidade acadêmica da comunidade em geral. Estreitando laços. E, principalmente, mostrar que a atividade extensionista está dentro das atividades universitárias, assim como o ensino e a pesquisa.

A educação pública deste país é sinônimo de luta e resistência. Enquanto instituição de ensino superior, que ainda oferta a língua e forma professores, não podemos baixar a cabeça. Existem diversos caminhos para se continuar



estudando e aprendendo sobre nós, sobre a nossa língua, sobre nossa cultura e sobre a do outro também.

Sigamos na esperança de dias melhores e na esperança de uma educação pública, gratuita e de qualidade, com espaços mais inclusivos.

Agradecemos todo o apoio e a parceria incansável da Pró-Reitoria de Extensão.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Monica Mariño, et. al (Org.). **Movimento #ficaespanhol: lutas e resistências**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

SEDYCIAS, João, et. al (Org.) **O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SEDYCIAS, João. Por que os brasileiros devem aprender língua estrangeira? In: SEDYCIAS, João (Org.). **O ensino de língua estrangeira no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FRANCISCO, Moreno Fernandez. El español en Brasil. In: SEDYCIAS, João (org). **O ensino de língua estrangeira no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCHHANN, A. **Epistemologia da extensão universitária: constructos iniciais**. Goiânia: Kelps, 2021.


REIS, R. H. **Histórico, tipologias e proposições sobre a extensão universitária no Brasil**. Linhas Críticas, Brasília, v. 2, n. 2, 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view//2610>. Acesso em: 6 set. 2024.



UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas. **Plano de desenvolvimento institucional:** PDI -2019-2024. Alagoas, 2019. 128 p. Disponível em: http://www.uneal.edu.br/orgaos/consu/Resolucao%20n.o%20012_2019%20-%20PDI%20completo%20com%20anexo.pdf Acesso em: 7 set. 2024.

ROGÉRIO MORAIS. **Enem:** língua estrangeira é fundamental para composição de boa nota. Papo de primeira. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/papo-de-primeira/enem-lingua-estrangeira-e-fundamental-para-composicao-de-boa-nota/40327/> Acesso em: 10 dez. 2024





11. OS FÓRUMS DE EXTENSÃO COMO FERRAMENTA DE ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Graciele Oliveira Faustino

<https://orcid.org/0000-0003-2810-5595>

E-mail: graciele.oliveira@uneal.edu.br

Sanádia Gama dos Santos

<https://orcid.org/0000-0003-3001-1889>

E-mail: sanadia.santos@uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende descrever a trajetória e o percurso para a realização dos fóruns de extensão na universidade estadual de Alagoas. Tal ação é um espaço de articulação, bem como mobilização social, para a promoção da participação social e de interlocução entre a universidade, a sociedade civil e o poder público.

Nesse sentido, a Pró-reitoria de extensão (PROEXT) ancora a realização de suas atividades nas diretrizes do PNE de 2014, que sustenta uma visão mais popular e emancipa-

tória, representada pela prioridade à atuação em “áreas de grande pertinência social”.

Para garantir um diagnóstico mais preciso nos territórios, a PROEXT realizou uma sequência de fóruns, compreendendo as especificidades e demandas específicas em cada região onde os *campi* da Uneal se situam, além de favorecer uma compreensão mais precisa dos sujeitos pertencentes à região e seus coletivos e organizações da sociedade civil, no sentido de aproximação destes para o conjunto dos cursos da universidade. Diante disso, os alinhamentos e aproximações facilitariam um desdobramento necessário para o fortalecimento e construção de programas e projetos integrados às demandas advindas dos debates oriundos desse espaço.

Sendo assim, é compreensível que as abordagens concebidas para a execução desses fóruns, desde sua proposta inicial ao processo das reuniões, oficinas e mobilizações, se pautam em uma educação dialógica, inspirada nas proposições de Paulo Freire, que enfatiza a comunicação autêntica e a construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, os fóruns de extensão da Uneal despontam como uma poderosa ferramenta pedagógica, na qual a diversidade cultural e social exige práticas educacionais inclusivas e participativas. A extensão universitária é o eixo acadêmico diretamente ligado ao diálogo com a sociedade, assim sendo, a construção coletiva de ações extensionistas emerge como uma prática necessária para o diálogo entre universidade e sociedade.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DIRETRIZES E IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

A extensão universitária é um dos pilares fundamentais das instituições de ensino superior no Brasil, junto ao ensino e à pesquisa. No âmbito da Política Nacional de Extensão Universitária – PNEU (FORPROEX, 2012), instituída pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), a extensão é concebida como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa, promovendo uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

É possível dizer que a extensão transcende a transmissão de saberes, buscando integrar o conhecimento acadêmico às necessidades reais das comunidades. A PNEU estabelece que a extensão universitária deve estar pautada por princípios como a interdisciplinaridade, a indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, a relação dialógica com a sociedade e a contribuição para o desenvolvimento sustentável e socialmente justo. Essas diretrizes garantem que as ações extensionistas não sejam apenas complementares, mas parte central do compromisso da universidade com a transformação social.

A partir da Resolução CNE/CES n.º 7/2018, do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2018), a curricularização da extensão tornou-se obrigatória nas instituições de ensino superior do Brasil, exigindo que ao menos 10% da carga horária total dos cursos de graduação seja dedicada a atividades extensionistas. Essa medida visa garantir



que a extensão seja integrada à formação dos estudantes, promovendo uma experiência acadêmica que contemple a diversidade cultural e os desafios sociais do país.

O desafio, entretanto, reside na necessidade de fortalecer as estruturas institucionais para a implementação dessa integração. Isso inclui a formação de equipes docentes preparadas para orientar projetos extensionistas, a criação de políticas de incentivo e a consolidação de parcerias com os diversos setores da sociedade. A curricularização não deve ser apenas uma formalidade, mas um movimento de transformação que reforce o papel social da universidade. Com isso, temos a necessidade de um olhar mais abrangente para a realização de atividades das universidades junto à sociedade civil, o que implica, inclusive, em pensar a fomentação da extensão, para que as ações extensionistas sejam efetivas em suas execuções.

A extensão universitária, ao articular o ensino e a pesquisa com as necessidades da sociedade, é um instrumento indispensável para que a universidade brasileira cumpra seu papel como promotora de desenvolvimento social, cultural e econômico. A curricularização da extensão, enquanto oportunidade de integração acadêmica e comunitária, demanda um esforço conjunto de instituições, gestores e docentes. Assim sendo, fortalecer a extensão não é apenas uma questão de cumprimento normativo, mas de consolidação de uma universidade que atue como um vetor de transformação e inclusão.

Segundo Gadotti (2017), para Freire, a extensão tem sido entendida como transmissão, transferência, invasão e



não como comunicação, como coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer. Diz Freire (1977, p. 22):

O termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase ‘coisa’, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações.

Os seres humanos são seres essencialmente comunicativos. Impedir a comunicação é reduzir o ser humano à condição de coisa, de objeto, de sujeito sujeitado.

O FÓRUM COMO PRÁTICA METODOLÓGICA DE DIÁLOGO E ARTICULAÇÃO

O primeiro Fórum de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL, ocorreu nos seus seis *campi*, no ano de 2023. O primeiro fórum ocorreu no dia 16 de agosto de 2023, sediado no *campus* I — Arapiraca, em seguida para os demais *campi* da Uneal. Reuniu ao todo cerca de 1.500 pessoas, entre representantes docentes e discentes da referida universidade, bem como membros da comunidade externa, como movimentos sociais, representantes do poder público, organizações não-governamentais e conse-



lhos, sob coordenação da Pró-reitoria de Extensão e com uma equipe de preparação coordenada por um colegiado de representantes em cada território. Esse encontro teve como objetivos principais: propor, debater e refletir acerca de soluções e alternativas que possam atender à comunidade civil — acadêmica e externa — por meio de propostas extensionistas desenvolvidas na Universidade.

Norteados pelas diretrizes do Plano Nacional de Extensão, o Fórum é um espaço político-pedagógico de diálogo crítico e criativo, de uma escuta transformadora e acolhimento de proposições da Comunidade Universitária e da Sociedade para desenvolvimento de políticas de Extensão, Cultura e Cidadania. Conforme a Política Nacional de Extensão Universitária do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FOR-PROEX), a Extensão viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Isso implica dizer que as ações desenvolvidas pela Extensão devem integrar de maneira dialógica os saberes acadêmicos, científicos, culturais e populares em todos os níveis, no intuito de construir soluções aos grandes problemas da Sociedade Brasileira.

O Fórum de Extensão do Campus desenvolveu seus trabalhos a partir das linhas temáticas, a partir dos projetos e programas de extensão desenvolvidos por professores do Campus, organizados por Grupos temáticos para fins de apresentação das demandas e propostas extensionistas de cada grupo de trabalho.



PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO DOS FÓRUNS

A extensão universitária é um dos pilares da indissociabilidade do ensino e da pesquisa, conforme o artigo 207 da Constituição Federal do Brasil. Nesse sentido, é importante ressaltar a sua natureza de ordem política, pedagógica e filosófica, articulada a uma *práxis* educativa da ação-reflexão-ação, bem como pautada nos princípios da horizontalidade dos saberes, da formação processual, da interação dialógica e da relação universidade e sociedade.

Imagem 1 - Participantes do Fórum de Extensão em Santana do Ipanema- outubro (2023)



Fonte: Acervo pessoal.

Sendo assim, é relevante afirmar o lugar e o papel de atuação da extensão no conjunto das instituições de ensino superior no Brasil, que se categoriza e colabora para a efetividade de uma Universidade equitativa, participativa, atuante e socialmente comprometida com os problemas sociais.

No entanto, apesar de toda a sua importância no processo de formação cidadã ao longo da história, é importante percebemos ainda a ausência de uma extensão efetiva nos componentes curriculares e nos projetos políticos de curso, resultando em uma série de lacunas de ordem estrutural e do reconhecimento de sua importância no conjunto das políticas de assistência e financiamento.

Por isso, a realização dos fóruns de extensão é uma estratégia metodológica de mapeamento, diagnóstico, construção participativa e coletiva de diversos segmentos da sociedade e dos envolvidos na Uneal (docentes, técnicos, estudantes), visando uma universidade popular e participativa.

Em termos de metodologia e execução, os fóruns ocorreram com diversos grupos de trabalho ou eixos temáticos, nos quais se discutiam temas que se associavam às áreas de abrangência dos projetos coordenados pelos professores da Uneal, como outros temas sociais, a exemplo de prática jurídica, pessoa idosa, criança e adolescente, políticas públicas, línguas estrangeiras, gênero e sexualidade, questões étnicas raciais, apicultura, dentre outros.

Para Freire (1986, p. 28),

A ação de extensão se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale



dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão, o conceito de extensão também não tem sentido do ponto de vista humanista. E não de um humanismo abstrato, mas concreto, científico.

Ressaltamos a partir dessa afirmação de Freire, que a aprendizagem está interligada a uma ação social continuamente, de forma processual, ao mesmo tempo em que leva os envolvidos a se engajarem e a refletirem sobre suas ações e comportamentos, no confronto com o outro, suas culturas, seus territórios, realizando, assim, uma troca, ou seja, uma interação participativa em que os saberes são trocados, discutidos e democratizados nos espaços de participação.

Durante as oficinas de preparação para a construção dos fóruns, destacamos pontos cruciais e importantes para alinhamento e direcionamento, tais como: mapeamento e diagnóstico das organizações da sociedade civil local (Ongs, Associações, cooperativas, sindicatos, movimentos sociais); poder público local; mobilização interna do corpo docente, representação estudantil, técnico-administrativos; garantir a construção da programação de maneira coletiva (relação universidade e sociedade); garantir a representação de diversidade de organizações e mapeamento dos principais projetos de extensão executados no Campus.

Nesse sentido, o trabalho realizado remete ao que afirma Freire (1986), que a extensão deve ser um ato de coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer. Assim,



também nos remetemos à ideia de Santos-Júnior (2013) de que a extensão é a troca de saberes acadêmico e popular, a qual deve influenciar o ensino e a pesquisa e não ficar isolada deles, da universidade como um todo, bem como dos anseios da sociedade.

Nesse sentido, a função da PROEXT na preparação dos fóruns seria de acompanhar e sensibilizar a comunidade acadêmica sobre a importância de realização dos fóruns como espaço de participação social e instrumento de diálogo dentro e fora dos muros; apoiar a decisão coletiva dos representantes envolvidos; dar suporte técnico, pedagógico e de materiais para a realização do fórum e sistematizar material que servirá de documento base.

A função dos campi da Uneal seria de mobilizar a sociedade civil local para a participação e construção dos fóruns; realização do Fórum em um dia ou dois turnos (a depender de cada realidade); fornecer estrutura para a realização; diálogo constante com a Pró-reitoria de extensão; selecionar monitores para suporte no dia da realização do fórum; apoiar a realização do evento, levando em consideração as especificidades e demandas locais.



Imagem 2 - Realização de discussões em Grupo de trabalho (2023)



Fonte: Acervo pessoal.

PROPOSIÇÕES E ENCAMINHAMENTOS DOS FÓRUNS

A partir dos eixos temáticos e dos grupos de trabalho, foram construídas propostas em seus mais diferentes temas e direcionamentos, desde a discussão da infância e adolescência até Educação e políticas públicas. Os direcionamentos contribuiriam para a sustentação de grandes programas e projetos coordenados pelos docentes da instituição e assim fortaleceriam o trabalho de inserção curricular nos projetos de curso.

Nesse sentido, vale ressaltar que as proposições partiram de um diálogo participativo e horizontal, essa construção alinha-se às diretrizes e princípios da política nacional de extensão, num viés da interação dialógica e interdisciplinaridade.

No caminho da interdisciplinaridade, trazemos o exemplo do GT: Educação, Cidadania e Cultura do campus 6 em Maceió, que alinhou as discussões a partir da formação humana e do compromisso de todos com o esclarecimento, a formação e a prática da Cidadania, bem como o desenvolvimento e promoção da Cultura. Podemos entender Cidadania como o conjunto de direitos e obrigações que cada cidadão tem, enquanto presença no mundo, presença com os outros e presença para si, com a sociedade na qual vive e com o Estado. Cultura reflete o que o homem faz de si e de seu mundo, o que pensa e faz, e se materializa na formação do homem, no seu melhoramento constante, cultivados e efetivados no conjunto dos modos de viver e pensar.

A educação, que pressupõe concepções do ser humano e da sociedade, é o fio que alinhava os três conceitos e permite à sociedade evoluir. Assim, considerando os cursos de Administração Pública, Direito e Física ofertados no Campus, é possível propor ideias de consultoria, projetos de captação de recursos, práticas de atuação cidadã e estímulo e valorização da Educação que possam contribuir para o desenvolvimento de propostas que sedimentem Cidadania e Cultura alicerçadas pela Educação, em conjunto com outras instituições, grupos e/ou associações.

A partir dessa temática, as proposições sugeridas foram: fortalecer as ações de esporte nas comunidades



do entorno; fortalecer o associativismo das comunidades por meio de cursos e formação para fortalecimento das organizações e suas capacidades de gestão e produção criativa; realizar atividades formativas sobre prevenção às diversas formas de violência contra crianças; realizar ações com escolas do entorno para trabalhar na orientação sobre sexualidade e gravidez precoce, protagonismo juvenil e fortalecimento das organizações de jovens nas escolas (formação política); intervenções políticas para viabilizar melhorias em serviços públicos como atendimento de jovens em conflito com a lei, creches, acessos e mobilidade, escolas comunitárias, espaços de utilização pública por meio de audiências públicas e reuniões; desenvolver e apoiar ações para fortalecimento de vínculos familiares; realizar ações e campanhas visando combater a evasão escolar; desenvolver projetos em parceria com instituições locais (Sesc-Senac-PRT, Sebrae, MP), visando desenvolvimento de ações para preparação de jovens para inserção no mercado de trabalho; apoiar ações dos diversos movimentos culturais locais e garantir a utilização de espaços públicos para sua realização; desenvolver ações e campanhas de prevenção da violência contra a pessoa idosa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das descrições trazidas, e apesar de todo esforço e movimento de construção, vemos dificuldades para a execução mais efetiva de atividades curriculares de

extensão, isso porque nossos cursos de licenciatura, em sua maioria, são ofertados no período noturno.

Vale ressaltar que o lugar conceitual da extensão ainda possui limites por parte da comunidade acadêmica, pois a exigência da Resolução normativa 07/2018 impulsiona um movimento mais amplo que herda em nossas formações acadêmicas e trajetórias profissionais uma profunda ausência de práticas extensionistas no conjunto da Universidade.

Com a metodologia e a experiência da realização dos fóruns de extensão, vemos a importância de pensar as diretrizes de nossa política de gestão na extensão alinhada ao conjunto do tripé entre o ensino e a pesquisa, bem como de forma metodológica garantir elementos que norteiam o fazer extensionista, como a interação dialógica e participativa, o diálogo entre diferentes saberes a partir de diversos atores sociais, como também fortalecer e imprimir os programas de extensão sob o foco das grandes áreas temáticas da extensão, relacionadas às demandas dos territórios onde a Unesp se insere, e assim cumprir sua função social em dar respostas de impacto à sociedade.

Os fóruns como espaços de aprendizagem também favoreceram a importância de garantia do protagonismo estudantil, visando a profissionalização, sob um viés emancipatório, social, humano, equitativo, com justiça e cidadania plena.

Desse modo, compreendemos que o exercício de uma universidade pública de qualidade e socialmente comprometida com as demandas, se dá no contorno da natureza de



execução alinhada ao modo de sua realização e criação de espaços que favoreçam a interação, a democratização dos saberes, a escuta ativa e a comunicação.

Como desdobramentos dos fóruns podemos destacar importantes ações que culminaram em relevantes atividades, a exemplo da abertura do curso de pós-graduação *latu senso* em Gestão de cooperativas, com o intuito de fortalecer o empreendedorismo e o cooperativismo e fornecer auxílio formativo, numa relação entre a pesquisa e a extensão. O outro importante desdobramento foi o surgimento do Núcleo de estudos afro-brasileiros, em União dos Palmares e conseqüentemente a iniciativa de submissão ao curso de licenciatura quilombola, sob a coordenação geral da professora Adriana Rocely, que afirma a importância da realização do fórum “como a mola propulsora que aproximou a Universidade da comunidade local, podendo atender as demandas locais e na importância de afroreferencializar o currículo”.

Nesse sentido, cabe ressaltar que os fóruns foram sobretudo, estratégia de articulação e sensibilização para a aproximação da Uneal com diversos atores da sociedade local, no sentido de compreensão do território, de ouvir as demandas, como também de repensar os projetos e programas e a política de gestão da extensão a partir dos seus desdobramentos.

Importante ainda compreendermos que o papel da Proext nessa caminhada junto a gestão da extensão na Uneal, tem sido cada vez mais de animar, de articular e oferecer subsídios e informações necessárias para o con-



junto da comunidade acadêmica compreender a natureza da extensão e suas diretrizes, no sentido de empreender esforços nos percursos metodológicos de imprimir a interação dialógica, de garantir a participação da comunidade local, e poder público, e sobretudo incluir os estudantes nas atividades executando as ações e entendendo que a extensão na inserção curricular é o “coração que move” a vida da universidade, tornando-a mais participativa, com qualidade e comprometida com a sociedade, no sentido de dar respostas que vão de encontro com as demandas locais e do território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília –DF, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 08 dez. 2024.

BRASIL. **Resolução nº. 7, de 7 de dez. de 2018**: estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regimenta o disposto na meta 12.7 da lei nº. 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências; 2018a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 08 dez. 2024.

FORPROEX. FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS.




Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus/AM: FORPROEX, 2012.

FREIRE, Paulo, 1977. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **A extensão Universitária e os entre-laços de saberes.** 2013. 265 f. Tese de Doutorado. (Doutorado em Educação). – Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação. Salvador: UFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17554/1/A%20EXTENS%C3%83O%20UNIVERSIT%C3%81RIA%20E%20OS%20ENTRE-LA%C3%87OS%20DOS%20SABERES.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2024.





12. TRAJETÓRIA INTERINSTITUCIONAL DE IMPLANTAÇÃO DA FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR SOBRE EQUIDADE NO TRABALHO EM SAÚDE

Ana Lydia Vasco de Albuquerque Peixoto
<https://orcid.org/0000-0002-3893-0591>
E-mail: analydia.peixoto@uneal.edu.br

Maria Lucélia da Hora Sales
<https://orcid.org/0000-0001-9697-8211>
E-mail: maria.sales@uncisal.edu.br

Maria Margareth Ferreira Tavares
<https://orcid.org/0009-0003-8366-6640>
E-mail: margareth.tavares@uncisal.edu.br



INTRODUÇÃO

O Programa de Educação pelo trabalho na saúde (PET SAÚDE) integra o conjunto de iniciativas indutoras da formação profissional, no contexto da integração ensino-serviço, fortalecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), no tocante à prioridade da formação para o Sistema Único de Saúde (SUS), contando com a colaboração de docentes, dis-

centes e preceptores dos serviços, para melhorar as práticas em serviço e para estimular a reflexão sobre o cotidiano de suas práticas e a necessidade de reestruturação dos processos de trabalho a partir dos aprendizados compartilhados.

A Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) conta com vasta experiência em ações voltadas à temática do PET Saúde e vem, desde 2007, buscando a superação da visão fragmentada da organização curricular, participando efetivamente das políticas indutoras da formação, a exemplo do PET Saúde, desde a sua primeira versão, permitindo assim, a integração e flexibilização dos currículos, incluindo ações que possibilitam a dinamicidade do processo de formação interprofissional. Em 2015, o programa foi redesenhado, tendo o seu foco direcionado a mudança curricular (Brinco; França, Magnago, 2022).

Nesse sentido, a UNCISAL aderiu ao Edital da SGTES/MS n.º 11, de 16 de novembro de 2023, para submissão de proposta para a seleção do PET Saúde, na sua 11ª edição, com foco na Equidade, contemplando no projeto a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e estabelecendo uma parceria importante, a qual incorporou os cursos de graduação na área de Ciências Humanas, na modalidade presencial. O PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL conta com estudantes dos cursos de saúde ofertados pela UNCISAL (Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Terapia Ocupacional) e de Ciências Sociais ofertados pelo *Campus VI* da UNEAL (Administração Pública e Direito).

O foco do PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, conforme as diretrizes do Brasil (2023), é a valorização das



trabalhadoras e futuras trabalhadoras no SUS na perspectiva da equidade, contemplando iniciativas para o desenvolvimento da docência e preceptoria nesta temática, considerando três eixos de Intervenção a saber: eixo valorização das trabalhadoras e futuras trabalhadoras no âmbito do SUS, gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia, deficiências e as interseccionalidades no trabalho na saúde; eixo valorização das trabalhadoras e futuras trabalhadoras no âmbito do SUS, saúde mental e as violências relacionadas ao trabalho na saúde; e eixo acolhimento e valorização às trabalhadoras e trabalhadores e futuras trabalhadoras e trabalhadores da saúde no processo de maternagem, acolhimento e valorização de mulheres, homens trans e outras pessoas que gestam (Brasil, 2023).

O referido projeto busca otimizar o encontro de saberes e práticas entre as instituições estaduais públicas, que assumiram o propósito de desenvolverem ações integradas voltadas à abordagem da equidade de gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e pessoas com deficiência em consonância com os marcos histórico-legais essenciais para o alcance da equidade de gênero e raça na sociedade e nas instituições, a saber: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (1965), Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Cedaw) (1979), Constituição Federal (CF) de 1988, o Estatuto da Igualdade Racial (2010), sinalizando o quão significativas e norteado-



ras devem ser essas temáticas no contexto da formação e do cotidiano das práticas.

O presente estudo visa discorrer sobre a “Trajetória interinstitucional de implantação da formação interdisciplinar sobre equidade no trabalho em saúde”, tomando como referência o conceito ampliado de saúde que fundamenta, assim, um sistema de saúde baseado também no princípio da equidade. O SUS encontra-se alicerçado na organização dos serviços de saúde de forma que atenda à população de maneira eficaz, mediante recursos humanos qualificados para o desenvolvimento dos processos de cuidados e prestação de serviços (Dal Poz; Pierantoni; Girardi, 2013), “garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação” (Brasil, 1988).



AS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NO PET SAÚDE EQUIDADE UNCISAL/UNEAL

A UNCISAL e a UNEAL, são autarquias estaduais sem fins lucrativos, com autonomia didático-científica, cuja missão é “Desenvolver atividades interrelacionadas e interdisciplinares de ensino, pesquisa, extensão e assistência, produzindo e socializando conhecimento, contribuindo para a formação de profissionais aptos a implementar e gerir ações que promovam o desenvolvimento sustentável, atendendo às demandas do Estado de Alagoas”.

Os diversos cursos ofertados pela UNCISAL têm abordado em seus programas e projetos de extensão a temática Equidade, a exemplo de: Programa (R)Existir, composto pelos projetos Diversidade em Ação; Prevenção de Violência nas Escolas e Formação de Profissionais em Políticas de Saúde; o Projeto de Extensão Juventudes, redes de suporte e cidadania; e o programa de extensão PET Cuidados - desenvolvido nas comunidades com o olhar na Vigilância em Saúde e na Educação Permanente em Saúde, vem desenvolvendo ações nos diferentes níveis de complexidade dos equipamentos de saúde, com a ampliação e indução de mudanças no ensino-serviço no contexto da temática de equidade de gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia, deficiências e as Interseccionalidades, com os atores envolvidos.

Por outro lado, a UNEAL, preocupada com o impacto que a vida moderna tem provocado à saúde da população e alinhada às políticas públicas, tem desenvolvido o projeto de extensão CONECTAR SUS, no interior dos serviços de saúde, que busca contribuir para a redução dos níveis de estresse e de ansiedade dos e das profissionais da saúde no âmbito do SUS.

As proponentes, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do município de Maceió, apresentam a proposta para o PET-Saúde Equidade, visto que desponta como política indutora da formação, articulado com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde que impactarão positivamente no processo formativo, uma vez que reflete sobre as políticas, programas e ações, permitin-



do o repensar da formação profissional e a promoção de mudanças no processo ensino-aprendizagem.

A política pública objetiva consolidar o papel constitucional do SUS enquanto ordenador da formação e preparar profissionais para o adequado enfrentamento das diferentes realidades de vida e de necessidades no que tange à saúde da população (Brasil, 2008). Nesse contexto, Farias-Santos e Noro (2017) apontam ainda para uma maior aproximação entre a academia e os espaços de aprendizagem, promovendo maior responsabilização para o fortalecimento de ações que possam impactar no perfil sanitário e no perfil dos futuros trabalhadores e trabalhadoras do SUS. É válido ressaltar que muitos foram os avanços observados, especialmente no que se refere ao fomento da integração ensino-serviço, ao desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e ao aprofundamento dos conhecimentos em saúde pública pelos estudantes.



PET SAÚDE EQUIDADE COMO INDUTOR DE QUALIDADE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

As universidades estaduais de Alagoas, participantes da 11^a edição do PET Saúde têm se debruçado para a realização de ações voltadas às trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS, reafirmando seus compromissos com a equidade em saúde em seus processos formativos nos cenários de aprendizagem, considerando que o trabalho em equipe desponta como espaço para o exercício da equidade, pois de interação entre os atores sociais na

prática colaborativa do fazer profissional, que se configura na relação recíproca entre as diferentes áreas profissionais que atuam no SUS de um mesmo serviço e entre equipes de outros serviços e outros setores na lógica de redes (Peduzzi; Agreli, 2018).

Ceccim (2018) afirma que trabalhar em equipe, na perspectiva da interprofissionalidade, significa atuar com diferentes profissões/núcleos de saber cujos arranjos transitem colaborativamente entre áreas específicas, promovendo a qualificação das práticas. É no cerne do trabalho em equipe que se mantêm relações hierárquicas entre médicos e não-médicos e diferentes graus de subordinação, ao lado da flexibilidade da divisão de trabalho e da autonomia técnica com interdependência.

O desenvolvimento das ações previstas no PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, encontra-se em observância às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação, o PET Saúde Equidade, com destaque para a articulação com os Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) e, buscar-se-á o fomento de inovações na matriz curricular dos cursos envolvidos, visando implementar - de forma transversal nos eixos curriculares- a discussão sobre políticas públicas, intersetoriais, diferenças e minorias; a reestruturação dos processos de trabalho, através da Educação Permanente, tendo em vista a construção de ambiência adequada, voltada para o trabalho em equipe, a não violência, a equidade e a cultura de paz, buscando aproximar os saberes e fazeres articulados entre o ensino a pesquisa e extensão.



O projeto conta com cinco grupos tutoriais aprovados para a versão 2024-2026, formados por Tutores docentes das IES, preceptores trabalhadores(as) das unidades de saúde, e monitores discentes dos cursos de graduação da UNCISAL e da UNEAL, cujo formato inovador, expressa-se na articulação intersetorial e interinstitucional, integrando as ações compartilhadas dialogando com as necessidades identificadas junto as trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS.

A interação entre os cursos participantes do PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, revela-se como oportunidade desafiadora para integração interprofissional durante o processo formativo e para o fortalecimento dos princípios da equidade, universalidade e integralidade, valorizando as trabalhadoras e futuras trabalhadoras, considerando as políticas de Gênero, Identidade de Gênero, Sexualidade, Raça, Etnia, Deficiências e as Interseccionalidades no trabalho em saúde, no âmbito da saúde mental e das violências no processo de maternagem e acolhimento de mulheres homens trans e outras pessoas que gestam.

Ações para o nivelamento entre os membros têm sido realizadas; primeiramente, foi realizada uma imersão em um processo intenso de letramento, possibilitando maior empoderamento dos componentes do PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, para uma atuação mais assertiva nos espaços junto às trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS, consoante as necessidades identificadas, acompanhando e se apropriando, das ações desenvolvidas pelos diversos projetos de extensão desenvolvidos pelas Instituições proponentes, que dialogam com a política de equidade no



SUS a exemplo dos projetos: CONECTAR SUS, o programa PET Cuidados com o projeto de Vigilância e Tecnologias em Saúde-VIGTECS e demais ações planejadas para o projeto, fortalecendo as políticas indutoras da formação junto aos espaços acadêmicos na prática pedagógica cotidiana.

As atividades práticas, a serem desenvolvidas ao longo da vigência do PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, permitirão a ampliação do acesso na rede de serviços - em especial os serviços assistenciais e de apoio assistencial da UNCISAL, enquanto *locus* das práticas acadêmicas e cenários - para inserção das trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS, considerando a Equidade nesses serviços as discussões sobre estratégias de acolhimento para mães que precisam cuidar de filhos durante a jornada de trabalho; incentivo à promoção de saúde mental e valorização profissional por meio de práticas integrativas e complementares (PICs); comunicação e acesso à informação nos espaços acadêmicos e de saúde para a redução das iniquidades, contemplando temas relacionados ao princípio da equidade e diversidade sexual, étnico-racial e de gênero, encorajamento da cultura de paz no ambiente de trabalho e a articulação para a criação da plataforma EDUCA-UNCISAL, na modalidade de Educação a Distância (EaD), para oferta de cursos autoinstrucional voltados para a política de equidade no SUS.

Espera-se, contudo, que o PET-Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL, enquanto política indutora da formação, represente as instituições envolvidas, enquanto espaços permanentes de discussão e introdução das inovações na for-



mação profissional para o SUS, com a adoção de linguagem ética no ambiente do ensino e do serviço, no desenvolvimento de pesquisa e de projetos e programas de extensão no âmbito do SUS, por conseguinte, promovam a equidade - evitando termos machistas, racistas, xenofóbicos, misóginos, LGBTQIAPN+fóbicos, patriarcais e capacitistas no cotidiano das instituições.

CONTRIBUIÇÕES DO PET SAÚDE EQUIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DE ATUAÇÃO

O PET-Saúde apresenta um importante potencial nessa versão do ano 2024 com foco na Equidade, surgindo de modo desafiador bem como, o despertar para o fortalecimento das políticas de valorização de trabalhadores e futuras trabalhadoras do SUS, a fim de fortalecer a formação profissional em diferentes dimensões, alinhando ensino, pesquisa e extensão com as necessidades reais da comunidade acadêmica e uma valorosa contribuição para a creditação da extensão universitária.

A curricularização da extensão, conforme a Resolução n.º 7/2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE), é um processo que torna obrigatória a inclusão de atividades de extensão nos currículos de graduação e consiste na incorporação das atividades extensão aos currículos dos cursos de ensino superior, considerando prioritariamente as demandas sociais, ou seja, promove a aproximação entre a formação profissional e o compromisso da academia com



a sociedade, conforme preconiza o Art. 3 da Resolução CNE n.º 7/2018 (Brasil, 2018):

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

Desta forma, o PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL desponta com oportunidade potencializadora do processo da curricularização da extensão universitária de forma consensual, pedagógica e dialógica. O desenvolvimento desse programa reforça a atuação em territórios vulneráveis e a perenidade do mesmo por dois anos com a colaboração das instituições envolvidas – UNCISAL e UNEAL. Nesse sentido, dentre as contribuições do programa destacamos:

- **Integração ensino-serviço-comunidade:** O PET Saúde/Equidade aproxima os estudantes das realidades e necessidades das comunidades, promovendo vivências práticas e contextualizadas nos territórios. Essa integração facilita a articulação de conteúdos curriculares com práticas extensionistas, garantindo que a extensão seja um elemento central e fortalecendo o papel do estudante como protagonista da ação.



- **Abordagem interdisciplinar e interprofissional:** O programa incentiva a participação de estudantes e professores de diferentes áreas. No caso específico da UNCISAL e UNEAL, são cursos da área de saúde e humanas. Essa abordagem fortalece a formação integral dos alunos, valorizando a cooperação entre profissões e permitindo uma compreensão ampliada das questões de saúde e equidade através do letramento sobre a temática do programa.

- **Valorização de metodologias ativas:** A organização do programa incentiva as metodologias ativas de ensino, como pesquisa-ação e projetos de extensão no território, bem como atividades, homologadas às diretrizes da curricularização da extensão. Isso potencializa a aprendizagem dos alunos, vinculando teoria e prática de forma organizada e sistemática, levando tal prática para as trabalhadoras do SUS.

- **Fortalecimento da territorialização:** as ações do PET Saúde frequentemente ocorrem em territórios específicos, promovendo a organização distrital em parceria das universidades com os setores responsáveis. Essa territorialização é essencial para identificar demandas locais e desenvolver soluções colaborativas, integrando ensino e serviço como potencializador da educação permanente existente.

- **Produção de conhecimento e impacto social:** o PET Saúde/Equidade gera dados e evidências sobre os desafios enfrentados nos territórios, fomentando discussões acadêmicas e propondo soluções práticas. Esses resultados são incorporados ao ensino e podem ser utilizados nos ajustes dos currículos, na produção de produtos acadêmicos e científicos, promovendo uma formação conectada à reali-



dade de uma sociedade, que deve ter acesso as informações necessárias, promovendo uma saúde laboral das trabalhadoras do SUS.

- **Articulação com as diretrizes da extensão universitária:** o programa apoia o cumprimento da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelece a inclusão de no mínimo 10% da carga horária curricular em atividades de extensão nos cursos de graduação.

- **Fortalecimento da Curricularização da Extensão:** criação de projetos que articulem ensino, pesquisa e extensão, com impacto positivo tanto na formação acadêmica quanto na comunidade. Além do incentivo à construção do pensamento crítico e reflexivo acerca da Equidade e a valorização das trabalhadoras e futuras trabalhadoras do SUS através da revisão e atualização de currículos para incluir transversalmente a equidade na formação profissional dos cursos envolvidos.

- **Formação de Profissionais Sensíveis às Desigualdades:** capacitação de estudantes e docentes para atuar com sensibilidade em contextos marcados por desigualdades sociais e de saúde. E o desenvolvimento de competências interprofissionais, fundamentais para trabalhar em equipes multiprofissionais no SUS.

- **Impactos no Território:** diagnóstico e intervenção em problemas específicos da comunidade, promovendo melhorias concretas na qualidade de vida e nos serviços de saúde locais. E a valorização do saber comunitário e fortalecimento da autonomia das populações atendidas.



- **Integração Interinstitucional:** parcerias entre UNEAL, UNCISAL e SMS de Maceió para o desenvolvimento de projetos conjuntos, potencializando a troca de conhecimentos e recursos e a promoção de práticas extensionistas interdisciplinares, envolvendo diferentes áreas do saber, como saúde, educação e ciências sociais.

São exemplos de ações extensionistas realizadas pelos envolvidos no PET Saúde Equidade UNCISAL/UNEAL: a) Realização de campanhas educativas voltadas para grupos vulneráveis, como pessoas em situação de rua, LGBT-QIAPN+, além do combate às possíveis práticas sexistas e racistas; b) Capacitação de agentes comunitários de saúde e lideranças locais para identificar e lidar com determinantes sociais da saúde; c) Oficinas e atividades educativas sobre equidade em saúde externas para comunidades e serviços e d) Acompanhamento e avaliação das práticas realizadas, gerando dados para pesquisa e aprimoramento das práticas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o PET Saúde Equidade/2024, ao fortalecer a curricularização da extensão, contribua significativamente para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social, além de promover a integração efetiva das universidades com as necessidades e potencialidades do território, resultando em melhorias das condições de trabalho das trabalhadoras do SUS envolvidas nesse contexto laboral e promovendo uma possível transformação social e melhor formação profissional.

Ao longo da vigência do PET Saúde Equidade UN-CISAL/ UNEAL, espera-se que as atividades colaborativas previstas possam fomentar a construção de futuras profissionais do SUS, críticos e reflexivas, capazes de intervir na realidade em que estão inseridas de forma ética, cidadã e equânime. Nesse olhar, as universidades envolvidas estão mobilizando esforços no compromisso com a equidade em saúde em seus processos formativos e nos cenários de aprendizagem, fortalecendo a integração ensino-serviço e as políticas indutoras da formação no contexto da Equidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 nov 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Conselho Nacional de Educação (CNE) n.º 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n.º 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Publicada no DOU 20/12/2004, Seção 1, p. 29. Resolução CES/CNE 01/2006, publicada no DOU 19/12/2018, Seção 1, p. 49 e 50. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-r-ces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 nov 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Portaria Interministerial n.º 1.802, de 26 de agosto de 2008**. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde- PET-Saúde-



de. Brasília, DF: MS, 2008. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri1802_26_08_2008.html. Acesso em: 05 nov 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Edital SGTES/MS n.º 11, de 16 de setembro de 2023**. Seleção para o programa de educação pelo trabalho para a saúde. Brasília, DF: MS/SGTES. 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/edital-sgtes/ms-n-11-de-16-de-setembro-de-2023-523637034>. 2024. Acesso em: 15 nov 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. **Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de agosto de 2008**. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde. Diário Oficial da União. 27 Ago 2008.

BRINCO, R.; FRANÇA, T.; MAGNAGO, C. PET-Saúde/Interprofissionalidade e o desenvolvimento de mudanças curriculares e práticas colaborativa. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial 6, p. 55-69, 2022.

CECCIM, R. B. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1739-1749, 2018. <https://doi.org/10.1590/1807-57622018.0477>


DAL POZ, M. R.; PIERANTONI, C. R.; GIRARGI, S. **Formação, mercado de trabalho e regulação da força de trabalho em saúde no Brasil**. Rio de Janeiro, 2013.

FARIAS-SANTOS, B. C. S.; NORO, L. R. A. PET – Saúde como indutor da formação profissional para o Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 997-1004, 2017. . Disponível em: [https:// DOI: 10.1590/1413-81232017223.15822016](https://doi.org/10.1590/1413-81232017223.15822016). Acesso em: 12 nov 2024.



PEDUZZI, M.; AGRELI, H. F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**. Botucatu, v. 22, supl 2, p. 1525-34. 2018. Disponível em: [https:// DOI: 10.1590/1807-57622017.0827](https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0827). Acesso em: 12 nov 2024.





13. DIÁLOGOS QUE TRANSFORMAM: A EXPERIÊNCIA DE CRESCIMENTO PESSOAL NO GRUPO REFLEXIVO INCONFORMADES

Augusto Ferreira Ramos Filho

<https://orcid.org/0000-0001-8375-4024>

E-mail: augusto.filho@uneal.edu.br

Roberta Aguiar dos Santos

<https://orcid.org/0009-0003-5124-3061>

E-mail: roberta.santos.2023@alunos.uneal.edu.br

José França de Lima Neto

<https://orcid.org/0000-0001-9947-1440>

E-mail: jose.neto6@alunos.uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

Os grupos reflexivos têm se popularizado como estratégia de combate à violência e à igualdade de gênero. Muitas pessoas pesquisadoras têm se dedicado a compreender como as trocas em grupos podem gerar autoconhecimento e enfrentamento dos desafios nas relações sociais. Os estudos de Hatje, Magalhães e Ribeiro (2024) e Maurício e Hugill (2024) se dedicaram ao governo das estratégias para homens atores de violência. Por outra perspectiva, Luna

(2020) discorre sobre os grupos reflexivos como ferramenta de apoio ao luto.

Ainda que os grupos reflexivos podem explorar diferentes contextos como a escola, o trabalho, a comunidade, a vida adulta, é comum que as publicações sobre a temática se apoiem no debate de masculinidades tóxicas (Freitas & Maio, 2023), mas principalmente no que se refere ao constructo de violência (Estrela, 2019).

Um desses grupos reflexivos é o Memoh. A palavra Memoh é uma brincadeira com a palavra homem, escrita de trás para frente, sugerindo uma reconstrução do ser homem, refletindo como comportamentos e atitudes masculinas impactam as pessoas (Freitas & Maio, 2023).

Com base no Memoh nasce o projeto de extensão Inconformades vinculado à Universidade Estadual de Alagoas. O Inconformades é nomeado para representar pessoas inconformadas. Adotou-se a neutralidade da palavra com a letra “e” para incluir as pessoas de todos os gêneros. O Inconformades surge após a participação da primeira pessoa autora deste capítulo em um grupo reflexivo do Memoh.

O Inconformades é um local para pessoas LGBTQIAPN+ com o objetivo de promover a equidade de gênero, fazendo as pessoas refletirem sobre o modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade. Este é um relato de experiência sobre como o Inconformades tem contribuído para o empoderamento, autodescoberta e crescimento de seus participantes. Todas as pessoas autoras deste relato participaram como facilitadores no Inconformades.



O grupo se reúne quinzenalmente para debates sobre temas relacionados à vivência LGBTQIAPN+, propostos pelas pessoas participantes, denominadas líderes de rodas, e um caseiro(a), que organiza a dinâmica do debate e o acolhimento dos participantes. O grupo iniciou em setembro de 2023 e, no momento em que este relato é escrito, o Inconformades está em seu terceiro ciclo.

O Inconformades é um espaço de trocas e reflexões coletivas. Os encontros possibilitam que as pessoas possam falar de seus sentimentos e emoções. Segundo Sawaia (2017), a emoção é o fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal de conduta. Sentimento é a reação moderada de prazer e desprazer. O projeto Inconformades compreende que falar das emoções e sentimentos com outras pessoas é transformador por si só.

É importante destacar que o Inconformades, assim como o Memoh, não se configura como um espaço terapêutico. Segundo o guia prático da metodologia Memoh (2024, p.7), os grupos reflexivos são “espaços de troca e uma ferramenta para a transformação social”. O referido documento estabelece que os grupos reflexivos não são terapias em grupo, perspectivas mito-poéticas (sagrado ou religioso) ou uma ferramenta de melhoramento de si. O Inconformades adota esses pressupostos.

A dinâmica da roda de conversa é simples. Um grupo de até vinte pessoas interessadas é recrutado por meio de formulário eletrônico. Após a definição das pessoas participantes, dez encontros quinzenais acontecem em até seis



meses. Em quase todos os encontros, há a figura do líder da rodada, pessoa participante do grupo responsável pela temática, incômodo ou inquietação que será trazido para o grupo. Nesse sentido, as pessoas no Inconformades falam em primeira pessoa, ou seja, expressam seus sentimentos e emoções sobre os temas dos encontros a partir de suas experiências e perspectivas. Não é encorajado se falar sobre questões de pessoas fora do grupo, preservando o sigilo das histórias narradas nos encontros.

Ao final de cada encontro, uma prática é acordada com os participantes. As práticas servem como continuação da reflexão e devem ser aplicáveis ao dia-a-dia, provocar reflexão e estar relacionada à temática trabalhada em cada encontro. A prática permite que as pessoas vivenciem as reflexões realizadas nos encontros. No entanto, não há obrigatoriedade da realização das práticas ou acompanhamento por parte dos caseiros do grupo. A decisão de realizá-las é da pessoa participante.

O Inconformades adota alguns acordos de convivência baseados no Memoh que resumem a proposta do projeto. No momento, existem sete acordos, a saber: 1 - Você pode falar sobre os Inconformades com quem quiser, mas as histórias são particulares e pedimos discrição; 2 - Se alguém não quiser se manifestar, a pessoa não será forçada a nada; 3 - Sem álcool, sem drogas. Todos conscientes do que falam e escutam; 4 - Não seja “palestrinha”: interaja com as outras falas a partir de suas experiências; 5 - As falam duram o tempo que for necessário, mas não deixe de aproveitar a oportunidade de ouvir; 6 - O grupo se coloca como espaço



de debate e acolhimento com opiniões diversas e respeitadas, pautando para além da visão heterocisnormativa; 7 - O grupo é responsável pelo que acontece no grupo. Todos são responsáveis pela manutenção dos acordos.

O Inconformades questiona a heteronormatividade e a binaridade de gênero e reconhece a multiplicidade de identidades e as opressões que afetam as pessoas LGBTQIAPN+ a partir de suas interações e sobreposições na sociedade, assim como se baseia na pedagogia da libertação (Freire, 2018) que evidencia a importância do diálogo e da reflexão crítica para a transformação social e pessoal. Através de interações, debates e apoio mútuo, o grupo busca criar um espaço seguro para que as pessoas participantes possam expressar seus sentimentos e emoções.

Acreditamos que esta reflexão sobre o Inconformades é relevante por dar voz a pessoas não normativas, assim como contribui para a pluralidade e possibilidades de vivências humanas. Neste sentido, esperamos que a leitura deste texto inspire a formação de outros grupos reflexivos que abordem não apenas as questões de gênero e sexualidade, mas que alcance a interseccionalidade com pessoas negras, vivendo com deficiência, classe social, assim como os desafios de pessoas idosas. Este capítulo abordará a experiência pessoal e subjetiva das pessoas autoras.



A EXPERIÊNCIA DE COMPARTILHAR HISTÓRIAS E CONSTRUIR UM ESPAÇO SEGURO EM UM GRUPO REFLEXIVO

Ao iniciar minha participação no primeiro ciclo do Inconformades, vivi uma experiência bastante diferente daquilo a que estava acostumada. Sou uma pessoa que, normalmente, evita falar sobre o que estou sentindo ou o que me incomoda, e muito menos expor minhas vulnerabilidades diante de outras pessoas. Por isso, no primeiro dia, senti receio de falar sobre mim mesma, de não me dar bem com os outros participantes e, sobretudo, o medo de me sentir vulnerável. No entanto, ao longo dos encontros, passei a compreender o poder de um grupo reflexivo. Aos poucos, perdi o medo de compartilhar minhas experiências traumáticas, pois as pessoas presentes me acolheram de forma genuína e empática, o que fez com que eu começasse a esperar os encontros seguintes.

Durante os encontros, deparei-me com histórias delicadas e, em muitas delas, me reconheci. O Inconformades representou um divisor de águas para mim, pois comecei a lidar de maneira mais saudável com meus sentimentos e a expressá-los de forma mais aberta. Além disso, houve uma mudança significativa no modo como passei a agir comigo mesma e com as pessoas ao meu redor.

Quando fui líder de rodada pela primeira vez, trouxe o tema “Eu saí do armário. E agora? Será que vou ser aceita(o)?” Nesse dia, chorei profundamente, chorei para aliviar a alma e curar as feridas que, muitas vezes, somente as pes-



soas LGBTQIAPN+ conhecem e vivenciam. Esse momento de vulnerabilidade me levou a uma reflexão mais profunda, que me guiou de volta ao meu próprio processo de sair do armário. Ao propor essa temática, percebi que o tema abordado foi um dos que mais gerou um espaço de acolhimento, permitindo que muitas pessoas se sentissem seguras e à vontade para compartilhar suas experiências. Ouvimos uma grande diversidade de relatos, todos carregados de histórias intensas e significativas.

A partir desse dia, passei a perder o medo de chorar na frente dos outros. Entendi que sou maior do que as dores e feridas que a sociedade me impõe, e isso me proporcionou a evolução do meu emocional. Aos poucos, fui me expressando com mais liberdade, refletindo sobre como a sociedade, de maneira geral, submete as pessoas LGBTQIAPN+ a uma realidade de marginalização e discriminação.

No segundo ciclo do Inconformades, algumas pessoas permaneceram, outras se afastaram, e novos participantes ingressaram. Nesse ciclo, optei por adotar uma postura mais atenta, ouvindo mais as histórias dos outros participantes. Trabalhei minha capacidade de escuta ativa e busquei compreender com mais empatia a realidade de cada um. Nesse processo, percebi que uma nova habilidade estava surgindo em mim: a capacidade de ouvir realmente o outro, não apenas com os ouvidos, mas com o coração, buscando entender as experiências e as dores de quem estava ao meu redor.

No terceiro ciclo do Inconformades, que está em andamento, além de participar como membro do grupo,



estou tendo a oportunidade de atuar como caseira, função que divido com outras duas pessoas. As tarefas são distribuídas para facilitar a dinâmica e a organização do grupo. Ser caseira é uma atividade que exige dedicação extra, pois envolve não apenas a manutenção do ambiente acolhedor e limpo, mas também a elaboração de *slides* com a apresentação do tema do encontro, o envio do tema para o grupo no *WhatsApp* e o envio de um questionário eletrônico ao final de cada encontro. Esse questionário pretende avaliar o andamento do grupo, identificar se todos os participantes estão se sentindo integrados e perceber possíveis necessidades de ajustes.

Embora a função caseira demande tempo e organização pessoal, o trabalho é amplamente recompensado ao observar que o grupo está em sintonia. Ao final de cada encontro, há momentos de conversa e de maior aproximação entre os participantes, o que facilita o processo de autoconhecimento e fortalecimento dos vínculos. Apesar das demandas que essa função impõe, ela é gratificante.

É importante estar em um ambiente seguro e acolhedor para pessoas LGBTQIAPN+, como eu, o que considero uma grande vitória. Muitos de nós enfrentamos dificuldades em compartilhar as situações que nos incomodam, seja devido à falta de apoio familiar, como a rejeição de nossos pais, seja por meio da heteronormatividade presente em diversos contextos, como na universidade ou na sociedade de maneira geral. A experiência no Inconformades me ajudou a compreender a importância da empatia e da troca de experiências em um ambiente de acolhimento e respeito mútuo.



Notei um crescimento pessoal significativo, embora delicado, ao longo desse processo. Aprendi a respeitar mais o meu espaço pessoal, a compreender minhas limitações e a evitar situações que conflitem com meus princípios e minha identidade. Ter um espaço como esse dentro da universidade fortaleceu minha postura e me ensinou a ser mais assertiva em minhas escolhas e vivências. Esse ambiente me proporcionou a oportunidade de me desvincular gradualmente de certos espaços heteronormativos — nem todos, mas hoje faço um esforço consciente para evitá-los ao máximo.

Estar em um grupo reflexivo, como o Informandes, permitiu-me olhar para mim mesma de maneira mais profunda, reconhecer minhas próprias necessidades e me acolher de forma mais plena. Essa experiência continua a contribuir para meu desenvolvimento pessoal, tornando-me uma pessoa mais consciente e capaz de lidar de maneira mais autêntica com as complexidades da minha identidade e das relações sociais.

Como costumamos dizer no Inconformades, falar sobre emoções com outras pessoas LGBTQIAPN+ é, por si só, uma experiência transformadora. Acompanhar os primeiros passos do grupo até hoje tem sido uma vivência única, pois cada ciclo traz consigo participantes com peculiaridades e personalidades diferentes, enriquecendo ainda mais a dinâmica do grupo como um todo.

Se mostrar vulnerável perante as pessoas, majoritariamente desconhecidas, pode ser desafiador para os participantes. No início de cada ciclo, era perceptível que



muitos membros demonstravam resistência nos momentos de compartilhar suas dificuldades, mas com o passar dos encontros, passaram a interagir e partilhar suas vivências com maior naturalidade.

Essa dificuldade inicial, muitas vezes, refletia os impactos de vivências anteriores marcadas por julgamentos, silenciamento ou falta de acolhimento. No entanto, com o tempo e a construção de confiança no grupo, foi possível observar uma transformação: os participantes passaram a se sentir mais seguros para compartilhar suas histórias e emoções, fortalecendo o propósito do Inconformades como um espaço de acolhimento e reflexão.

Em muitos momentos no grupo, tive bastante dificuldade para compartilhar minhas vivências, especialmente durante o primeiro ciclo, quando estava como líder de rodada. Contudo, o apoio e o acolhimento dos membros foram fundamentais para me ajudar nesse processo. Muitas vezes, é um caminho doloroso, pois nos recusamos a revisitar certas memórias devido ao medo, um medo de reviver angústias que, diariamente, tentamos apagar ou evitar. Ainda assim, percebi que esse enfrentamento, apesar de desafiador, é essencial para a superação e para o fortalecimento coletivo dentro do grupo.

Reviver dores antigas não é fácil, mas percebi que durante esses três ciclos que estou participando, que muitas vezes, é um passo necessário para curá-las. Também, por meio do compartilhamento, temos a construção de um espaço mais empático e significativo, tanto para mim quanto para os



outros integrantes do grupo. Essa troca e suporte mútuo demonstram a força coletiva que o Inconformades proporciona.

A EXPERIÊNCIA DE UM HOMEM CIS GAY EM UM GRUPO REFLEXIVO LGBTQIAPN+

O meu primeiro contato com um grupo reflexivo ocorreu por meio do Inconformades, um espaço extremamente distinto daquele que experimentei na universidade, por vezes um ambiente hostil e excludente para pessoas LGBTQIAPN+. No grupo, ao contrário, temos um espaço seguro, onde os participantes podem compartilhar, processar e validar suas experiências sem o receio de julgamentos.

Costumamos chamar os participantes do grupo de pessoas incomodadas. Ao refletir sobre o significado desta denominação no meu primeiro contato, compreendi que esse sentimento de incômodo está intrinsecamente ligado às vivências LGBTQIAPN+, especialmente no contexto *gay*. Essas vivências frequentemente se caracterizam pela complexidade e por traumas diversos que, em muitas situações, buscamos apenas reprimir ou silenciar.

Nesse processo, consegui entender que as vivências da comunidade LGBTQIAPN+ estão interligadas. Nossos traumas, medos e anseios estão sempre se cruzando, o que ampliou a minha visão de um homem cis, gay, magro, branco e por vezes bastante afeminado. Compreendi outras pautas para além da minha experiência que, por vezes no grupo ouvindo as outras vivências, consegui compreender as particularidades das outras siglas da comunidade, entendendo



que cada uma era diferente da outra, mas que em certo ponto todas se interseccionam para um ponto comum: a heteronormatividade compulsória imposta pela sociedade.

O espaço promovido no grupo Inconformades é um ambiente de compartilhamento onde seus integrantes externalizam e ressignificam suas experiências pessoais. Essa abordagem propicia não apenas o compartilhamento de vivências traumáticas, mas também a construção de um senso coletivo de pertencimento à comunidade e resistência frente às opressões estruturais que permeiam a sociedade heterocisnormativa. Em suma, o grupo não apenas acolhe, mas também fomenta a reflexão crítica e o fortalecimento individual e comunitário, espaço esse que devemos ter em todos os ambientes, mas que por vezes é negligenciado na sociedade.

Foi nesse ambiente que desenvolvi laços profundos com outras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ de uma maneira que eu nunca havia imaginado, indo além da minha perspectiva como homem cis e gay. Essa vivência me permitiu perceber um contraste em relação a outros espaços predominantemente formados por homens gays, onde frequentemente prevalece uma dinâmica competitiva que, muitas vezes, enfraquece a empatia e dificulta a construção de conexões genuínas.

No Inconformades, no entanto, encontrei um ambiente acolhedor, onde a empatia é incentivada como uma prática central, promovendo a abertura para o diálogo e o respeito pelas vivências diversas. Essa mudança de perspectiva foi transformadora, pois ampliou minha visão



sobre a pluralidade de experiências dentro da comunidade LGBTQIAPN+ e fortaleceu minha capacidade de me conectar de forma mais significativa com pessoas que possuem trajetórias muito diferentes da minha.

Dessa forma, grupos como o Inconformados revelam-se fundamentais na promoção de uma cultura de acolhimento e na ampliação das discussões sobre as relações e as vivências LGBTQIAPN+, evidenciando a relevância de espaços de acolhimento e reflexão como parte essencial da luta por equidade da comunidade por vezes negligenciado pela sociedade heteronormativa. São nesses espaços que pessoas da comunidade podem se sentir acolhidas e vulneráveis para compartilhar suas vivências. Tal característica destaca a importância de iniciativas que promovam acolhimento às pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Com toda a experiência que tive no grupo Inconformados, tive a oportunidade de construir uma rede sólida de apoio, fundamental para me descobrir, evidenciar minhas questões pessoais, em especial no primeiro ciclo. O grupo era um espaço onde eu poderia compartilhar meus desejos, dores e traumas mais obscuros, sem a preocupação de ser julgado. A cada ciclo, um novo grupo se formava e, de certa forma, eu conseguia manter essa base criada no primeiro ciclo. A rede criada durante todos os grupos me abraçaram de certa forma. Naquele espaço, cultivei ligações profundas com outros membros da comunidade LGBTQIAPN+, cada um com experiências e realidades muito diferentes.

O espaço do grupo me proporcionou um fortalecimento tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. Foi a partir



dele que experimentei o valor de ser vulnerável e de ser ouvido. No grupo, aprendi a importância de também estar em um lugar de escuta, pois expor nossas dores é muito importante, mas ouvir a dor do outro também é essencial. Praticar esse lugar de empatia entre nós é uma abordagem fundamental para transformar não apenas o nosso mundo interior, mas também o mundo ao nosso redor.

UM PONTO DE PARTIDA: CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

As experiências relatadas neste capítulo evidenciam a necessidade de espaços acolhedores para pessoas LGBTQIAPN+ em diferentes contextos. O Inconformades é apenas um desses espaços que proporcionam ambiente seguro para o compartilhamento de emoções e sentimentos, o que tem contribuído para o empoderamento individual e coletivo.

O primeiro acordo do Inconformades é: você pode falar sobre os Inconformades com quem quiser, mas as histórias são particulares e pedimos discrição. Respeitamos nosso acordo na escrita deste relato de experiências. Poderíamos escrever muitas coisas sobre traumas, lutos, autoestima, famílias, etc. Escolhemos falar em primeira pessoa, mesmo em um relato coletivo, porque é assim que fazemos no Inconformades. Lá, nós falamos de nossas vivências e experiências. Aqui, compartilhamos nesta escrevivência, como posto por Evaristo (2020), nossos anseios por uma sociedade que respeite nossas identidades.



Apesar dos resultados positivos, não podemos deixar de reconhecer os desafios que corpos não héteros e suas interseccionalidades enfrentam em nossa sociedade. A manutenção de mapas de segurança são vitais contra todas as formas de preconceito.

O Inconformades é um espaço de resistência e de transformação. Concluimos que a formação de grupos reflexivos voltados à temática de gênero é de suma importância em ambientes como escolas, universidades e diversos outros setores. Esses grupos promovem um espaço de diálogo e reflexão, essencial para a inclusão de vivências muitas vezes marginalizadas. Nas instituições educacionais, encontramos uma diversidade de expressões de gênero, que refletem a pluralidade das identidades e vivências individuais. É fundamental a promoção de espaços seguros e acolhedores, permitindo que todos os participantes possam compartilhar suas experiências de forma livre e respeitosa. Os grupos reflexivos voltados à questão de gênero e sexualidade contribuem para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 27-45, 2020.

ESTRELA, Fernanda Matheus et al. Grupos reflexivos com homens para prevenção da violência conjugal: como organizá-los. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, 2019.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Gleissiano Ruan; MAIO, Eliane Rose. Como podemos debater as masculinidades com os homens?: Uma Análise do Podcast Memoh. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 5, n. 1, p. 02-15, 2023.

HATJE, Luís Felipe; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência: Estratégias de Governo. **Cadernos Cajuína**, v. 9, n. 3, p. e249343-e249343, 2024.


LUNA, Ivânia Jann. Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos e de apoio ao luto. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 46-60, 2020.

MAURICIO, Ana Carolina; HUGILL, Michelle de Souza Gomes; BEIRAS, Adriano. Projeto Ágora: uma análise da intervenção psicossocial em grupos reflexivos com homens autores de violência. **Revista Brasileira de Execução Penal**, v. 5, n. 1, p. 177-194, 2024.

MEMOH. Grupos reflexivos de gênero: guia prático da metodologia Memoh. Disponível em: <<https://grupo.memoh.com.br/>>. Acesso em 01 out 2024.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Editora Vozes Limitada, 2017





14. UM FUTURO SUSTENTÁVEL É POSSÍVEL? IMPLANTAÇÃO DE COMPOSTEIRAS A PARTIR DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA MARINETE NEVES EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

Phaallomma Vhaallerya Kennya Santos de Mascarenhas
<https://orcid.org/0009-0007-0359-0009>
E-mail: phaallomma.mascarenhas.2022@alunos.uneal.edu.br

Rousy Clarice Bezerra dos Santos Lima
<https://orcid.org/0009-0006-0703-6462>
E-mail: rousy.lima.2022@alunos.uneal.edu.br

Taline Cristina da Silva
<https://orcid.org/0000-0001-8131-0059>
E-mail: taline.cristina@uneal.edu.br

INTRODUÇÃO

A compostagem é um processo biológico que decompõe e recicla a matéria orgânica, como sobras de verduras, legumes e frutas (Marca Ambiental, 2023). Por meio da compostagem, obtém-se adubo natural e biofertilizante, com o intuito de substituir o uso de fertilizantes químicos. O



trabalho de compostagem, basicamente, é feito por microrganismos presentes nos resíduos, que, em condições ideais de temperatura, aeração e umidade, fazem esse processo ocorrer. (Centro Universitário Leonardo Da Vinci, s.d.). A prática da compostagem ganhou destaque no Ocidente graças a Albert Howard, considerado o pai da agricultura orgânica, que previu as consequências negativas dos adubos artificiais no solo e expressou sua preocupação com o conceito de ‘lento envenenamento do solo’ em seu livro ‘The Soil and Health’ (1947). Nesse sentido, é evidente que o meio ambiente precisa de práticas sustentáveis, aliadas à educação ambiental nas escolas, como a criação de uma composteira, para promover a reeducação de crianças, jovens e adultos. Isso visa um cuidado ideal e a adoção de hábitos sustentáveis no dia a dia com o manejo da composteira e das minhocas vermelhas da Califórnia (*Eisenia foetida*), sendo mais utilizadas em cativeiros pela facilidade de adaptação, mais mansas, fogem menos e produzem húmus de boa qualidade (Chagas, *et al.*, 2003).

No Brasil, em média, 51,4% dos resíduos sólidos urbanos (RSU) coletados é de resíduos orgânicos, mas as experiências de compostagem no país ainda são muito pequenas. Apenas 211 municípios destinam a fração orgânica dos resíduos para compostagem. Sem uma coleta adequada, os resíduos orgânicos são destinados aos aterros e ocupam maior espaço, além da formação do chorume, o qual precisa de tratamento, encarecendo a operação (Costa, *et al.*, 2015). A implantação de aterros sanitários ainda constitui um problema devido aos elevados custos e à escassez de áreas



disponíveis e adequadas, além da degradação ambiental (IPEA, 2012).

Conforme o portal EMBRAPA, a importância da compostagem se dá por seu uso ideal para a reciclagem, transformando os adubos orgânicos e devolvendo à matéria orgânica em seu papel natural de fertilização de solos. Adotar a criação de uma composteira no dia-a-dia deve se tornar um hábito, ao poder ser feita e mantida de maneira fácil e econômica. Pelo fato de que a degradação de resíduos orgânicos ser um processo natural, a reciclagem deste tipo de resíduo pode ser feita em qualquer escala e de diversas formas, das mais baratas e simples às mais complexas (EMBRAPA, 2021). Todavia, o processo de reciclagem do lixo orgânico no cotidiano ainda é uma incógnita, já que nem todas as pessoas conhecem seu passo a passo e a grandeza de seus benefícios ambientais.

No âmbito escolar, a aplicação da composteira torna-se favorável e prática, visto que é uma forma de interação com um público misto, abrangendo diferentes idades, conhecimentos, culturas e experiências. A adoção da prática da compostagem e a criação de uma composteira devem ser temas tratados nas escolas, utilizando a educação ambiental como instrumento fundamental para a preservação do meio ambiente de maneira ética, moral e consciente. Isso incentivará os alunos (as) de todas as idades a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, abandonando o descarte irresponsável, inconsciente e inadequado do lixo orgânico e realizando-o no local apropriado. Sendo assim, com a composteira sendo inserida nas escolas e sendo tra-



tada na educação básica como forma de conscientização do uso correto, montagem, formas de cuidados e passo a passo, despertará o interesse dos alunos (as).

Alguns estudos enfatizam a compostagem como um instrumento prático dentro da EA, capaz dinamizar com as aulas unicamente tradicionais, buscando a articulação entre teoria e prática, de forma crítica e investigativa (Buss; Moreto, 2019; Santos; Fehr, 2007; Silva et al., 2020; Sousa et al., 2017). Com a compostagem sendo uma pauta nas escolas da rede pública, fica fácil da sociedade enxergar a magnitude de tal prática e seus benefícios, dado que é uma alternativa criativa e eficaz em relação à conservação do meio ambiente.

A criação e a importância da composteira nas escolas transcendem a gestão de resíduos e oferece uma oportunidade única para o desenvolvimento econômico, além de atingir um público-alvo misto, considerando os estudantes de todas as séries e os funcionários, desde serviços a professores. É essencial que o uso da educação ambiental não apenas informe, mas também reedueque e promova uma consciência coletiva, formando uma rede de aprendizagem, uma vez que o contato direto com a compostagem enriquece a educação ambiental e promove o desenvolvimento de uma consciência sustentável entre os indivíduos no âmbito escolar, que proporciona um meio eficaz de reduzir o volume de resíduos descartados em um manejo rotineiro da decomposição correta dos resíduos orgânicos.

Sendo assim, o grupo de Extensão: Ser Seletivo traz consigo o subprojeto da compostagem, com o intuito de



promover a conscientização ambiental por meio da gestão sustentável de resíduos orgânicos. Além do subprojeto da compostagem desempenhar um papel crucial na transformação de hábitos ideais relacionados à criação de biofertilizante e descarte correto de lixo orgânico, o projeto vem com o método de oficinas passadas para as turmas de dois 6º ano, bem como um momento lúdico com jogos temáticos e perguntas oral com direito a prêmio para 50 alunos (as) da Escola Municipal Professora Marinete Neves, a fim de fortalecer o conhecimento científico dos estudantes da rede pública de Palmeira dos Índios, Alagoas. Buscando não só o conhecimento teórico sobre a compostagem, mas também a participação ativa de atividades práticas envolvendo o manejo dos resíduos orgânicos, a criação da composteira corretamente e todo o seu passo-a-passo de forma divertida e interativa.



METODOLOGIA

Em parceria com a Secretaria Escolar e a Direção, as ações desenvolvidas pelo Grupo de Extensão: “Ser Seletivo”, com a apresentação ministrada pelo núcleo de Compostagem, ocorreu no âmbito escolar público da Escola Municipal Professora Marinete Neves, localizada na rua São Luís Amorim, em uma comunidade de Vila Maria, na zona urbana do município de Palmeira dos Índios — Alagoas. A Escola Municipal Professora Marinete Neves é uma instituição de ensino de educação básica e conta com a educação infantil, fundamental e EJA, destacando-se pela educação

de qualidade e do desenvolvimento integral de todas as turmas por adotar novas práticas de ensino e possuir um papel essencial entre a educação e a transformação social.

O grupo de extensão “Ser Seletivo” contou com o repasse de oficinas voltadas para a prática da compostagem e criação de uma composteira por meio de slides e vídeos educativos, bem como seus benefícios, passo-a-passo e importância. O grupo de compostagem do Ser Seletivo, da Universidade Estadual de Alagoas — Campus III, realizou, além das oficinas, momentos lúdicos com jogos temáticos sobre o tema e perguntas oral com direito a prêmio.

O Ser Seletivo é coordenado pela Prof^a Dr.^ª Taline Cristina da Silva e a equipe de compostagem conta com 6 integrantes, sendo 4 ativas na compostagem e 2 auxiliares, todos alunos (as) são estudantes de Ciências Biológicas. As ações do ano de 2024 levaram até os alunos (as) da rede pública do fundamental II, da Escola Municipal Professora Marinete Neves, com duas turmas de 6^o ano, contando com a colaboração de 50 alunos (as) e divididos em quatro intervenções.

1^o Intervenção – Oficina Inaugural do Projeto de Extensão: “Ser Seletivo”

A oficina inaugural de apresentação do Projeto “Ser Seletivo” com o tema voltado para a compostagem, marcou a primeira de quatro idas planejadas à Escola, no turno matutino, que ocorreu no dia 30 abril de 2024, no auditório da Escola Municipal Professora Marinete Neves, que contou com a participação de 50 alunos (as), reunindo



duas turmas do 6º ano. Durante esse momento, foi feita uma breve apresentação da equipe e do projeto. Em seguida, foi feita a oficina sobre a compostagem com vídeos educativos sobre o tema.

Houve a presença de dois professores e de uma funcionária da escola, que participaram da oficina e auxiliaram nas atividades realizadas com os alunos (as). Na ocasião, foi ensinado a montar uma composteira, bem como tudo o que se pode ou não colocar para o processo de compostagem dar certo. Além das instruções para a criação do artefato, foram mostrados os materiais adequados para o processo de compostagem por meio de slides. Em seguida, os alunos (as) tiveram uma experiência nova e interativa com as minhocas vermelhas da Califórnia (*Eisenia foetida*), sendo mais mansas e produzindo húmus de boa qualidade (Chagas; *et al.*, 2003).



Figura 1- Inauguração do projeto. (A) Minhoca Californiana (*Eisenia foetida*); (B) e (C) Interação do aluno com a minhoca.



Fonte: Os autores, 2024.

2º Intervenção – Montagem da composteira e momento lúdico (jogos) com os(as) alunos(as)

A segunda visita à Escola Municipal Professora Marinete Neves aconteceu no dia 9 de maio de 2024, no turno da manhã, reunindo as turmas do 6º ano “A” e 6º ano “B”. Dos 50 alunos (as) presentes na primeira visita, 44 participaram dessa vez. No início, foi revisado todo o conteúdo abordado anteriormente, reforçando os objetivos do projeto e destacando os benefícios e a importância da compostagem para o meio ambiente e para a sustentabilidade, especialmente no contexto educacional. A manhã foi dividida em dois momentos, o primeiro momento foi lúdico com as duas séries juntas, separadas em dois grandes grupos mistos. O segundo momento foi a montagem da composteira apenas com os alunos (as) que se interessaram, de fato, pela prática sustentável atribuída a eles.

O primeiro momento da oficina ministrada pelos membros do Ser Seletivo foi passado uma brincadeira para a interação direta dos alunos (as) com o que deve ou não colocar na composteira. Para a brincadeira, a turma foi dividida em dois grandes grupos de 22 pessoas cada, sendo designados 3 membros do Ser Seletivo para auxiliar cada grupo. O objetivo era que os alunos (as) discutissem entre si e chegassem a um consenso coletivo sobre o que se pode ou não colocar em uma composteira. Assim, cada grupo recebeu dois baldes identificados como “lixo normal” e “composteira”, para ser depositado as figuras ilustrativas



dos materiais. A atividade foi simples e de fácil entendimento, garantindo a participação de todos os alunos (as).

No segundo momento da oficina, foi criada uma roda de conversa com os alunos (as) interessados (as) e, no meio do círculo montado, estavam os materiais para fazer a composteira, com seus mantimentos. Nesse passo-a-passo, foi seguida a mesma ordem de atividades, dando uma breve introdução de toda a importância da compostagem para o meio ambiente. Após a roda de conversa, os membros do Ser Seletivo auxiliaram e observaram os(as) alunos(as) fazendo a montagem com todo o passo-a-passo ensinado.

Figura 2- Momento lúdico com os(as) alunos(as). (D) Montagem da Composteira; (E) Interação coletiva; (F) Ilustrações com os grupos.



Fonte: Os autores, 2024.



3º Intervenção – Despertando a criatividade dos (as) alunos (as)

Na terceira visita à Escola Municipal Professora Marinete Neves, o grupo de extensão, igual às outras visitas, fez uma breve introdução para a mesma turma de 6º ano, sobre o ensinado nas visitas anteriores. A visita aconteceu no dia 28 de maio de 2024, no turno vespertino, sendo passados alguns vídeos infantis sobre compostagem para que eles entendessem melhor. Em seguida, os membros do Ser Seletivo pediram para que os(as) alunos(as) desenhassem, individualmente, o que eles entendem sobre compostagem.

Figura 3- Os(as) alunos(as) expressando a criatividade através de desenhos. (G) e (H) Produção de desenhos; (I) Alguns desenhos prontos.



Fonte: Os autores, 2024.

4º Ida – A diluição do chorume em biofertilizante

A quarta e última visita à Escola Municipal Professora Marinete Neves ocorreu em 20 de setembro de 2024, no turno vespertino. Dada a distância de tempo desde a



última visita, os membros do Ser Seletivo iniciaram com uma breve retomada das atividades anteriores e fizeram perguntas sobre a composteira e seus benefícios. Em seguida, realizaram uma demonstração da diluição do chorume para uso como biofertilizante.

Figura 4- Diluição do Chorume em Biofertilizante. (J) Breve retomada das atividades anteriores.



Fonte: Os autores, 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oficina Inaugural do Projeto de Extensão “Ser Seletivo”

A primeira visita à Escola Municipal Professora Marinete Neves recebeu 50 alunos das turmas do 6º ano A e 6º ano B, participando da oficina temática sobre Compostagem. Na ocasião, apresentamos o projeto do Ser Seletivo, em especial, o núcleo de Compostagem da Universidade Estadual de Alagoas, através dos conhecimentos obtidos no projeto pelos membros do Ser Seletivo. Baseada nos conhe-

cimentos passados, os (as) alunos (as) ficaram interessados na composteira após terem acesso direto às Minhocas Californianas (*Eisenia foetida*) (Figura 5). A interação entre eles e as minhocas foi positiva, atraindo a atenção para o tema proposto.

Figura 5- Interação direta das(as) alunos(as) com a Minhoca Californiana (*Eisenia foetida*)



Fonte: Os autores, 2024.

A partir das percepções que obtivemos dos(as) licenciados(as) em Ciências Biológicas durante a visita, foi possível concluir que a ausência de conhecimentos sobre a prática de compostagem é uma problemática que passa despercebido, por assim dizer, visto que, conforme o Instituto Brasil Solidário (2023), práticas sobre compostagem nas escolas tem um grande potencial de aprendizagem para as diferentes etapas da vida escolar, promovendo não só a

educação ambiente, mas também a conscientização sobre a gestão de resíduos.

Montagem da composteira e momento lúdico (jogos) com os(as) alunos(as)

A segunda intervenção na escola contou com a colaboração de 44 alunos, desta vez divididos em dois grupos de 22 pessoas cada. A manhã foi dividida em dois momentos, o primeiro momento foi lúdico, com uma brincadeira que ajuda aos alunos(as) a importância da comunicação e do companheirismo, dado que eles precisavam chegar a um consenso para alcançar a vitória. A ação prendeu a atenção dos alunos por um bom tempo, despertando o interesse individual de cada aluno e ampliando a visão dos mesmos sobre a montagem da composteira.

Para o segundo momento, fizemos uma roda de conversa (Figura 6), e, em seguida, pedimos aos alunos (as) que se interessaram, de fato, pela composteira permanecessem, e os demais estariam liberados. Nesse ínterim, 22 alunos se dispuseram e ficaram interessados pela composteira, despertando uma ansiedade para a montagem. Os membros do Ser Seletivo auxiliaram e observaram eles fazendo a montagem com todo o passo-a-passo ensinado. Para isso, os que se interessaram e quiseram participar ficaram ao redor da composteira e alguns alunos (as) apenas observaram. Dessa forma, o momento lúdico despertou o interesse e a eficácia da montagem, reforçando a habilidade, comunicação e trabalho em equipe, reforçando que prática e diversão



podem ser replicadas em qualquer contexto educacional para o engajamento dos jovens, especialmente se tratando de temas ambientais.

Figura 6- Roda de conversa com os(as) alunos(as).



Fonte: Os autores, 2024.

Despertando a Criatividade dos(as) Alunos(as)

Na terceira intervenção ao Marinete Neves, contamos com 35 alunos ao total e mudamos a dinâmica das atividades anteriores, deixando os(as) alunos(as) expressarem a criatividade por meio de desenhos (Figura 7) sobre o que eles entendem por Compostagem. Para isso, passamos vídeos infantis para refrescar a memória sobre o que é compostagem e seus benefícios. Assim, é uma forma de apresentar a compostagem de outra forma. O resultado foi positivo, e cada aluno(a) pode repassar a visão individual que cada um tinha sobre composteira.



A utilização de desenhos como método de aprendizagem possibilita o resgate do conhecimento absorvido anteriormente (neste caso, através da oficina) e de conhecimentos análogos da vivência de cada aluno, assim como assimilações com o imaginativo da criança, mesclando objetividade e subjetividade. Existe a necessidade de uma subsequente intervenção que auxilie na criação de uma relação sã entre as realidades presentes nas representações (Lemos; Marques, 2017).

Figura 7- Os(as) alunos(as) expressando a criatividade através de desenhos.



Fonte: Os autores, 2024.

A diluição do Chorume em Biofertilizante

A última visita ficou marcada devido ao tempo da penúltima oficina e, dessa vez, tivemos que dar uma retomada aos assuntos anteriores para refrescar a memória dos(as)

alunos(as) e contamos com a presença de 22 alunos(as) no turno vespertino. Foi uma breve visita, com o intuito de ensiná-los a diluir o chorume, visto que o chorume é um dos produtos com aspecto líquido pastoso ou viscoso escuro produzido a partir da compostagem de materiais orgânicos (Serafim et al., 2003; Brito et al., 2009).

O uso de chorume controlado como fonte de biofertilizante pode ser uma eficaz forma de fornecer nutrientes para o desenvolvimento de diversas culturas agrícolas (Barbosa; Rocha, 2023, p. 52). Dessa forma, a diluição do chorume é uma maneira de controlá-lo, transformando-o em biofertilizante.

Conforme orientações da Humi (2018), o adubo líquido concentrado produzido na compostagem é diluído da seguinte forma: 1 litro de adubo para 10 litros de água para a rega. Porém, para os(as) alunos(as) e funcionários(as) da Escola Municipal Professora Marinete Neves, passamos 100ml de chorume para 1 litro de água (Figura 8).

Figura 8- Diluição do Chorume em Biofertilizante.



Fonte: Os autores, 2024.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compostagem não é um assunto pontuado nas escolas de Ensino Fundamental, pois o assunto é uma incógnita, visto que não é um assunto abordado no cotidiano e as pessoas desconhecem sua magnitude. Nesse viés, esse tema tratado em salas de aulas por oficinas é um cenário novo e promissor. Pois, levar a ciência sob uma nova perspectiva e novos temas, com experimentos e amostras fáceis para lidar com a sustentabilidade por meio de oficinas passadas nas séries do fundamental, torna mais acessível o entendimento e o despertar de uma nova sociedade de olhos abertos e conscientes de um futuro ecológico.

As crianças e os jovens que atualmente estão vivendo através de veículos midiáticos acabam se distanciando da realidade. O intuito das oficinas nas séries iniciais é, justamente, mostrar para essa nova geração que cuidar do meio ambiente pode ser, sim, uma ferramenta fácil, como também, os faz refletir sobre novas práticas voltadas para o meio ambiente através da ciência, possibilitando que essas crianças e jovens encontrem um novo mundo ecológico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Nael Moreira; ROCHA, Elizabete Nunes da. Efeito do chorume originário mediante o processo de compostagem na cultura de *Phaseolus vulgaris*. **Brazilian Journal of Science**, Rio Verde, v. 2, n. 11, p. e429, nov. 2023. DOI: 10.14295/bjs.v2i11.429.



BUSS, A.; MORETO, C. A prática da compostagem como instrumento no ensino de conteúdos e na Educação Ambiental Crítica. **Revista Monografias Ambientais**, 2019.

Centro Universitário Leonardo da Vinci. Projeto de Extensão Compostagem no Ambiente Escolar. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://conteudos.uniasselvi.com.br/extensao/documentos/projetos/compostagem_no_ambiente_escolar.pdf>.

COSTA, A. R. S., Ximenes, T. C. F., Ximenes, A. F., & Beltrame, L. T. C. (2016). O processo da compostagem e seu potencial na reciclagem de resíduos orgânicos | The process of composting and its potential in the recycling of organic waste. **Revista Geama**, 1(2), 246–260. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/geama/article/view/503>. Acesso em: 17 de nov. 2024.

EMBRAPA. **Compostagem**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/hortalica-nao-e-so-salada/secoes/compostagem>. Acesso em: 04 de nov. 2024.

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO. **Projeto compostagem nas escolas**. Disponível em: https://www.brasilsolidario.org.br/wp-content/uploads/kit_P15.pdf. Acesso em: 8 nov. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Diagnóstico de resíduos sólidos urbanos**. Brasília, 2012.

LE MOS, C. O. A.; MARQUES, T. O. Representações gráficas no ensino de geografia: um auxílio à educação ambiental nos anos iniciais. **Revista Tamoios**, V. 13, n. 2, 2017.

MARCA AMBIENTAL. **Compostagem**: um pilar essencial para um mundo sustentável. Conheça os 5 benefícios da prática. Disponível em: <https://marcaambiental.com.br/compostagem-e-pilar-essencial-para-um-mundo-sustenta->




vel-conheca-os-5-beneficios-da-pratica/. Acesso em: 05 de nov. 2024.

SERAFIM, A. C., GUSSAKOV, K. C., SILVA, F., CONEGLIAN, C. M. R., BRITO, N. N., DRAGONI SOBRINHO, G., TONSO, S., & PELEGRINI, R. (2003). Chorume, impactos ambientais e possibilidades de tratamentos. Rio Claro: **Fórum de Estudos Contábeis**.

THE SOIL AND HEALTH: a study of organic agriculture: Howard, Albert, Sir, 1873-1947: **Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive**. Disponível em: <<https://archive.org/details/soilhealthstudyo0000howa>>. Acesso em: 02 de nov. 2024.





15. A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DA CRIAÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS AQUALTUNE NO CAMPUS V – UNIÃO DOS PALMARES/AL DA UNEAL

Adriana Rocely Viana da Rocha
<https://orcid.org/0000-0002-4854-5400>
E-mail: adriana.viana@uneal.edu.br



Dariana Nunes dos Santos
<https://orcid.org/0000-0002-4746-3577>
E-mail: dariana.nunes@uneal.edu.br

INTRODUÇÃO

O Campus V da Universidade Estadual de Alagoas (CAMUZP-UNEAL) encontra-se situado no município de União dos Palmares, que abriga a Serra da Barriga, reduto do *Quilombo dos Palmares*, uma das principais referências à luta e à resistência, predominantemente negra, ao sistema escravocrata de sua época.

Em 1986, a Serra da Barriga foi reconhecida como patrimônio cultural brasileiro inscrita no *Livro do Tombo*

Histórico e no *Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico*, assim como, recebeu o título de *Patrimônio Cultural do Mercosul* em maio de 2017.

Diante disso, é mais do que comprovada a necessidade de se criar um núcleo de estudos baseado no triplé pesquisa-ensino-extensão que se dedique a investigação e a reverenciação das contribuições africanas e/ou afro-brasileiras para o processo de formação do povo brasileiro, alagoano e palmarino.

Nesse sentido, a Profa. Dra. Adriana Rocely Viana Da Rocha, a Profa. Dra. Dariana Nunes Dos Santos, o Prof. Dr. Jeová Silva Santana, a Profa. Ma. Maria Sílvia Da Costa e a Profa. Esp. Mirelly De Melo Santos se reuniram para criar, implementar e institucionalizar o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB, chamado *Aqaultune*⁴, no Campus V da UNEAL com o objetivo central de atender a demandas relacionadas a:

- **Ensino** da história e da cultura dos povos africanos e afrodescentens e sua contribuição para o processo de formação do povo brasileiro – conforme a lei 10.639 de 9 de janeiro de 200 sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva; por meio de um calendário permanente de atuações relacionadas a esta temática, seja do ponto de vista histórico, social, cultural, geográfico, linguístico, literário e educacional, como: a criação do grupo de estudos

4 Em referência a existência de uma mulher negra, princesa congoleza capturada em batalha e vendida como escrava reprodutora, que teria vivido por volta de 1630 a 1690, e fugido grávida para o Quilombo dos Palmares e lutado ao lado de seu filho, Ganga-Zumba e do seu neto, Zumbi, contra o sistema escravagista de sua época.



em leituras antirracistas, feministas e *queer* chamada *Aqualtune*, que coordenamos;

- **Pesquisa**, através da contribuição de grupos de estudos já existentes na universidade ou a serem criados, como o *Núcleo de estudos linguísticos* – NELING, sob nossa coordenação, cujo foco é o estudo de processos morfossintáticos do português brasileiro (PB) falado por quilombolas alagoanas, além da investigação das possíveis contribuições de línguas africanas para o processo de formação do PB;
- **Extensão**, com ações voltadas para a comunidade acadêmica e local, como: aulas de capoeira, aulas de danças-afro, oficinas de penteados afro, oficinas de turbante, oficina de maquiagem e de vestimentas/indumentárias afro, oficinas de instrumentos musicais afro-brasileiros, seminários sobre a temática para alunos da Educação Básica, clubes de leituras, apresentações artísticas, promoção de eventos acadêmicos voltados para a problemática abordada, formação de professores de escolas quilombolas, dentre outros.

O campo de atuação do *NEAB Aqualtune* do CAMUZP se estende para questões que perpassam a problemática da população negra do estado de Alagoas, levando em consideração a realidade da mulher alagoana, sobretudo da mulher negra – sua formação, saúde, mercado de trabalho, empreendedorismo, violências sofridas, autoestima e autonomia financeira; bem como, as condições de existência/resistência do público LGBTQIAPN+ local. Tal investida se justifica pelos números alarmantes de violências contra



grupos de minoria, que incluem tal população étnica em nossa unidade federativa.

Conforme o *Mapa da violência contra a mulher em Alagoas 2021*, disponível na internet, 74 casos de violência doméstica ocorreram no município de União dos Palmares, no ano de 2021, num total de 5741 casos registrados em todo o estado, dos quais 43% ocorreram na capital alagoana Maceió. Os estudos apresentados no mapa mostram o perfil das alagoanas que mais sofrem com esse tipo de violência: mulheres dos 25 aos 40 anos (48%), em sua maioria pardas e negras (74%).

Em relação aos municípios com casos de estupro, foram registrados 3 casos em União dos Palmares, em 2021, dentre os 152 informados pelo estado, e, mais uma vez, a capital alagoana se destaca com 45% dos casos. Nesse quadro, os estudos feitos apresentam o seguinte perfil de vítimas: mulheres jovens de 18 a 25 anos (51%), pardas e pretas, somando (68%).

No que diz respeito aos casos de feminicídio, dos 24 casos registrados em 2021, nenhum ocorreu no município de União dos Palmares, porém 25% dos feminicídios ocorreram em Maceió. Segundo os estudos, o perfil das vítimas parece ser: mulheres menores de 18 anos (32%) e, novamente, pardas e pretas (87%).

Conforme o site do *TribunaHoje.com*, em 2022 foram registrados 617 casos de agressões contra LGBTQIAPN+ em Alagoas, dentre os quais, 10 deles levaram as vítimas à óbito. Levantamentos realizados em todo o país apontam



a região nordeste como uma das mais inseguras para esse grupo de pessoas.

Consoante a revista *Exame*, um jovem negro tem 8,75 mais chances de ser assassinado pelo estado alagoano do que um jovem não-negro.

Em relação à saúde pública, mesmo a população negra representando 57% da nação brasileira, ela é ainda a que mais sofre com a falta ou a ineficácia de políticas de ações afirmativas – o que indica como o racismo ainda faz parte da estrutura de funcionamento da sociedade brasileira, levando cidadãos afrodescendentes para o “abate” seja por meio da violência doméstica e feminicídio, seja por meio de armas de fogo, seja por causa da vulnerabilidade social sob a qual são expostos desde cedo, seja pela decadência do atendimento de saúde pública do Brasil.

Segundo o **1º Seminário Nacional de Vigilância em Saúde da População Negra** desenvolvido pelo *Sistema Único de Saúde – SUS*, em 2020, a mortalidade materna atinge desproporcionalmente mulheres negras, principalmente por hipertensão e COVID-19; mulheres brancas ainda seguem com maior acesso proporcional ao pré-natal, brancas 80,9%, pretas 68,7% e pardas 66,2%.

Conforme mesmo documento, nos últimos dez anos os casos de HIV aumentaram 12% entre a população negra, 67,7% das gestantes diagnosticadas com o vírus são negras, além disso, mais de 70% das crianças diagnosticadas com Sífilis Congênita no país são filhas de mães negras. Outro vírus que atinge mais negros no Brasil é a Tuberculose,



63% das pessoas pretas e pardas, dados de 2022. A doença Falciforme também acomete mais negros que brancos em território nacional.

Lamentavelmente, o maior índice de óbito no Brasil ainda se encontra entre a população negra, com 60,5% dos casos. Dessa maneira, na tentativa de garantir a equidade de gênero e de raça por meio do SUS, o Governo Federal criou a **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra – PNSIPN** nos municípios brasileiros, com o intuito de minimizar essa realidade desumana e vergonhosa.

Diante desses dados, a criação de um projeto como este se apresenta como uma resposta necessária e pontual para a superação de tais problemáticas, sem dúvida, motivadas pelo racismo estrutural, patriarcado vigente, machismo, masculinidade tóxica e misoginia ainda muito presentes na sociedade alagoana.

Assim, esperamos que por meio desta investida, possamos somar forças ao lado daqueles que são vítimas de um estado orquestrado para eliminá-los, decidindo quais corpos importam, quais vidas valem mais e quais povos merecem ser punidos sem piedade (pensando no índice de encarceramento local que pune muito mais pessoas negras que pessoas não-negras). Isto mediante ações que contribuam para a criação de inteligibilidades e deflexões capazes de produzir mudanças de perspectivas naqueles que forem alcançados pelas ações deste projeto, para que, dessa forma, essas pessoas possam atuar diretamente na luta pela criação de alternativas para a superação dessas e de outras problemáticas.



Nesse contexto, este capítulo se debruça sobre o relato de experiência de como a criação do núcleo acima descrito tem apresentado resultados palpáveis – como a conquista de um curso superior em Educação Escolar Quilombola, bolsa Pibic e interação com todos os Neabis (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e indígenas) do estado.

ASPECTOS TEÓRICOS

Para atender às demandas de uma abordagem com os entrelaçamentos que aqui realizamos, não é de se estranhar a necessidade de um diálogo teórico entre disciplinas, áreas e campos de atuação – numa perspectiva inter-multi-transdisciplinar. Nesse sentido, apresentamos a seguir algumas correntes teóricas que norteiam este trabalho, partindo sempre de uma perspectiva *glocalizante* (do local para o global e vice-versa).



Contribuições dos feminismos

Do que se trata o feminismo? Em sua origem, nasceu da necessidade da existência de um movimento social que atuasse na reivindicação de igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Trata-se de um movimento social protagonizado por mulheres, no entanto, é importante enfatizar que sua pauta não é sexista, ou seja, não traz nenhuma imposição de superioridade feminina, e sim, nos chama a refletir acerca da igualdade entre os sexos.

Desde seu surgimento, a luta feminista vem sofrendo mudanças em seus objetos de estudo, de acordo com cada

momento no decorrer da história em que há o questionamento da realidade vivenciada por mulheres, trabalhadores e outros grupos minoritários. Desse modo, é utilizado o termo “ondas do feminismo” a fim de situar numa perspectiva histórica a evolução do movimento. Sendo a primeira onda, no início do século XX, relacionada à luta pelos direitos civis, como voto e educação; no início dos anos 60 surge a segunda onda feminista com a pauta referente à sexualidade e autonomia feminina, a luta pelos direitos reprodutivos e liberdade sexual; a terceira onda, a partir de 1990, traz ao debate o conceito de interseccionalidade entre gênero, raça e classe, ganhando destaque vertentes do feminismo negro, com pautas relacionadas à discriminação racial, genocídio da população negra e solidão da mulher negra; há quem fale hoje em quarta onda, sendo esta relacionada ao uso de redes sociais, suas principais bandeiras são: o combate ao assédio, violência e feminicídio.

Contribuições dos Movimentos negros e antirracistas

A discussão da temática antirracista, da identidade negra e das relações étnico-raciais no Brasil tem crescido nas últimas décadas. A primeira fase do Movimento Negro organizado na República (1889-1937), no período entre a Primeira República até o Estado Novo, a fim de reverter o quadro de marginalização no início da República, os libertos, ex-escravizados e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou as-



sociedades) em alguns estados da nação. A segunda fase do Movimento Negro organizado na República (1945-1964), no período da Segunda República até a ditadura militar, caracterizado por violenta repressão política, inviabilizando qualquer movimento contestatório. Mas, com a queda da ditadura “Varguista”, ressurgiu, na cena política do país, o movimento negro organizado que, ampliou seu raio de ação.

A terceira fase do Movimento Negro organizado na República (1978-2000), no período entre o início do processo de redemocratização e a República Nova, desde a derrota temporária com o golpe militar e a desarticulação do Movimento Negro, a sua reorganização se deu no final dos anos 70, a partir da ascensão dos movimentos populares, sindicais e estudantis. A quarta fase do Movimento Negro organizado na República (2000 – aos dias atuais), é considerado uma hipótese interpretativa, alguns elementos sinalizam que no início do terceiro milênio está se abrindo uma nova fase do movimento negro, com a entrada em cena do movimento hip-hop, por vários motivos. Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais.

Contribuições dos movimentos LGBTQIAPN+ e das teorias *queer*

A teoria *Queer* surgiu como um movimento intelectual e social nos Estados Unidos, entre as décadas de 1980



e 1990, embora suas raízes possam ter sido originadas até décadas anteriores. O termo “*queer*”, que inicialmente significa “estranho” ou “fora do comum”, foi reapropriado pela comunidade LGBTQIAPN+ como forma de resistência e identificação. O movimento *Queer* foi influenciado por uma série de eventos históricos e teorias, incluindo o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, os estudos feministas, os estudos pós-coloniais e a crítica literária. Intelectuais como Michel Foucault, Judith Butler, Eve Kosofsky, Sedgwick e Gayle Rubin desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento dessa teoria, além de fornecer ferramentas conceituais para analisar e desafiar as normas sociais que governam o comportamento humano.

A teoria *Queer* é uma corrente acadêmica e ativista que, a partir de questionamentos pertinentes, desafia as normas sociais e de gênero. Ela critica as ideias tradicionais de identidade de gênero e orientação sexual, argumentando que essas categorias são fluidas e socialmente construídas. A diversidade das experiências e possibilidades humanas é um destaque na teoria *Queer*, desafiando as definições binárias de gênero, permitindo uma compreensão mais inclusiva das identidades das mulheres. Ela reconhece e valida as experiências das mulheres trans, não binárias e *queer*, que por tantas vezes são marginalizadas pelo feminismo tradicional. Além disso, abre espaço para discussões sobre temáticas relacionadas ao corpo, sexualidade e poder, ampliando o escopo do feminismo.

As interseccionalidades entre *raça*, *gênero* e *orientação sexual* também fazem parte da teoria *Queer*, enquanto



dão voz às pessoas que vivenciam a opressão de maneiras interligadas e complexas. Ao considerar essas intersecções, a teoria contribui para um entendimento mais profundo das experiências das pessoas marginalizadas, especialmente daquelas que enfrentam discriminação, seja por conta de sua etnia/raça, identidade de gênero e/ou orientação sexual.

Contribuições linguísticas

Dentro da grande área da Linguística, consideramos relevantes a contribuição teórico-metodológica de algumas vertentes, como: a) da *Sociolinguística Variacionista* de William Labov (2008[1972]), surgida na década de 1960 nos Estados Unidos, cuja principal contribuição para os estudos linguísticos foi a inclusão do aspecto social aos estudos sobre linguagem, variação e diversidade linguística; b) a *Linguística Aplicada* (LA) como disciplina autônoma da Linguística Teórica, crítica, inter e transdisciplinar, na perspectiva de Moita Lopes (2006), sendo responsável pela produção de conhecimento que leva em conta aspectos relevantes da sociedade em que vivemos, com base na agenda ética, política e humanidades; c) a *Análise automática de Discurso de linha francesa ou peucheteana* (AD) que se debruça sobre análises linguísticas que compreendem o sujeito, a história e o discurso atravessados pelo conteúdo ideológico, que é socialmente construído.



ASPECTOS METODOLÓGICOS

O *Neab Aqualtune* desenvolve ações voltadas para a população acadêmica e local por meio de pesquisa e levantamento bibliográfico; leituras e reflexões sobre as possíveis nuances que envolvem a problemática negra no estado; deflexões que promovam interações entre comunidade acadêmica e comunidade local por meio de grupos de estudos, seminários, palestras, encontros, oficinas, cursos, dentre outros.

As metodologias a serem aplicadas para este fim – o de conhecer a realidade linguística e sociocultural da população afro-brasileira do estado de Alagoas, para, então, agir sobre ela; têm cunho empírico, qualitativo e quantitativo.

O empirismo é um método científico baseado em evidências concretas e observações diretas, conforme o que propõe o modelo de observação participante. A coleta de dados, sejam eles orais, escritos ou de qualquer outra ordem, pode fornecer informações valiosas para a construção de bancos de dados diagnósticos de problemáticas que envolvem as populações a serem assistidas com este projeto.

A pesquisa qualitativa permite realizar uma investigação mais detalhada, por uma ótica aprofundada e subjetiva, levando em consideração os sujeitos envolvidos no processo, suas realidades, histórias, aspectos socioculturais e, acima de tudo, suas demandas. Já a pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática, à leitura e interpretação de dados quantificados para basear suas análises e apresentar resultados estatisticamente testados.



Dentro desta perspectiva de trabalho, o método da *História Oral* (HO), surgido no contexto da Segunda Guerra Mundial para capturar narrativas históricas, políticas e sociais por meio da gravação de entrevistas, conforme Meihy & Holanda (2006), nos serve como recurso para a apuração das narrativas da população negra alagoana – povo cujas narrativas históricas foram passadas de geração em geração por meio da oralidade, único meio de que dispunham para manterem viva a sua memória.

Além deste, o método etnográfico, muito utilizado na pesquisa antropológica, fornece dados relevantes do ponto de vista histórico, social e cultural para a descrição e a interpretação de hábitos, costumes, valores e práticas das comunidades a serem estudadas, em especial das comunidades quilombolas.

Neste trabalho, que desenvolvemos por meio do *NEAB Aqualtune* no Campus V da UNEAL, acreditamos que investidas *quanti* e *quali* se mostram como os métodos mais eficazes para conhecermos, compreendermos e atuarmos sobre a realidade da população negra alagoana. Isto partindo do viés de uma agenda ética – já que estamos tratando de pesquisas com seres humanos, por meio de um diálogo constante entre universidade e sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dando seguimento ao que foi discutido até aqui, nesta seção apontaremos os resultados conquistados em



tão pouco tempo⁵ da implementação do Neab *Aqultune* do **Campus Zumbi dos Palmares** da UNEAL e os que ainda ambicionamos conquistar.

Com base no **Art. 2**, *Inciso I* do Regimento Interno do grupo – que reza sobre o compromisso de apoiarmos de forma efetiva a aplicação das diretrizes para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira, conforme Leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008; contribuímos com o **Eixo Ensino** através da resposta a editais como os que veremos a seguir:

- Submissão ao Edital n.º 46/2024 do Programa de Iniciação à Docência-PIBID, por meio do subprojeto interdisciplinar **“Diálogos de saberes: promovendo o letramento racial quilombola na formação docente através da iniciação à docência no Campus Zumbi dos Palmares da Universidade Estadual de Alagoas – AL”**, que apesar de termos sido bem avaliados não conseguimos garantir bolsas para os alunos neabeanos dos cursos de Letras e Geografia do Campus V – União dos Palmares;
- Submissão ao Edital n.º 23/2023 publicado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão

5 O núcleo foi criado efetivamente em setembro de 2023, completando um ano e dois meses este ano.



(SECADI/MEC), a partir do contexto do Programa Nacional de Fomento à Equidade na Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR EQUIDADE) – tendo em vista a necessidade da formação de docentes com essa especificidade formativa, para atuarem nas escolas quilombolas e nas redes públicas de Educação Básica e/ou nas redes comunitárias de formação por alternância; por meio da proposta de um projeto político pedagógico para a criação e a implementação do “**Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola – Alagoas**”, diante da qual garantimos o egresso de 160 alunos quilombolas à universidade.

Conforme o *Inciso II* do mesmo artigo – que trata da realização de projetos de extensão e de cultura que versem sobre os afrodescendentes e as relações étnico-raciais no Brasil; contribuímos com o **Eixo Extensão** por meio das ações abaixo:

- A realização do **Evento de inauguração** deste núcleo e do *Curso de Pedagogia Quilombola* ocorrido no mês de agosto do corrente ano no Campus Zumbi dos Palmares com a presença das coordenadoras Adriana Rocely e Dariana Nunes, além da comunidade acadêmica e local e de sumidades no assunto, como o Prof. Zezito de Araújo. O evento também contou com apresentações culturais, como o show do artista Jah Alagoas Thiago Correia;
- **Coisas de gente grande e miúda** - projeto musical que reúne os artistas Tatá Erê, músico e com-



positor, e o professor e escritor Jeová Santana, coautor de parte das canções. Dele derivaram-se espetáculos em que se explora o universo infantil e adulto em torno de questões existenciais e sociais, a partir de atividades multidisciplinares permeadas por músicas autorais e releituras do cancionero popular que tenham essa tendência estética. A ideia é que essas práticas resultem em um ambiente marcado por multilinguagens, ludismo e interação, no qual a plateia formada por pais, filhos e alunos de escola pública seja estimulada a participar ativamente;

- A participação do Neab *Aqualtune* em julho desse ano no evento aberto à comunidade escolar e local chamado “**(Julho das) pretas na ciência**” – evento que ocorreu no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) de Maceió, por meio de mesas redondas formadas por mulheres sobre: 1. protagonismo de mulheres negras no movimento negro, nos movimentos sociais e lutas populares, 2. práticas educadoras de mulheres e muitas pedagogias e 3. o cuidado de mulheres negras em Alagoas, saúde e religião. Este evento consolidou a interação entre todos os neabs e neabis do estado alagoano, bem como, com a Fundação Cultural Palmares (FCP);
- A criação e realização do Projeto Extensionista Memórias Singulares (PEMSI), com o objetivo principal de capacitar docentes e discentes da UNEAL e membros da comunidade de União dos



Palmares e cidades circunvizinhas para a produção de documentários, com foco nos aspectos históricos, sociais e culturais locais. Uma vez capacitados, os integrantes do projeto atuarão como multiplicadores do conhecimento compartilhado durante as oficinas, bem como na produção das referidas obras fílmicas. Atualmente, o projeto é composto por uma docente da UNEAL, uma docente e quatro alunos da rede pública estadual de educação. Os trabalhos do projeto iniciaram no dia 27/06/2024 com a ministração de oficinas sobre a produção de audiovisual e seguem com reuniões quinzenais para a elaboração de roteiros e produção de documentários. Até o momento, três documentários estão em fase de produção: - **Um mosaico chamado Serra da Barriga** - neste minidoc se busca entender como diversos segmentos da sociedade palmarina enxergam a Serra da Barriga e o que especialistas têm a dizer a esse respeito. - **União: Arte e memória** - o documentário visa entrevistar artesãos, mestres e entusiastas da cultura local, observando seu trabalho na conservação das tradições de União dos Palmares. - **Mesmo Quilombo, outra visão** - neste documentário, acompanharemos os alunos do curso de Pedagogia Quilombola, do polo de União dos Palmares, em sua trajetória desde a entrada na universidade até a sua formatura.



De acordo com *inciso III* do referido artigo – que se refere a criação e realização de parcerias com projetos de pesquisa que tratem da população negra no Brasil; contribuímos com o **Eixo Pesquisa** através de:

- O Núcleo de Estudos Linguísticos/NELING da UNEAL – que trabalha com processos do português brasileiro falado por quilombolas alagoanos – através do qual submetemos projeto ao PIBIC/FAPEAL/UNEAL de n.º 26/2024 intitulado “**Análises sociolinguísticas de processos do português brasileiro falado por quilombolas alagoanos**” e garantimos uma bolsa de iniciação científica para um de nossos alunos;
- O núcleo de pesquisa chamado “**A leitura oral do poema**”, coordenado pelo professor Jeová Santana.

Na ânsia de seguirmos contribuindo de forma efetiva e pontual com as discussões sobre a comunidade negra, feminina e LGBTQIAPN+ no estado de Alagoas, objetivamos contemplar os *incisos* abaixo:

- **VI** - Fornecer apoio técnico-científico a grupos de pesquisa internos e externos à UNEAL para aprimoramento do domínio dos estudos afro-brasileiros, mediante formações e acervo bibliográfico aberto à comunidade;
- **VIII** - Apoiar e fomentar a cooperação com instituições de ensino, pesquisa e extensão, governos e sociedade civil do continente africano;



- **IX** - Assessorar a Reitoria e outros setores da alta administração em projetos de cooperação com países africanos em assuntos ligados às culturas africanas e afro-brasileiras;
- **XII** - Produzir e manter uma publicação semestral/anual no formato de revista eletrônica;
- **XIII** - Estabelecer parcerias com organizações e movimentos sociais, especialmente, mas não exclusivamente, na cidade de União dos Palmares, onde estamos situados, para construir iniciativas voltadas à promoção, na região, de estudos acerca do continente africano e das relações étnico-raciais no Brasil;
- **XVI** - Apoiar e desenvolver ações para o empoderamento das mulheres negras e da juventude negra;
- **XVII** - Divulgar as atividades desenvolvidas pelo Núcleo e seus respectivos resultados nas escolas, órgãos e instituições educacionais locais, bem como, em eventos científico-culturais de âmbito nacional e internacional, e em periódicos, meios de comunicação impressos e digitais;
- **XVIII** - O Neab *Aqualtune*/UNEAL se compromete também a apoiar iniciativas que tratem da temática indígena na UNEAL, conforme os parâmetros da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e com a Lei n.º 11.645/2008.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros *Aqualtune* foi criado e as contribuições que têm dado desde então para o tripé ensino, pesquisa e extensão em resposta às leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008 que versam sobre as diretrizes para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira, fugindo ao enalço de trabalhar a história do negro somente sobre a perspectiva escravocrata dando ênfase, assim, ao protagonismo negro e a sua imensurável contribuição para o processo de formação deste país.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS 24 HORAS. **AL: Jovens negros têm risco de morte 8,75 vezes maior do que brancos.** Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/367494/al-jovens-negros-tem-risco-de-morte-875-vezes-maior-do-que-brancos/>. Acessado em: outubro de 2023.

EXAME. **Os estados brasileiros mais perigosos para jovens negros.** Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-estados-brasileiros-mais-perigosos-para-jovens-negros/>. Acessado em: outubro de 2023.

IPHAN. **Serra da Barriga (AL), Região do Quilombo dos Palmares.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1607>. Acessado em outubro de 2023.

Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acessado em: outubro de 2023.



GOVERNO FEDERAL. **1º Seminário Nacional de Vigilância em Saúde da População Negra**. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seminario_nacional_saude_pop_negra.pdf. Acessado em: outubro de 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradutor Marcos Bagno, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].


MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MULHER SEGURA. **Mapa da Violência Contra a Mulher em Alagoas 2021**. Disponível em: <http://mulhersegura.seguranca.al.gov.br/cartilhas-mulher/mapa-da-violencia-contr-a-mulher-em-alagoas-2021/>. Acessado em: outubro de 2023.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

TRIBUNA HOJE. **Violência contra LGBTQIA+ em Alagoas: em 2022, 10 foram mortos e 617 denúncias de agressões registradas**. Disponível em: <https://tribunahoje.com/especial/2022/10/26/2-violencia-contr-lgbtqia-em-alagoas-em-2022-10-foram-mortos-e-617-denuncias-de-agressoes-foram-registradas>. Acessado em: outubro de 2023.





16. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS: CULTURA, TRADIÇÕES E SABERES DO LUGAR NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL NOÉ SIMPLÍCIO

Ana Cristina de Lima Moreira

<https://orcid.org/0000-0001-7627-3812>

E-mail: cristinamoreira@uneal.edu.br



INTRODUÇÃO

A vasta extensão territorial do Brasil e o processo de formação sociocultural, contribuíram de forma significativa para ser um país de diversidades, pluralismos e multiculturalismo, que, por vezes, foram esquecidos e/ou não valorizados na sociedade e especificamente no cotidiano escolar. Na contemporaneidade, ainda é percebido uma lacuna diante da discussão em pauta, tendo em vista os trabalhos que são desenvolvidos nas escolas de educação básica, sendo necessário buscar reforços nas Universidades que oferecem cursos de formação de professores, no intuito de garantir que a escola não se distancie dos seus propósitos.

Nesse contexto, percebe-se que, a cultura desenvolvida, principalmente nas escolas públicas, pode proporcionar uma política que viabilize a busca de novos

olhares acerca das práticas desenvolvidas, tendo em vista que é o espaço de ensinar e aprender livremente, dando ênfase aos seus protagonistas.

Neste século vê-se com mais intensidade a discussão da necessidade de mais eficácia das práticas escolares como objeto de estudo no âmbito acadêmico, haja vista que a expansão das Universidades pelo interior, proporcionou de forma significativa aos professores dos cursos de licenciaturas novos olhares, bem como a possibilidade de abordagens e análises que contribuam para dar significados e ressignificados a cultura do lugar no cotidiano escolar através de suas práticas.

Nesse propósito, é preciso entender que a escola tem sua cultura própria e definida por seus sujeitos, ou seja, alunos, professores e a comunidade em que está inserida. Para tanto, a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL tem tentado cumprir com seu papel de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, conforme Art. Da Constituição Federal” (Brasil, 1988). É fato que ainda há uma complexidade acerca da prática da extensão universitária em sua totalidade e especificamente nesta proposta que enfatiza o aspecto cultural e os sujeitos do lugar.

Pensar em extensão é vislumbrar a possibilidade das universidades abrirem suas portas para ir ao encontro das comunidades, dando autonomia às escolas através da prática docente. É nessa prática que a Universidade se debruça a torná-la real, criando mecanismos que beneficiem a comunidade e transformem os sujeitos do lugar em protagonistas, dando continuidade ao que foi proposto com a teoria. O



embasamento teórico está ancorado em Brandão (1978), Tuan (1983), Claval (2014), Candau (2008), Síveres (2013) cuja metodologia está embasada em leituras dos autores citados dentre outros que possam contribuir, contação de história para as crianças, palestras para a comunidade, encontros com a comunidade escolar para planejamento e entrevistas orais com os moradores, bem como trabalhar a cultura religiosa através da prática (cavalhada e banda de pífano).

A UNEAL tem avançado na proposta de integrar a Universidade à sociedade, fugindo, pois, das teorias sem práticas, promovendo momentos de estudos, de encontros nas comunidades e projetos que intensificam a presença da ação extensionista nas escolas e nas comunidades. O Projeto de Extensão: Cultura popular do lugar no cotidiano escolar, desenvolvido no Povoado Bonifácio, em Palmeira dos Índios, na Escola Municipal Noé Simplicio através da Geografia Cultural tem apresentado propostas, discutindo e trabalhando na prática a cultura popular, destacando a Festa do Padroeiro na referida localidade, especificamente a cavalhada e a banda de pífano infantis.

Sendo a cavalhada uma cultura do lugar, foi feito um estudo relacionado às questões socioculturais que caracterizam o Povoado Bonifácio. Contudo, para o alcance de uma compreensão mais profícua dos afazeres que identificam a religiosidade popular e suas tradições que estão diretamente ligadas à Festa do Padroeiro.

Vê-se que a cavalhada é uma corrida equestre que nos remete à Idade Média, com a batalha entre mouros e cristãos, cuja cor azul representa os Cristãos/Católicos e o



vermelho os Mouros/Islã. Nessa proposta foi implantada a Escola de Cavallhada e Banda de Pífano Infantil no contexto escolar com as crianças do Ensino Fundamental anos iniciais, sendo considerado um projeto pioneiro em Alagoas, haja vista quem ensina às crianças são os cavaleiros e tocadores (nomenclatura usada para identificar os componentes da banda de pífano) e utiliza-se a escola.

A Extensão é um dos caminhos que identifica o propósito da Universidade enquanto Instituição Social, além dos estudos científicos e dos serviços educativos, leia-se pesquisa e ensino, visto que ela dá voz aos sujeitos. É dessa forma que se pode falar em possibilidades de uma formação plena, que contemple a leitura crítica do mundo para o exercício da cidadania e a preparação para o mercado de trabalho.

Entendendo as limitações da UNEAL, no quesito transporte no deslocamento de alunos e professores para irem ao encontro das comunidades, foi feita uma parceria com a Secretaria de Educação do Município de Palmeira dos Índios, a comunidade escolar e o apoio da gestão da Escola Noé Simplicio, coordenadores e professores além dos pais dos alunos e a comunidade como sujeitos participativos e colaboradores no enfrentamento dos desafios.

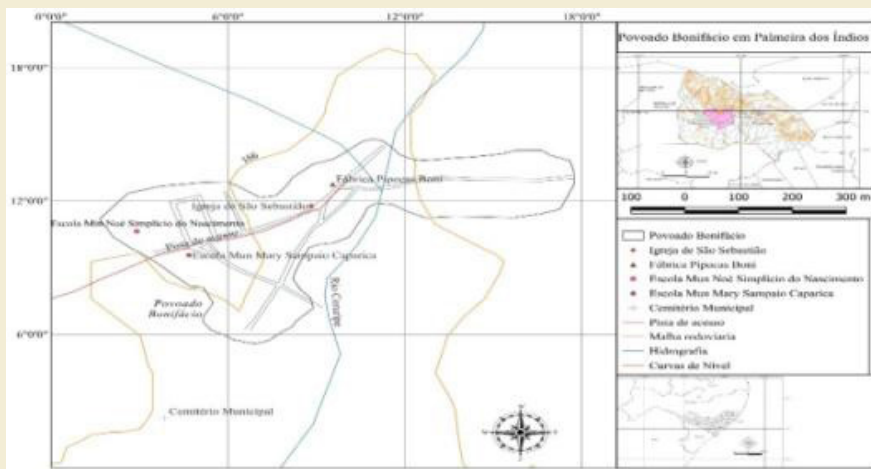
A CULTURA DO LUGAR: POVOADO BONIFÁCIO EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS

Para Tuan (2023, p.219) “O lugar é um mundo de significado organizado” é nesta perspectiva que é destacado o povoado Bonifácio localizado a 27 km do centro urbano



de Palmeira dos Índios, formado em torno de 123 famílias, que, em sua maioria, vive da agricultura. O povoado citado fica próximo da comunidade quilombola da Tabacaria, um aspecto que pode contribuir para que a multiculturalidade possa aflorar no cotidiano escolar. É importante apontar a relevância dessas experiências coletivas, levando oportunidades para os alunos do Curso de Geografia da UNEAL, *Campus III* e a comunidade do Bonifácio essa dinâmica através da temática em pauta, que, apesar de muito conhecida, ainda é pouco praticada.

Mapa do Povoado Bonifácio



Fonte: Araújo; Barros,2024.

Conforme mapa, o Povoado tem acesso fácil, igreja, cemitério, hidrografia, escolas e o destaque vai para aspecto econômico com a Fábrica de Pipoca BONI, nome

em homenagem ao povoado e também está atrelada ao aspecto religioso, visto que apesar das lutas para edificá-la, atribuem o sucesso a um morador antigo que ainda faz parte das memórias conhecido como “rezador” que morava onde está situada a referida fábrica. Esse fato fez com que acreditassem que o lugar é abençoado, justificando a importância da fábrica como sustento para várias famílias. Os atos devocionais são outras formas de externar suas resistências, enfrentamentos, desafios e as superações atreladas à fé no padroeiro.

Hoornaert [et. al] (2008, p.344) diz que “na religião popular, o tema do poder de Deus é absolutamente central, é Deus quem dá força aos fracos e mais ninguém”. Entender os significados da religiosidade popular no aspecto social é fundamental para não ignorar essa cultura. Para tanto, é necessário entender que

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social.(Candau, 2008, p. 17).

Vale salientar que, é evidente a necessidade de se debruçar sobre esse tema, sob o olhar da Geografia, enfatizando com criticidade a importância dos significados e ressignificados das tradições devocionais em seus aspectos socioculturais presentes nas cavalhadas, nos folguedos e festas dos padroeiros, podendo ganhar



grande destaque e prestígio pela escola como objeto de estudo, pesquisa e prática, rebuscando a identidade de cada sociedade.

É perceptível a presença marcante da religiosidade popular no Povoado Bonifácio, com a Festa do Padroeiro São Sebastião e suas manifestações religiosas, como novena, missa, procissão, devoções, promessas e a cavallhada. Mas há também uma forte devoção a Padre Cícero do Juazeiro que, não menos importante, é concebido como “Santo”, mesmo que sua imagem não estando no altar, recebe grandes homenagens dos romeiros (adultos e crianças) que vão a Juazeiro todos os anos, e na comunidade fazem a “Festa do Padim”, com missa, banda de pífano, leilão e cavallhada.

Há uma observação importante a esse respeito, levando em consideração que São Sebastião é o padroeiro, mas existem mais estátuas de Padre Cícero, de São Sebastião na comunidade, nas praças, assim como, também, na entrada das casas em tamanho considerável. A festa do padroeiro é um acontecimento comum ainda neste século em vários lugares, desde as capitais aos espaços rurais.

Azzi (2008 p. 15) diz que “a evangelização das terras brásilicas, iniciada em meados do século XVI, processa-se dentro da perspectiva medieval de conquista do território para a fé católica”. Contudo, reside a necessidade de discutir como se deu a formação do território, enfatizando a valorização do lugar, os afazeres das pessoas, suas histórias e memórias. Essas memórias estão ligadas intrinsecamente às injustiças sociais, pois a busca pelo



sagrado por vezes ocorre em detrimento do esquecimento dos necessitados, injustiçados e excluídos, por parte da conjuntura política.

Para Tuan (2013, p.223) “Os lugares de importância pessoal não mudam com o passar dos anos”. Na comunidade Bonifácio é atribuída a São Sebastião a cura das pessoas na época da cólera, nos anos 50 do século passado, o que proporcionou a devoção ao referido Santo, ocasionando a construção de uma igreja datada de 1915. Sobre essa questão, Claval (2014, p.53) diz que “era, entretanto, difícil ignorar o fato religioso: em um país cristão, a paisagem é pontuada de igrejas, calvários, cruzeis[...]” fato recorrente em nosso país em uma infinidade de lugares, nos espaços urbanos ou rurais.

Diante dos relatos, fez-se opção em fundar uma Escola de Cavahada e Banda de Pífano Infantis, na escola Noé Simplício, visto que trata de uma manifestação religiosa. Não obstante, os protagonistas são tocadores da Banda de Pífano da Comunidade Quilombola da Tabacaria, os cavaleiros do lugar e das localidades vizinhas. É dessa forma que faz a diferença da cultura presente na escola, levando em consideração que mudanças e adaptações ocorrem na contemporaneidade e a escola nem sempre consegue acompanhá-las. Nesse contexto, aponta-se que:

Escolas são instituições históricas e culturais que se assemelham na arquitetura e na estrutura organizacional. Ao mesmo tempo, cada escola é território



diferenciado, em que subgrupos sociais com diferentes interesses se diferenciam mutuamente, caracterizando sua cultura, dentro de determinado tempo, espaço e local .(Falsarella, 2018, p. 623).

Foi pensando nessas questões que se lançou na Escola Municipal Noé Simplício a proposta de investigar as especificidades, objetivando a ênfase da identidade cultural. Nesse aspecto, Síveres (2013, p.20) diz que“ é adequado dizer que a extensão é um jeito de ser, uma maneira de dialogar e uma possibilidade de aprender”, sendo importante que se tenha novas perspectivas, principalmente na escola, onde a educação pode enxergar sob uma ótica de criticidade e pluralidade a realidade para trabalhar a teoria e prática tendo como referência a Extensão Universitária.



DA TEORIA À PRÁTICA

O Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas se propôs a abrir as portas da Universidade e ir ao encontro da comunidade, e foi assim que aconteceu na Escola Noé Simplício. A princípio, foram expostos à comunidade escolar os objetivos do projeto para apresentar as possibilidades e os possíveis desafios, sem desviar a importância das práticas docentes eficazes para a aprendizagem, visto que são elas que irão nortear o processo.

Após as primeiras conversas, iniciou a apresentação e planejamento de quando e como executar, para tanto, foi necessário a presença de uma equipe de cavaleiros do lugar

e da região, os componentes da banda de pífano da Comunidade Quilombola da Tabacaria, o Presidente da Associação da Comunidade Bonifácio para alinhamento com a equipe gestora e as professoras que estariam diretamente ligadas às propostas, ou seja, Geografia, História, Artes (6º ao 9º) e a do Ensino Fundamental (1º e 2º anos iniciais).

A princípio, a teoria foi posta em ação, ou seja, foram explicados, discutidos e trabalhados alguns autores que se debruçam sobre a importância da temática com o grupo citado para que fosse entendida a proposta e a prática fluir, haja vista que o objetivo maior era o entendimento da proposta. Assim, os alunos dos 8º e 9º formaram equipes para que juntamente com os alunos do Curso de Geografia, fossem em busca de pessoas que eles consideram importantes na comunidade. Foi destacado que essa importância não era a financeira e sim a representatividade, a identidade.

Com ajuda dos professores foram indicadas algumas pessoas, e a partir delas a oralidade foi posta em prática, com entrevistas semiestruturadas, momento em que os alunos (UNEAL e Noé Simplicio) escutaram atentamente os relatos do povo, momento em que cada um livremente, deu seu testemunho contado sua história. Não foi feito recorte quanto à idade, poder aquisitivo, grau de escolaridade ou grupo étnico e sim, pela representatividade enquanto membro da comunidade. As entrevistas serão transformadas em livro impresso que deverá ficar na Escola, na Secretaria de Educação do Município e na UNEAL.

Concomitantemente, as crianças visualizavam os slides com imagens sobre as cavalhadas que chamavam a



atenção, e assim despertavam a curiosidade, com muitas perguntas já que a prática é conhecida naquele lugar. Nesse propósito, busca-se entender significados sobre a cultura, o folclore dos lugares que Brandão (1978, p. 14) “Mais ainda que pastoris, as cavalhadas são torneios e divertimentos executados por pessoas das classes mais elevadas da sociedade.” A contação de história e a apresentação de fotografias de pessoas conhecidas foram de extrema importância, porque eles reconheciam tios, primos, pais, fazendo o momento prazeroso.

Sobre a presença da Universidade nas escolas de Educação Básica, informando, construindo, reconstruindo e utilizando-se das teorias e das práticas, é;

Considerando, portanto, o jeito de ser da universidade, por meio de um movimento de encontro e procura, de adesão e expansão, de enraizamento e transcendência, a novidade está, justamente, nessa fecundação entre os saberes acadêmicos e comunitários, nessa articulação entre os conhecimentos básicos e aplicados, nessa fusão entre os projetos institucionais e sociais, nessa projeção regional e internacional, ou nessa sincronicidade entre a unidade e a diversidade. (Síveres, 2023, p.2013).

É nesse jeito de ser da Universidade que se busca a expansão do que é proposto, na tentativa de que mesmo no mundo da tecnologia ela não se distancie da sociedade e do lugar que a identifica, preocupação citada por Veiga Neto (2003, p.110 *apud* Candau, 2008, p.16) “Sentimos que a



escola está em crise porque ela está cada vez mais desenraizada da sociedade”. A extensão universitária consegue, nas entrelinhas, chegar a esse patamar, alcançando as culturas da escola e do lugar em que ela está inserida.

Foi pensando nessas questões que se lançou na Escola Municipal Noé Simplício a proposta de investigar as especificidades objetivando a ênfase da identidade cultural. A partir do escutar o outro, ouvir suas lutas, seus sonhos, suas histórias, foi possível aos alunos entenderem um pouco mais as particularidades do Povoado Bonifácio. Diante das aflições da época da cólera, buscaram a religiosidade para pedir a São Sebastião; a saúde dos doentes, dando uma contrapartida, ou seja, pagamento de promessas, dentre elas edificar a igreja em homenagem ao padroeiro.

Falsarella (2018, p. 623) afirma que “os membros de uma instituição escolar partilham experiências de condutas, crenças, emoções, valores, formas de compreensão e, também, conflitos e desacordos, que os caracterizam como grupos”. Assim, as entrevistas também contribuíram de forma significativa para entrevistados e entrevistadores, entenderem e conhecerem a sua história, que em meio às situações difíceis enfrentadas pela seca da região, a comida foi dividida e foi dado abrigo aos sem teto que andavam em busca de melhores condições de vida.

Ainda nesse contexto, foi percebido que, na devoção aos Santos, as pessoas atribuem a força que eles precisam através da oração com os que rezavam e benziam, mas tiveram sabedoria em buscar novos caminhos e soluções para os problemas econômicos, dentre eles: a fundação da



Associação, a abertura da Fábrica de Pipocas Boni, o acolhimento aos jovens e crianças quilombolas e principalmente a valorização da educação escolar.

Para tanto, sobre o momento atual, Candau (2008, p.16) alerta que: “as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje.” A implantação da Escola conta com os membros da cavalhada e tocadores da Comunidade Quilombola que, voluntariamente, uma vez por semana, visitam a escola para ensinar e dividir seus saberes através do som da banda de pífano e dos ritos da cavalhada, obedecendo às respectivas tradições.



DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA

Diante da ideia, alguns desafios fizeram parte do percurso da temática trabalhada na disciplina Metodologia em Geografia, dentre eles a localização do povoado Bonifácio, visto que mesmo não sendo distante e sendo de fácil acesso, está na zona rural e precisa de transporte para os alunos da UNEAL. Então, a falta de transporte é um dos gargalos para a execução da Extensão Universitária, visto que a referida IES, não dispõe de transportes suficientes que atendam a todos os *Campi*.

Mas em meio aos desafios, têm-se as possibilidades que permeiam em fazer parcerias, principalmente com os órgãos públicos, a exemplo a Secretaria de Educação

Municipal, que entendeu a necessidade da presença da Universidade em suas escolas, viabilizando os transportes para os alunos irem à Escola Noé Simplício, bem como seus alunos visitarem a UNEAL e garantir as apresentações da (escola de cavalhada e banda de pífano) em escolas públicas e privadas, atendendo a convites. Na ocasião das apresentações, é explicado ao público o objetivo do projeto, a história das batalhas medievais e seus simbolismos em Alagoas.

CONCLUSÃO

Diante da experiência vivida na Escola Municipal Noé Simplício constata-se a relevância do Projeto de Extensão: cultura do lugar no cotidiano escolar e a necessidade para o currículo, para a vida, a vivência e o impacto na sociedade. É indiscutível que é algo novo acontecendo, a cultura sendo estudada da teoria à prática. Contudo, pode ser observado que há algumas dificuldades, às quais chamamos de desafios, que podem inviabilizar a realização de alguns projetos de extensão com sucesso. No entanto, podem ser solucionados ou minimizados com parcerias, conforme citado no texto.

A fundação da Escola de Cavalhada e da Banda de Pífano infantil é uma realidade na escola, cujos protagonistas são os moradores e pessoas da região, ficando a Universidade como uma mediadora entre a teoria e prática, visto que está consciente do seu papel e a função da escola como ambiente de aprendizagem e interação.

Conclui-se que a Extensão é prazerosa e importante, mas não é fácil de ser executada. No entanto, é indiscutível



a necessidade de buscar as possibilidades, sendo conscientes de que é a partir delas que se deve organizar, planejar e buscar a realização de atividades nas comunidades, pois entende-se que é imprescindível para a educação escolar “o aprender e a valorizar da cultura do meu lugar” em seus vários aspectos.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. **A igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. São Paulo: Santuário, 2008.

ARAÚJO, Livia Maria Correia; BARROS, Gustavo Souza, 2024. BRANDÃO, Thel. **Cavalladas em Alagoas**. Cadernos de Folclore, 1978.

BRASIL. **Constituição do Brasil**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em outubro de 2024.

CANDAUI, Maria Vera; MOREIRA, Antônio Flávio.(Orgs). **Multi-culturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 2008.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Trad. Luís Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta.4 ed. rev. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 39, n. 144, p. 618-633, jul./set, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?s->



cript=sci_arttext&pid=S01013302018000300618&lang=pt.
Acesso em: 14 novembro de 2024.

HOORNAERT, Eduardo (et al.]. **História da Igreja no Brasil-Primeira Época - Período Colonial**. 5 ed. Petrópolis (RJ):Vozes,2008.

SÍVERES, Luiz.(Org.) **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Rio Claro: DIFEL, 1983.



Este livro compartilha experiências de projetos e programas que contribuíram na formação das comunidades acadêmicas na Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). São relatos de ações interdisciplinares que expressam a concepção de extensão consolidada pela Política Nacional de Extensão, a começar pelo exercício da autotransformação que a via de mão-dupla entre academia e sociedade permite, na práxis do conhecimento acadêmico. Mais do que aplicar e transferir conhecimento, as experiências relatadas pelos projetos apresentadas, ao passo que aproximam as universidades alagoanas de seus territórios, aproximam essas universidades de suas missões precípuas: tornarem-se universidades do povo. Já dizia Freire: para ser popular, ela (a universidade) precisa deixar de excluir os filhos do povo.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

Maria Anezilany Gomes do Nascimento
Pró-Reitora de Extensão da Universidade Estadual do Ceará

